

Maria Mafaciolli Pandolfo

De Braços Abertos para a Vida

Autobiografia

AC

ACERVUS

Estou, francamente, lisonjeada, e até comovida, com o convite que me foi feito para fazer a introdução deste livro.

Esta obra é um estímulo para reafirmar a fé na vida. A sua leitura transforma a nossa alma, muda nossos olhares e esperanças!

Um livro profundo!

Você vai se comover com todas as experiências de alegria e superação vivenciadas por esta mulher.

Dona Maria é uma mulher surpreendente, guerreira, forte, sábia e corajosa. Não poderia listar aqui todas as suas virtudes e qualidades, mas de tudo o que mais aprecio é a amizade verdadeira que nos une. Recebi este presente de Deus e durante estes quase quarenta anos de convivência pude conhecer a trajetória de sua vida: uma mulher cheia de fortaleza e fé, admirada por todos que a conhecem, por seus familiares e amigos.

Através da leitura desta obra, veremos que Maria, no transcórrer de sua vida, encontrou em Jesus e Maria a sua força, seu escudo e proteção.

Com grande confiança em Deus, soube também carregar a sua cruz com uma atitude de fé, oração e vivência da “Palavra de Deus”, superando as tribulações e reveses da vida, sabendo que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus.

Maria Mafaciolli Pandolfo

*De Braços
Abertos
para a Vida*
Autobiografia



Passo Fundo
2020

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pela autora em: 14/09/2020

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

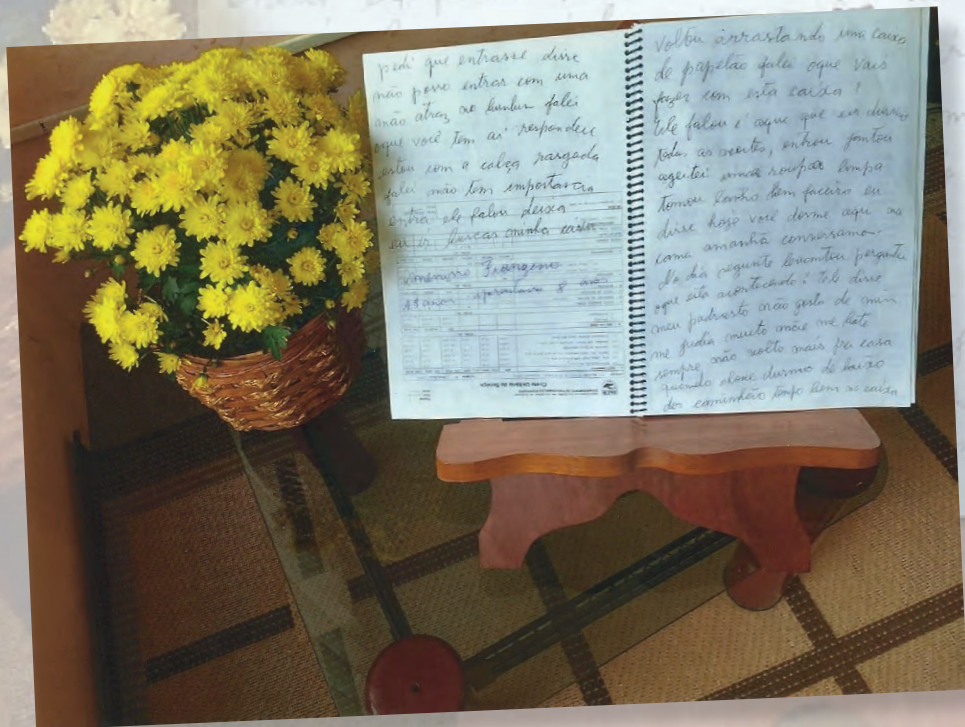
P189b Pandolfo, Maria Mafacioli
De braços abertos para a vida [recurso eletrônico] :
autobiografia / Maria Mafacioli Pandolfo. – Passo
Fundo: Acervus, 2020.
3 MB ; PDF.

ISBN: 978-65-86000-31-3.

1. Pandolfo, Maria Mafacioli - Autobiografia.
2. Memória autobiográfica. 3. História da família.
I. Título.

CDU: 929

De “rabiscos em rabiscos”,
fui costurando a história da minha vida...



Maria Mafaciolli Pandolfo

Sumário



Capítulo I	
<i>Inaugurando a Vida</i>	9
Capítulo II	
<i>Muito e Muito Trabalho!!!</i>	21
Capítulo III	
<i>Bailando</i>	31
Capítulo IV	
<i>Heitor “Ganha” Maria</i>	37
Capítulo V	
<i>O Namoro Engrena</i>	39
Capítulo VI	
<i>O Enxoval</i>	43
Capítulo VII	
<i>O Dia do Casamento</i>	47
Capítulo VIII	
<i>A Necessidade Faz Acontecer</i>	53
Capítulo IX	
<i>Situação Desesperadora</i>	63

Capítulo X	
<i>Mudar É Preciso</i>	65
Capítulo XI	
<i>Uma Nova Mudança</i>	67
Capítulo XII	
<i>Grande Decepção</i>	75
Capítulo XIII	
<i>Um Feliz Encontro</i>	81
Capítulo XIV	
<i>Retorno a Passo Fundo</i>	93
Capítulo XV	
<i>Meu Porto Seguro</i>	103
Capítulo XVI	
<i>Filhos do Coração</i>	115
Capítulo XVII	
<i>Natais, ahhhh os natais...</i>	121
Capítulo XVIII	
<i>Alegrias da Vida</i>	133
Capítulo XIX	
<i>Uma Difícil Despedida Temporária</i>	161
Capítulo XX	
<i>Rememorações</i>	167
Capítulo XXI	
<i>A Vida Merece Generosidade</i>	175

Prefácio



Querida mãe! Agradeço, infinitamente, por ter me dado a vida e pelo seu grande carinho, amor e dedicação durante todos esses anos. Agradeço por tudo que tem feito por nós! Admiramos sua invejável força em vencer obstáculos, sua persistência, sua força de vontade e, sobretudo, seus ensinamentos. Você é uma enorme referência para nós, filhos, familiares e amigos. Peço que Deus sempre te proteja e te abençoe. Você está eternizada em nossos corações!

Adalberto, filho

No lar em que cresci, a fé sempre existiu. A casa de meus pais foi um verdadeiro templo do crer.

Existe um cântico da Igreja Católica chamado “Maria do Sim”. Vejo que nele se enquadra, perfeitamente, a essência da nossa mãe, Maria.

Ela sempre foi um sim para a família, um sim para qualquer situação em que precisassem da sua presença, quer fosse para ajudar na solução de um problema, para dar uma bênção ou fazer uma oração, para oferecer seu carinho e alento, para uma caridade ou, até mesmo, para correções ou reparos necessários.

Nela existe a superação, o afeto, a fortaleza e o amor.

Sempre digo que ela é uma escola, pois possui uma inteligência genuína, uma memória fantástica e uma incrível capacidade de manter-se interessada pelo novo.

Existe muita vida e muito amor dentro de cada “sim”.

A minha admiração e o meu amor por essa Maria são concretos, já que conto com sua presença doce e forte. Sou uma pessoa feliz e abençoada por poder ter essa convivência.

Obrigada pelo teu amor, mãe, por tudo e para sempre. Te amo!

Adriana, filha

Mãe, seus relatos e lembranças irão nos surpreender nesse livro, pois a nossa vida é marcada pelo seu amor e dedicação à família e pela sua determinação em ajudar e ensinar quem precisa, sempre com muita fé e perseverança.

É um presente que nos oferece com muito carinho e sensibilidade. Nós amamos você.

Como as lembranças às vezes querem escapar de nossa memória, aqui teremos relatados momentos importantes e felizes da vida, contados com emoção e sabedoria. Ao lermos as suas histórias, teremos a oportunidade de reviver e relembrar episódios do nosso próprio passado. Elas estarão gravadas, para sempre, nesse precioso livro. Querida mãe, temos gratidão por essa joia que você está nos proporcionando desfrutar. Muito obrigado por tudo isso!

Adroaldo, filho

Capítulo I

Inaugurando a Vida



Eu, praticamente, não tive infância. Nasci no distrito de Guaporé, Vila São Luiz, caminho da estrada entre Muçum e Vespasiano Corrêa. Sou a quarta filha. Antes de mim vieram Genuíno, Genuína e Ernesto, e, após, Darci e Nilson.

Uma coisa engraçada é que, de pequena, eu me sentia rejeitada. Acontece que havia um senhor moreno que morava na nossa terra. O nome dele era Marccelo e, como eu era a mais morena dos filhos, me chamavam de Marccel. Então, eu achava que não era filha legítima dos meus pais, apesar da minha mãe ser bem morena, assim como toda sua família italiana.

A mãe sempre teve parteira que vinha em casa. O meu parto, como todos os outros, foi normal.

As maiores lembranças que eu tenho desse tempo são da minha avó materna, Teresa. Eu gostava muito de ficar na casa dela, que ficava de três a quatro quilômetros de distância da nossa propriedade. Uma vez meu irmão Ernesto, que devia estar com doze anos, foi caçar passarinhos com uma espingarda pequena. Eu fui junto para recolher os bichinhos e levar para a vó. Na volta, ele já vinha depenando os passarinhos para chegar em casa com eles limpos. Então, eu ia em uma mula grandona, mas muito mansa, em cima de um selim, que era a cela de mulher muito chique. Essa cela tinha uma saliência, toda bonita feita de metal, para passar a perna e ficar segura. Havia uma espécie de cone, onde era pendurada a sacola dos passarinhos e umas peças de roupa para mim. A sacola era feita de pano, pois ainda não existia plástico.

Em uma das vezes em que eu estava a caminho da casa da vó Teresa, eu encontrei um senhor que eu não conhecia. Ele me perguntou: Onde tu vai? Eu disse: Eu vou na Nona levar os passarinhos. Então, ele respondeu: Ma te cuida que quando tu passá no banhado, os sapos pulam pra fora e te comem os passarinhos! Aí, chegando no banhado, eu tinha um medo... Eu espichava a perna curta, pois tinha apenas quatro anos, para prensar a boca daquela sacola e não deixar os sapos pegarem os passarinhos. (risos) Há não muito tempo eu estive lá e disse: Logo ali tem um banhado. E o banhado continua, realmente, no mesmo lugar até hoje!

Era uma luta para minha mãe me levar para casa cada vez que eu ia na vó. Eu me escondia! A minha tia Inês, irmã da mãe, que ainda era solteira e morava com a Nona, me bajulava, assim como a vó também. E era isso que eu queria: lá eu era a rainha! Essa tia era só um pouquinho mais nova que a minha irmã Genuína, porque a minha avó casou duas vezes: do primeiro casamento ela teve cinco filhos, e do segundo casamento ela teve quatro filhas.

Essa tia Inês, que hoje está com 96 anos de idade e mora em Vespasiano Corrêa, brincava comigo e me paporicava tanto, que é a única tia que eu tenho na lembrança. Na época ela devia estar com 14, 15 anos de idade. Lembro que a minha avó fazia requeijão e fazia tipo forminhas pequenas de queijo. Depois ela deixava secando em uma tábua em cima do fogão, perto da chaminé, porque ali era quente. Aquelas forminhas ficavam fortes, picantes. Serviam como queijo para ralar. Um dia perguntei para a tia o que eram aquelas forminhas. Ela disse que era um queijo. Falei que eu queria comer e ela tirou uma forminha e cortou para mim. (risos)

A tia Inês tem os olhos verdes como o verde de uma folhagem. Até a minha cunhada Iracema falou, depois de um velório, não lembro se foi do meu cunhado ou da minha mãe em Guaporé: Maria, eu nunca vi olhos verdes! Essa, sim, tem olhos verdes! Ela sempre me chamou de Marieta, até hoje quando vou vê-la. Acho que faz uns cinco anos que não nos vemos. Ela está bem lúcida. Quero combinar com meu irmão Nilson, ou com um dos meus filhos, de irmos em um domingo de manhã para visitá-la e passar o dia com ela. É a única tia que ainda tenho, tanto por parte de pai, quanto por parte de mãe.

Então, de tanto que eu gostava de ficar com a vó e a tia Inês, quando diziam que a mãe estava vindo, eu já corria me esconder. E, em uma dessas vezes, eu fui me esconder embaixo de uma pilha de madeira que era elevada do chão, onde as galinhas entravam para fazer ninhos de ovos. As galinhas soltas sempre se protegem para fazer os ninhos e, depois, já aparecem com os pintinhos. Ali encontrei uma galinha chocando. São brabas, enquanto chocam os ovos, e eu entrei lá sem saber. Então, a choca me pulou e eu corri para fora, toquei ela e entrei embaixo da pilha de madeira de novo. (risos)

Outra vez encontrei um esconderijo que poderia ter custado a minha vida. Os colonos costumavam guardar as sementes de trigo, milho... em pipas velhas. Ali elas ficavam arejadas e protegidas da umidade. Essas pipas têm um quadrado em cima, e encontrei uma delas com o quadrado aberto. Então, para não voltar com a mãe, eu subi na pipa e entrei lá dentro, mas, quando eu vi o trigo, me assustei. Era uma escuridão lá dentro! Começaram a me chamar, me chamar e tive que me entregar: Eu tô aqui! (risos) Se tivesse muito trigo lá dentro, eu teria me afogado. Sorte que não era muito trigo para plantar!

A vó Teresa, querida, devia ganhar balas dos filhos, e ela guardava os pacotinhos de bala nos caibros da casa, que são aquelas peças de madeira que sustentam as ripas do telhado. Então, toda noite eu ia dormir com ela e ganhava uma bala. Daí a vó pedia para eu pegar nos braços dela: Olha os pelegati!, que é pelanca, né? E eu gostava de pegar nos braços dela que eram bem molinhos. Eu me sentia muito feliz com elas!

Costumava ficar por dias lá, só com a vó Teresa e a tia Inês, pois meu avô já era falecido. Meus irmãos não iam porque já trabalhavam, ajudavam em casa.

Minha irmã Genuína ia na escola. Não havia caderno. Era uma pedra do tamanho de uma folha de ofício. Em volta tinha uma moldura de madeira e se escrevia com um lápis grosso, como se fosse da espessura de um lápis de cera. O lápis era de pedra também. Escreviam lá o tema e, depois, apagavam. Tinha um livro para estudar. Então, essa minha irmã me ensinava a fazer as letras: Escreve mamãe. Eu tinha quatro anos. Ela me ensinava a fazer o “m”, depois o “a”... Eu fazia longe e depois eu grudava as letras na pedra, pois eu não sabia fazer junto, mas

eu sempre queria escrever na pedra. Essa minha irmã, por ser dez anos mais velha do que eu, foi minha segunda mãe, pois, como minha mãe verdadeira precisava ir para a roça, era ela quem ficava comigo. A mãe trabalhava na terra dos Kurtz Cangalha, na lavoura Strafoio, espalhando adubo. Hoje é onde fica o aeroporto.

A Genuína e o Ernesto iam todos os dias de manhã na escola, só o Genuíno não ia porque era mais adulto. O Genuíno, na verdade, saiu de casa porque ele queria ser motorista. Ser motorista, naquela época, era como ser astronauta hoje. E, como nós tínhamos um tio que morava em outro município e tinha um caminhão, e um bodegão também, o meu irmão, com quinze anos na época, foi morar lá para aprender a ser chofer. Ficou com esse tio por quase dois anos. Trabalhava com ele, sem ganhar nada, só para aprender. Ele voltou para casa com dezessete anos. Então, foi morar em Guaporé, sozinho, para ser chofer do gerente do Moinho Rio-Grandense. Eram pouquíssimas as pessoas que tinham essa profissão. E não tinha idade naquela época para ter carteira! Bastava saber dirigir! Foi quando ele arrumou trabalho para o meu pai. Nós ainda morávamos na colônia.

O pai vendeu as terras lá embaixo e viemos para Guaporé, onde ele comprou uma casa e uma chácara. O serviço dele no moinho era cuidar dos motores na casa das máquinas. Eu estava com seis anos e a minha irmã com dezesseis. A minha mãe pegou pneumonia, pois a gente mudou no dia 29 de junho e era um dia muuuito frio, com chuvisqueiro. Carregar mudança, descarregar... E ela já estava bem gripada. Ela pegou uma pneumonia braba! Imagino o que ela deve ter tido de trabalho para organizar as coisas, vender os animais, as vacas... Trouxemos apenas uma ou duas vacas junto.

Nessa época, então, meu pai foi trabalhar no moinho e minha irmã foi trabalhar na casa do seu chefe. Como minha mãe estava doente, essa irmã, Genuína, fazia a comida, dava um jeito na casa e, à tarde, ia faxinar para ganhar uns trocos e ajudar nas despesas. Em meio a tudo isso, meu irmão Genuíno saiu do moinho para ir servir. Foi servir o exército voluntário, pois, assim, poderia escolher para onde ir, por mais que, nessas condições, teria que ficar dois anos. Optou por Caxias, onde foi ser chofer do coronel.

Em função da doença da mãe, meu irmão Darci e eu íamos lavar as roupas bem longe, mais ou menos um quilômetro de distância, pois dava muita seca no verão e não queríamos deixar de alcançar água para os vizinhos. Todo mundo só tinha água de poço, e a maioria dos poços secava, mas o nosso era muito bom e não acontecia isso, graças a Deus! Íamos em um potreiro, onde tinha um riozinho que passava e formava uma ponte. Tinha mais gente que ia lavar roupa lá. Colocávamos uma tábua e ali toda roupa era lavada.

Até chegar nesse potreiro, conhecido como potreiro do Canelo, tínhamos que passar uma cerca e mais outra cerca. Levávamos o arame e empurrávamos a trouxa de roupa, o Darci com três, quatro anos e eu com sete. Só que lá tinha um touro muito brabo. Então, nós ficávamos cuidando o sinal, que era o berro dele, para ter ideia de onde ele estava. Aí corríamos até a primeira árvore, depois até a segunda, até chegar no rio, tamanho era o nosso medo do touro! Depois entrávamos em um valetão, onde ficávamos seguros para lavar a roupa, pois lá o touro do Canelo não ia. (risos)

Minha mãe, querida, mesmo estando na cama, ela pegava peça por peça antes de sairmos e me ensinava: Olha, essa aqui você esfrega no colarinho assim; as calças tu esfrega na barra, na cintura, nos bolsos... Tudo ela me ensinava: Primeiro de tudo tu ensaboa toda roupa, deixa amolecer. Depois tu esfrega tudo e manda colocar na grama. Lava antes todas as brancas e estende na grama. Aí lava as de cor e estende na grama. Era o Darci que fazia esse serviço. Ele estendia em uma cerca que tinha perto para ficarmos longe do touro. (risos) As primeiras peças eu estendia e mostrava para ele. Depois, minha mãe dizia, tu pega da primeira que ele estendeu no sol, traz para baixo e torce.

Assim, passávamos, praticamente, o dia todo lá. Levávamos um pedaço de pão seco. Água tínhamos do riozinho para tomar. Quando a roupa secava, fazíamos a trouxa de novo e voltávamos para casa. Tínhamos que esperar secar porque não aguentávamos carregar o peso da roupa molhada.

Enquanto isso, meu irmão Genuíno estava em Caxias. Ele era muito bonito, muito chique. Costumava mandar recortar as fardas. Ele tinha uma farda especial branca para usar quando saía com o coronel. A

filha do coronel se apaixonou por ele, tanto que, quando ele vinha nos ver, ela queria vir junto para conhecer nossa família. Então, ele quase nunca vinha para casa porque tinha que vir meio fugido dela! O Genuíno sabia que não podia trazê-la porque éramos pobres. Ele sabia que não podíamos dar a acolhida com que ela estava acostumada. A saída era escrever uma carta de vez em quando, já que nem telefone tínhamos. Ficou dois anos em Caxias e, depois, deu baixa e voltou para casa para ser chofer do Guerreiro! Era o prefeito de Guaporé! Ele tinha as fardas de cor cáqui, para andar todos os dias, e as fardas brancas, para viajar para Porto Alegre e coisas assim.

Quando o Genuíno voltou de Caxias, ele me trouxe uma boneca. Eu já tinha onze anos e nunca havia tido uma antes, mas, como meu interesse por brinquedos já não era tão grande, coloquei a boneca em um guarda-louça da sala. Próximo à nossa casa, morava a tia Maria, irmã do meu pai, que também era muito pobre e tinha muitos filhos, entre eles a Édiva, na época com quatro anos. Ela ia sempre lá em casa e ficava em frente aquele guarda-louça olhaaando para a boneca. Então, eu dava a boneca para ela brincar. Era uma boneca de celuloide, como diziam. Era toda grudadinha. Em um dos braços ela tinha um coelhinho e, no outro, uma cesta com cenouras. Vestia uma toquinha, um casaquinho mais curto que o vestido, sapatinho, meinha, mas tudo grudado. Ela era bonita, sim, porque não existiam muitas bonecas. Então, essa Édiva amava aquela boneca! Até que um dia eu disse: Eu não vou brincar, mesmo. Eu vou dar para ti e tu pode levar para casa. E ela, muito feliz, foi para casa com a boneca.

Porém, como eles eram muitos irmãos e era frio, a minha tia fazia fogo em um fogão de chapa e as crianças sentavam todas em volta desse fogão. Um dos irmãos da Édiva tinha alguma deficiência e, por essa razão, costumava implicar com as crianças. Até que um dia ela estava sentada com a boneca no colo e esse irmão se desentendeu com os outros. Aí jogou a boneca na boca do fogo. Essa menina chorou muito, mas eu fico bastante feliz por ter dado esse presente, essa alegria para ela, porque, nem um ano depois, ela ficou muito mal e foi para o hospital, onde logo faleceu. Ela devia ter um problema sério nos rins, mas, na época, não haviam exames para identificar.

Antigamente todas as mercadorias eram transportadas por carroças puxadas por mulas. Muçum tinha uma gasolina, que era um tipo de um vaporzinho que ia pelo rio a Porto Alegre, levando, inclusive, pessoas. Então, os mantimentos iam de carroça até Muçum, mas tinham que ter as casas de pasto porque não conseguiam fazer um trajeto muito longo durante o dia, pois, depois de dez, doze horas, as mulas não tinham mais força para seguir. Assim, à noite paravam nessas casas de pasto, onde tinha o pasto para as mulas. E a vila São Luiz, onde nasci, era uma referência, pois tinha uma casa de pasto. Ela era de pedra de alicerce muito bonita, bem feita, de dois andares. Em baixo havia um salão grande que servia para festas, bailes e também onde os carroceiros se alimentavam, e o andar de cima era o dormitório dos carroceiros. Também tinham os galpões para guardar as mulas, as carroças e dar o pasto para as mulas.

Como não havia salão da igreja, e a capela São Luiz ficava bem pertinho dessa casa, as festas da igreja eram realizadas ali. Era feita a procissão e, depois, todas famílias se reuniam nessa casa. Ela existe até hoje, apesar de ter passado por um incêndio, onde atividades continuam a ser realizadas. Em função desse incêndio, o andar de cima não existe mais, mas ela continua lá e é muito bonita!



Maria com um ano. A boneca e as cadeiras eram trazidas pelo fotógrafo. Todos com suas melhores roupas, mesmo sendo verão



1 de Fevereiro de 1986. Os 88 anos da mãe, um ano antes de sua morte.



*Bodas de Ouro, Ricieri e Sabina, meus pais, 1969.
Filhos, genro, netas, netos e noninha Tereza.*



*Mina, na varanda, com dezesseis anos; Maria com seis e Darci com dois anos.
Casa em Guaporé.*



*Maria com quatro anos e Darci com um ano e meio, na frente da casa de pedra.
Linha São Luís, Muçum.*



*Maria com 76 anos, na frente da mesma casa de pedra,
Linha São Luís, em Muçum, RS.*



*Casa em Guaporé. Na varanda Ricieri e Sabina.
Maria e Mina na janela à esquerda. Darci e Ernesto na janela à direita.*



Bodas de Ouro de Ricieri e Sabina com a noninha Tereza, mãe Sabina, 1969.



Pai e Mãe. Ricieri e Sabina em Guaporé, 1976.



Maria com dez anos de idade e Mina com vinte anos.

Capítulo II

Muito e Muito Trabalho!!!



Depois de toda doença da minha mãe, ela teve mais um filho, o Nilson, quatro anos mais novo que o Darci. Eu ficava em casa com a mãe e esses irmãos, enquanto que minha irmã Genuína sempre trabalhou fora. Mais tarde ela foi lustrar móveis na MABI, madeireira. Era muito trabalhoso o lustro dos móveis. Ela também trabalhou em um curtume de Guaporé. Já o meu serviço era distribuir leite, pois, com a melhora da mãe, passamos a ter mais vacas de leite. Então, a mãe costurava umas bolsas, onde cabia uma garrafa, meia garrafa de leite, pois, como a vida era muito difícil, nem todos podiam pagar por uma garrafa inteira. As garrafas mais leves, então, eu colocava nessa mala e os outros litros, que era pouca gente que comprava, eu levava em duas cestas de palha que chamava sporta. Eram feitas de trança de palha de trigo, dressa, onde cabiam bem quatro garrafas. Eu colocava uma em cada braço e lá ia eu distribuir o leite. No verão, tudo bem, mas no inverno... Não existia calçado, existia tamanco. Em cima era de um couro duro e embaixo era de madeira. E, como naquele tempo a geada era alta, o pé afundava na geada e o gelo grudava na madeira. Grudava tanto que o tamanco ficava arredondado, fazendo eu torcer o pé. Chegava em uma altura que eu tirava os tamancos e escondia embaixo de uma samambaia, de medo que me roubassem, mas nem pensar em cair e quebrar os litros de leite! Eu ia umas quatro, cinco quadras distante de casa, colocando as garrafas em frente às casas e gritando: Leiteee!!! Na volta eu passava recolhendo as garrafas vazias.

Quando eu chegava em casa, com os tamancos nas mãos, eu não sentia os pés. Eu caminhava tastaviando e a minha mãe, coitada,

colocava água quente em uma gamela de madeira que tínhamos para eu esquentar os pés e voltar a caminhar bem. Então, eu ia lavar todas as garrafas, virando-as, depois, de boca para baixo. Uma vez por semana lavava com chumbo, e, às vezes, misturava até cinza para as garrafas ficarem esterilizadas, brilhando, bonitas! Depois pegava as vacas para irem pastar, pois as ruas eram todas traçadas, mas não haviam cercas, lotes. Tudo era aberto. Tinha unha de gato, que tinha espinhos, samambaias, mas tinham pedaços onde a grama era linda e ali as vacas pastavam. O Darci também fazia isso, mas, na maioria das vezes, era eu que as levava. Lembro sempre que passava em frente ao hospital de Guaporé, o único que ainda hoje existe, e, como haviam pessoas pela frente, eu sentia vergonha, pois já estava com dez, onze anos. Então, me escondia no meio das vacas.

Quando eu não ia entregar leite à tarde, ia pastar as vacas em outros lugares, mas, caso algumas clientes grávidas pedissem para a mãe, eu ia ajudá-las: passava pano na casa, varria o pátio e coisinhas assim. Eu não recebia nada por esse serviço. Uma vez uma delas me deu um vestido que era da sua irmã, e eu amei aquele vestido!

As vacas só pastam até que o tempo está fresquinho. Com o sol quente não pastam mais. Então, quando muito dez e meia, dez horas, eu tinha que ir para casa com as vacas. Aí passei a trabalhar na casa de um casal chique até de tardezinha. Depois eu ia para casa ajudar a mãe. Ele trabalhava na prefeitura. No meu primeiro dia lá, ela me disse: Agora tu arruma a mesa. E eu arrumei a mesa com três pratos. Então, agora tu vai lá no hotel buscar a vianda. Ela me deu a vianda e eu fui buscar. Quando cheguei, pensei que ia sentar na mesa com eles, mas, ao invés disso, ela me disse para ir varrer o pátio e lavar umas roupas que estavam no tanque. Aí que vergonha que eu fiquei de ter colocado mais um prato e ela não me chamar para comer! Eu tinha entre nove e dez anos.

Eu queria muito estudar! Cheguei a propor para o pai: Pai, eu não vou casar e não vou precisar de enxoval. Me deixa estudar! Mas meus pais não tinham noção do que era aula. Achavam que a gente ia para aprender a ler e escrever e pronto! Achavam que uma mulher tinha coisas mais importantes para aprender: administrar uma casa, cozinhar, lavar roupa...

Então, eu ia apenas de vez em quando na aula, e, mesmo assim, sempre passava, apesar de ter ido só até a metade do terceiro ano. Teve uma época em que nós vendíamos todo o leite para as irmãs. Eram irmãs carlistas. O meu pai chegou mandar fazer tarros grandes, porque não existiam tarros, para eu levar o leite para elas. Meus pais tinham muita amizade com as irmãs, pois tínhamos muitas frutas e, quando vinham as mães de São Paulo, Rio de Janeiro, elas iam lá em casa pegar frutas e tomar leite direto das vacas. Iam com seus copos e a mãe tirava o leite das vacas direto no copo delas com espuma. Elas achavam o máximo aquilo!

Como eu levava o leite de manhã e à noite para as irmãs, acabei fazendo amizade com a irmã que era cozinheira e que recebia o leite. Eu dizia para ela: Pede pra mãe me deixar estudar! Pede pra mãe me deixar estudar! E, de tanto as irmãs pedirem e falarem, ela deixou. Ganhei seis meses de colégio de graça. Então, eu estudei o primeiro e segundo ano, parei um ano, um ano e pouco, e depois fiz mais seis meses do terceiro ano. Apesar de ser assim, pingado, eu estava feliz! E eu tinha uma facilidade que, enquanto elas passavam o problema no quadro, eu já fazia o tema ali mesmo! Eu tinha muita facilidade! Depois surgiu a aula à noite para alfabetizar, mas aquilo, para mim, era tão fraco... Eu tentei ir, mas eu sabia tudo! Não tinha graça, porque, quem nunca havia visto nada, era novidade, mas eu não fui mais. Senti que era perda de tempo.

Quando eu comecei a ir na aula em Guaporé, eu tinha seis anos, mas naquele tempo só podia entrar com sete anos. Porém, como faço aniversário em março, eu consegui entrar. Então, eu via as gurias comentando: A fulana vai casar e o bolo da noiva vai ser de três andares, vai ficar dessa altura! Então, elas mostravam que ficaria bem alto. Eu só ficava olhando porque lá em casa nós tínhamos o forno de tijolo que tinha a boca, mais ou menos, de uns quarenta de altura, por uns quarenta, cinquenta de largura. Então, a minha mãe fazia um tipo de bolo de milho. Não sei explicar. Não era pão, mas era um bolo doce. Fazia bastante. As formas eram baixinhas e colocava dentro do forno para assar. Naquele tempo não tinha fogão a gás. Só tinha fogão à lenha e os fornhos de alguns deles não eram muito bons para aquecer, para fazer pão e outras coisas. Bolo a gente nunca fazia. Nunca a minha mãe fez bolo. Nunca, nunca! Não se sabia fazer bolo, nem bolo simples, nem

bolo recheado. Talvez era costume daqueles que tinham mais poder. Então, nosso doce era aquele e as bolachas de fim de ano. A mãe fazia porque costumavam vir sete, oito crianças dar Feliz Natal , Feliz Ano Novo e tinha que ter alguma coisa para dar. Nós chamávamos aquele pão de milho, bolo de milho, sei lá o que era, de “tôrta”. Assim, as gurias falando na torta de três andares, eu imaginava: Meu Deus, que tamanho deve ter a boca desse forno para entrar uma torta de três andares! Mas nunca pedi para elas nada, apesar de ficar me questionando sempre como é que podia entrar um bolo de três andares, porque elas mostravam que era alto, com uns setenta centímetros de altura, mais ou menos. Eu ficava impressionada em pensar que tamanho deveria ter a porta do forno! (risos)

Eu não lembro bem se eu ainda estava no primeiro ano ou no começo do segundo, e tinham umas meninas que falavam os brinquedos que tinham. Eram melhor de vida, financeiramente, do que nós. E, um dia, elas falaram comigo que queriam ir na minha casa para nós brincarmos. Não me avisaram nada e, em umas horas da tarde, chegaram lá em casa e começaram a chamar o meu nome lá na frente. Eu fui espiar e vi que eram elas. Aí eu pedi para a minha mãe ir na janela e dizer que eu não estava em casa. Eu saí pela porta dos fundos e fui me esconder no meio da capoeira em um terreno que tinha ao lado da nossa casa. Na minha cabeça eu tinha que me esconder porque senão elas poderiam ver que era mentira. (risos)

O grupo escolar em que eu estudava era estadual, só que a professora fazia coisas muito ruins para as crianças. Ela colocava em cima da porta um quadro bem grande com os nomes dos alunos mais comportados e aplicados, mas sempre iam só as grã-fininhas. Lembro da Lídia Cevieri, uma menina bem de vida e que vinha sempre bem arrumada. Então, a professora colocou: Lídia Cevieri, primeiro lugar em comportamento e aplicação.

Até hoje quando vejo algum desfile, com pessoas tocando e cantando, eu choro. Me vêm as lágrimas, me emociono muito! Até mesmo procissão, eu choro! Eu acredito que seja o sentimento por eu nunca ter conseguido participar dos desfiles de 7 de Setembro. Tinham aqueles desfiles bonitos, todas as escolas iam, mas eu não tinha o uniforme para

desfile. Era assim: para ir na aula era um guarda-pó branco e, para desfilar, era saia plissada azul, blusa branca, tênis branco e meia branca. Se não tivesse o tênis branco, não tivesse a meia ou coisa assim, não entrava na parada. Eu nunca tive uniforme naqueles dois anos que eu estudei porque nós éramos bem pobres. Meus pais eram pobres, mas não eram miseráveis. Vejo que hoje em dia, mesmo os pobres, dão mais condições para os filhos. Até que um ano o governo deu o tecido para os pais mandarem fazer. Então, a professora perguntou quem de nós não tinha uniforme. Eu disse que eu não tinha e ela me deu o tecido para fazer a saia e a blusa. Eu me lembro, como se fosse hoje, que ela me deu sem papel, sem nada e eu enfiei embaixo da classe. Aí uma colega danada disse: Professora, essa aí não é pobre. Eles têm vaca de leite e vendem leite! Ela veio e me tirou os panos, e eu fiquei, de novo, sem ir na parada.

Uma vez o pai comprou guarda-roupas e outras coisas de um médico que ia embora. Então, eles nos deram roupas também, inclusive uma capa emborrachada avermelhada que a mãe, coitada, ia sempre atrás das vacas com aquela capa. Era uma capa tipo essas de gaúcho, só que era toda emborrachada, como as mulheres usavam naquele tempo. Ela estava meio estragada e ele deu até essa capa. A mulher dele deu uma blusa e uma saia azul marinho que não era toda pregueada, mas ela tinha uns machinhos que tapeava bem. Ela me serviu. Aí pensei: Bah, mas agora sim eu vou desfilar! Nesse ano eu vou na parada! Coloquei a saia, coloquei a blusa, mas não tinha o tênis! Aí coloquei um sapatinho preto e a meia branca e fui, mas a professora, mais uma vez, não me deixou entrar na parada. Nós íamos até perto da praça, onde era o desfile e eram arrumados os pelotões. E lá eu toda faceira que ia desfilar, tive que voltar para casa chorando.

Uma época meu pai ficou sem serviço e, como tínhamos pouca terra, fomos plantar em uma terra para fora, onde hoje tem o aeroporto de Guaporé. Plantávamos milho, trigo, de tudo um pouco. Íamos com um cavalo e, na volta, trazíamos o pasto para as vacas em umas espécies de forquilhas chamadas, na época, de cangalhas. Eram em formato de “v”, duas de cada lado, onde o pasto era armazenado. Depois eram presas no animal através de uma corda.

Meu pai, coitado, fez de tudo. Também trabalhou durante muito tempo na usina que abastecia toda cidade de Guaporé e que ficava doze quilômetros de distância da cidade. Eu ia toda semana levar pão, carne e roupa limpa para o meu pai. Eu ia no sábado de manhã e voltava no domingo à tarde de cavalo, pois, nesse tempo, eu estudava. Eu saía de casa no escuro para não pegar o sol muito forte. Começava a clarear o dia uns dois quilômetros de distância da minha casa. Tinha que passar por um trecho que tinha mato dos dois lados, e uma vez escutei uma história que, quando se passasse em algum lugar que tivesse mato dos dois lados e, caso se virasse para trás, se via fantasma ou virava estátua. Então, eu passava chicoteando aquele cavalo para passar rápido aquele trequinho! Uma menina fazer todo aquele trajeto... Havia poucas casas ao longo do percurso...Naquele tempo não tinha bandido, não tinha malandragem.

Uma vez o meu irmão abaixo de mim, que tem quase quatro anos a menos, foi junto comigo para a usina. Eu tinha, talvez, oito anos e ele quatro. Ele era loiro, muito clarinho. Era um dia de sol brabo, por mais que a gente saía cedo, mas ele descascou nariz, testa, rosto... do sol que nós pegamos. (risos)

Na época em que meu pai trabalhou no moinho, atendendo seu motor gerador, foi logo em que chegamos em Guaporé. Eu estava com sete anos e ia todos os dias ao meio-dia levar comida para ele, porque não podia parar o motor, e tinha um rapaz que trabalhava no hotel e que também levava vianda nas casas. Então, nós acabávamos nos encontrando sempre. Até que um dia ele me perguntou se eu não queria subir até um morro com ele porque ele tinha uma coisa bonita para me mostrar. E eu disse que não porque eu estava levando comida para o meu pai. Outro dia, novamente, ele me perguntou se eu não queria ir até lá ver, e eu, mais uma vez, disse que não porque eu estava levando comida para o meu pai. Aí ele disse que ficaria esperando eu voltar. Eu não dei bola, mas, na volta, lá estava ele me esperando. Daí ele me disse para irmos no morro. Era um morro bem íngreme, mas era tudo capoeira: unha-de-gato, que são aqueles espinhos brabos; pata de vaca... O acesso era bem difícil. Só tinha um trilhozinho, o resto era tudo capoeira fechada que não dava para passar. Ele subiu lá em cima e dizia: É

aqui, é aqui! E eu perguntava: Mas onde que é? É aqui, é aqui, é aqui! Até que uma hora ele achou um vãozinho, se enfiou embaixo daquela capoeira e começou a passar a mão por cima da grama, dizendo que era ali o ninho. Aí eu desci aquele morro a mil por hora!

Quando eu cheguei em casa, nunca esqueço que a minha mãe tinha guardado uma panelinha com um pouco de sopa de feijão para eu comer na volta, mas, de tão nervosa que eu estava, acabei virando a sopa em cima da mesa. Comecei a contar para minha mãe, tremendo de medo. Eu corri, corri, que não sei como eu consegui correr tanto. Não sei se ele veio atrás porque eu não olhei. Então, meu pai foi dar parte, foi registrar queixa do rapaz. Nós não conhecíamos nem ele, nem seus pais. Ele foi chamado, mas negou ou coisa assim. Ele devia ter dezessete, dezoito anos. Mesmo assim, eu continuei levando comida para o meu pai. Eu sempre levei comida para o meu pai, tanto quando ele estava no moinho, quanto na MABI e na usina.

Nós íamos na maltaria buscar broto de cevada. Meu pai comprava, no moinho onde trabalhava, centerina, que seria hoje a farinha integral. Colocava em mastela, uma barril de madeira cortado ao meio.

Não tínhamos tempo para diversão. O que a gente fazia, às vezes, quando íamos pastar as vacas, era juntar florezinhas do gramado, que nós chamávamos de bibi. Como era proibido ter as vacas soltas, nós amarrávamos uma madeirinha na ponta da corda e com uma pedra a gente batia a madeirinha. Aí a vaca ficava amarrada, porque senão nós tínhamos que ficar segurando sempre na corda. Ocorre que o fiscal da prefeitura passava para conferir e, caso não estivessem presas, éramos multados. Costumavam ser três, quatro vacas por vez.

Eu, na verdade, nunca fui ensinada a fazer nada. Nunca esqueço que, por vezes, eu ia dormir com uma viuvinha quando sua mãe viajava, pois ela tinha medo de dormir sozinha. Ela morava no fundo do nosso lote. Era inverno e ela fazia tricô. Ela fazia meia com cinco agulhas. Ela só me disse como fazia e eu fiz uma meia de lã para minha mãe com as tais cinco agulhas. Hoje tem agulha redonda, né? Até hoje eu saberia fazer. Depois disso, eu comecei a fazer, enquanto as vacas pastavam, uma blusa de tricô amarela para minha irmã Genuína. Fiz de manga curta com umas listinhas marrons. Agora lembrei disso! Mas,

para mim, nunca fiz nada! A Iracema, minha cunhada, hoje casada com meu irmão Darci, ia junto com as suas vacas. Foi quando aprendeu a fazer tricô comigo.

Com doze anos comecei a trabalhar na fábrica de joias Pasqualli. A gente fazia brincos tique, como diziam, de bolinha; argolas, de vários tamanhos; alianças de ouro... Os brincos tique eram duas meia bolinha que a gente soldava em volta e, depois, tirava o excesso de solda. Aí fazíamos um furinho e soldávamos uma perninha para passar na orelha. Era tudo manual.

Eu trabalhava o dia inteiro, porque, nesse tempo, a mãe já não tinha mais tantas vacas, não se tinha mais tanto leite para vender. A gente não tinha salário. Ganhávamos por hora, porque às vezes também trabalhávamos no sábado à tarde. Recebíamos por mês, em um envelope com o nome e o tanto de dinheiro. Aí eu tinha que entregar o envelope para o meu pai. Eu não podia ficar com nada. Todos nós fomos criados assim. Até os 21 anos, quem estivesse solteiro, tinha que entregar tudo para ele. No primeiro mês, ele me deu o valor de um guarda-chuva para eu comprar um para ir trabalhar. Acho que só o meu irmão mais velho é que não dava o salário integral para o pai. Ele dava um tanto e o resto usava para se vestir muito bem.

Depois de dois anos, recebi uma proposta para trabalhar em outra fábrica de joias chamada Sebben. Eles estavam começando e queriam pessoas com experiência. Além disso, na Pasqualli tinha outras na minha frente que ganhavam melhor, porque já sabiam fazer o arremate da peça. Embaixo tinha a oficina dos homens, onde espichavam o ouro. Se vissem o trabalho que era aquilo... A gente comia a ponta dos dedos de segurar aquelas argolas: uma segurava e a outra, com um martelo, batia até sair um pouco daquele cobre que tinha dado o formato para a argola. Outra puxava aquele cobre para fora. Outra limava, com a gaveta aberta para cair o ouro dentro, porque, de tanto em tanto, eles faziam a purificação do ouro. Eram tonéis com esse pó que iam para o fogo, onde o ouro se juntava e o resto se diluía. O Pasqualli era famosíssimo na época. Era conhecido no Brasil inteiro como referência de qualidade. Acredito que ainda hoje os produtos Pasli são comercializados, pois, apesar de terem vendido a fábrica, o nome foi mantido.

Mais tarde a joalheria do Sebben foi vendida para o Spiller e, como ficava muito longe da nossa casa, eu consegui outro trabalho em uma fábrica de roupinha de criança, onde uma amiga trabalhava e conseguiu colocação para mim também. Acho que fiquei um ano e pouco ali, porque depois foram embora para Carazinho. Era o próprio dono que viajava para vender as peças, enquanto sua esposa e nós ficávamos na produção. Carazinho ficava mais a mão para as vendas. Eram roupas para batizado feitas de flanela e feltro, mas era um feltro diferente, muito bonito. Ele era libanês, Seu Kraidí, e a esposa era Dona Cibila. Eles eram muito legais. Tinham no pátio da casa uma miniatura de Nossa Senhora do Líbano, inclusive nos domingos tem a missa na Igreja do Libanês, em São Paulo, transmitida pela Canção Nova.

Aí fui trabalhar em um armazém, onde fiquei até casar. Armazém Cantinho, especialista em coisas importadas. O proprietário era um português. Tinham outros mercadinhos em Guaporé, mas o dele era o mais famoso. Trabalhava apenas o dono do mercado, eu e um piazzote que ia entregar as compras. Quando chovia, e tinha pouco movimento, a gente pegava as revistas Cruzeiro e fazia saquinhos com cola de polvilho. Eram as embalagens. Nos sábados, às vezes, eu ia até oito, nove horas da noite para atender o pessoal da prefeitura que recebia nesse dia. O Heitor chegava para namorar junto comigo. Eu tinha que tomar banho e me arrumar para sentar para namorar. (risos)



Foto tirada com treze anos de idade para a primeira carteira de trabalho.

Capítulo III

Bailando



Como minha irmã é dez anos mais velha que eu, eu costumava ir nos bailes com ela e minha mãe. Dançar era minha diversão favorita e os bailes eram muito animados. Lembro de ter ido em alguns, com apenas trezes anos, acompanhando minha irmã Mina, que já tinha vinte e três. As moças não iam aos bailes com namorados ou amigos. Iam só com a família. Então, o maior castigo para mim, quando fazia algo que desgostasse minha mãe, era ouvi-la dizer: Eu juro que eu não vou te levar no baile sábado! E, quando chegava o sábado, eu implorava para a mãe me levar. Ela dizia que não podia porque tinha jurado, e eu dizia que eu ficava com o pecado, mas que por favor ela me levasse. (risos) Era tudo muito longe, porque os melhores bailes eram para fora: do Tissiani, do Lazzareti e do Trombeta. Era como se o do Tissiani fosse lá na olaria São João, o do Lazzareti pra lá da Santa Marta e o do Trombeta lá na Vera Cruz. Três extremos. Começavam às 20:00 e, quando acabavam, voltava todo mundo junto a pé. A gente voltava na luz da lua, das estrelas. Eu dançava do início ao fim, pois os rapazes preferiam as meninas que sabiam dançar e eu, modéstia à parte, dançava muito bem! Eu peguei jeito porque comecei a dançar com doze anos, mas, daqueles que não sabiam dançar, a gente se escondia na cozinha. Tinha um que era bem amigo nosso e que andou paquerando a minha irmã. Então, se a minha irmã já estivesse dançando, principalmente no xote e na valsa, que tem que saber dançar, ele vinha me procurar, e se eu também já estivesse dançando, ele tirava minha mãe para dançar. (risos) Meus pais gostavam de dançar e dançavam muito bem, tanto que ganharam, mais de uma vez, o primeiro lugar no concurso

de xote e quatro passos. Esses concursos costumavam acontecer nos chamados bailes dos casados.

Não era tão seguido, mas também tinham bailes nos clubes, só que começavam muito tarde e, da mesma forma, terminavam tarde. A gente não deixava de ir, mas no outro dia tinha que levantar cedo para tirar o leite das vacas, né? Então, era melhor nos salões. Tinha baile todo sábado, ou em um, ou em outro. A luz era com cetirene, feita com carbureto. Eram uns negócios grandes que dentro iam as pedras, a água....Eu não sei como funcionava aquilo. Penduravam duas no poste do meio do salão e outras nos cantos do salão. Fazia bastante claridade porque era tipo gás.

Eu tive um namorado que não apareceu em um sábado e eu fui no baile. Eu nunca fui de ir atrás. (risos)

Quando a mulher engravidava, a mulher não saia mais de casa. Era um escândalo uma mulher grávida sair. Tinha que fazer um vestido bem solto. Todo mundo sabia que estava grávida, mas ninguém via barriga. Só que os homens continuavam a ir nos bailes dançar com as moças. Éééé!!!! E a mulher em casa, porque estava grávida. Aí eu pensei: Homem que gosta muito de baile é capaz de ir, e o Heitor, apesar de não dançar e não gostar de baile, vai ficar comigo.

Há alguns anos, juntamente com a Adriana, minha filha, fomos visitar um tia que, na época, estava com mais de cem anos. A Adriana perguntou como aproveitávamos a juventude e ela respondeu: Nos bailes! Também disse que quem mais gostava de dançar era a Sabina, minha mãe. Ela ia nos bailes quando o pai deixava, mas também ia, escondida, quando ele não deixava... (risos)

Por essa razão, permiti que meus filhos se divertissem. A Adriana sempre adorou dançar. Saía bastante e era quem puxava a turma das amigas para sair. Por consequência, ela fez o mesmo com sua filha Elisa, minha neta: quando ela era menor de idade, a Adriana a acompanhava nas saídas e, depois, a Elisa, por conta própria, era quem animava o “trem das festas”.

Inclusive no aniversário de quinze anos da Elisa ela ganhou, de presente dos tios Beto e Adroaldo, uma banda que tocou música dos

Beatles. Foi uma surpresa e tanto, um momento inesquecível em que toda família dançou e se divertiu muito!

Agora é a Sabina, minha bisneta e filha da Elisa e do Dan, que já demonstra gosto pela dança. Ela tem uma energia musical muito boa! Isso vem sendo passado de geração em geração desde minha mãe. Só pode estar no sangue!



Foto tirada na praça de Guaporé aos dezesseis anos de idade.



Maria com dezesseis anos



Com as amigas na festa, ao ar livre, de Nossa Senhora da Saúde.



*Maria na praça de Guaporé, aos quinze anos
Foto colorizada, na época, pelo retratista.*



*Assim passeávamos, aos sábados e domingos,
na praça de Guaporé, de braços dados com as amigas.*

Capítulo IV

Heitor “Ganha” Maria



Minha irmã foi morar na casa do padrasto do Heitor, mas, quando eles terminaram uma sociedade de trabalho em Porto Alegre, pediram para desocupar a casa. Nesse meio tempo, meu cunhado já estava construindo uma moradia própria para eles. Então, o Heitor foi ajudar a fazer a mudança. Foi quando nos conhecemos. Eu não lembro dele antes, nem mesmo quando eu ia levar comida na fábrica de móveis para o meu pai. Um amigo do Heitor mexia com ele, dizendo que eu seria sua noiva. Muitos homens trabalhavam lá, mas eu ainda era uma criança.

Acho que alguma coisa aconteceu nesse primeiro contato, mas eu era muito rebelde! Eu não queria dar o braço a torcer para homem nenhum. Eu não me dobrava! Eu podia morrer de amores, mas eu não dava o braço a torcer. Eu não procurava. Meu cunhado, que era muito gozador, começou a dizer que veio um vento e trancou a porta, e que o Heitor queria pular a janela de medo de mim. (risos) Acho que isso foi mexendo um pouco com nós.

Depois a gente se via na praça, flertava....E eu pensei comigo: Se ele vier do meu lado, ele vai me ganhar! Mas, antes disso, eu fui no cinema e a parte de baixo estava lotada. Então, minhas amigas e eu fomos para a galeria, na parte de cima. Tinha uma fileira vaga e ele estava sentado lá na ponta. Como minhas amigas já sabiam alguma coisa, me empurraram para sentar perto do Heitor. Além disso, tinha um cunhado da minha irmã que morava com ela e que queria muito me namorar, mas eu não conseguia sequer ver ele na minha frente. Ele devia ter uns trinta

anos a mais que eu. E, de repente, chega esse rapaz, querendo sentar ao meu lado. Então, também por isso, mais do que depressa fui sentar ao lado do Heitor para não ter cadeira vaga ao meu lado, mas ficou ele pra lá e eu pra cá. Eu nem lembro se a gente trocou alguma palavra.

O Heitor jogava futebol, e eu gostava de baile. Então, tinha muita graça eu ficar em casa sábado de noite e no domingo de tarde ficar em casa porque ele ia jogar futebol! Disse para ele que eu não deixaria dos bailes se ele não deixasse do futebol. E ele deixou! Só depois de já casados fomos uma noite dar uma olhada no Carnaval porque um irmão mais velho que eu, já falecido, nos incentivou muito a ir. Só para olhar, não para dançar. Eles tinham feito um bloco e, numa dessas, ele passa e puxa o Heitor. Ele ficou tão brabo, mas tão brabo comigo porque ele não queria ir, e eu o fiz ir! Ele nunca gostou de baile.

Capítulo V

O Namoro Engrena



Era muito difícil o Heitor e eu nos vermos, pois nós dois trabalhávamos. Só depois de muito tempo de namoro é que, às vezes, ele ia na minha casa nas quartas-feiras, senão era apenas no sábado à noite, no domingo de manhã, quando nos encontrávamos na missa e depois íamos passear na praça, e no domingo à noite. No domingo à tarde, às vezes, saíamos ou ficávamos em casa. E assim foi o namoro, mas sempre um distante do outro. Sentávamos na sala e meus pais ficavam na cozinha. Quando meus pais iam dormir, nós ficávamos mais um pouco, mas já sabíamos que era hora dele se mandar, né? (risos) E no inverno, quando era muito frio e meus pais iam deitar mais cedo, nós íamos namorar na cozinha para ficar perto do fogo, mas a gente nem se encostava, principalmente na frente dos pais.

O meu pai sempre criticava os namoros. Dizia que colocavam aliança só para andar de braço, porque, naquele tempo, para andar de braço ou de mãos dadas, só depois de colocar aliança. Meu pai dizia assim: Eles noivam só com o pretexto de andar bracetos!

Perto de onde morávamos havia uma casa de tolerância. O nome da proprietária era Maria Casadeira. (risos) Meu pai via homens comprometidos frequentando essa casa e, então, dizia que jamais andaríamos, minha irmã mais velha e eu, de bracetos com quem não respeitasse sua namorada.

Havia o costume de fazer contrato de casamento, ou seja, o noivado acontecia e já se colocava um prazo para o casamento acontecer. Quando o Heitor pediu para noivarmos, meu pai consentiu, pois já ha-

via trabalhado com o Heitor na fábrica de móveis e achava ele um cara honesto, confiável. Assim sendo, nosso noivado foi em março, no dia do meu aniversário, e o casamento ficou marcado para setembro. Só que complicou muito a situação, pois o Heitor queria casar já com a casa construída, assim como seu irmão havia feito. Dessa forma, ele se viu obrigado a fazer todos os móveis, aberturas da casa, portas internas e externas....à noite, nos sábados, domingos e feriados, isso quando não havia trabalho na firma apurado, porque aí ele tinha que fazer serão para a firma. Aí o que aconteceu? Passou um ano do prazo marcado, mas o meu pai nunca pressionou porque nós não nos tocávamos perto do meu pai, nunca!

Foram os meus primos, que moravam em Vespasiano Corrêa e trabalhavam na construção de residências, que fizeram nossa casa. Foi a primeira que fizeram em Guaporé e, como eram muito bons, mais tarde decidiram se mudar de vez para nossa cidade, pois ali passaram a ter muito mais serviço do que em Vespasiano Corrêa. A casa era de madeira, simples, só pintada por fora, mas bonita e bem feita. Não conseguimos puxar água e fazer cisterna. O custo era muito alto.

Durante esse tempo, eu continuei trabalhando no armazém e fazendo o meu enxoval. Depois que noivei, eu passei a dar apenas uma parte do meu salário para o pai, pois precisava do dinheiro para fazer o enxoval. Como eu casei com vinte anos, eu fui poupada, pois os outros só podiam fazer isso depois dos vinte e um.



Maria e Heitor



*Maria com dezoito anos e Heitor com vinte e cinco anos no rio Carreiro.
Namoro no verão de 1951.*



*Casa que foi feita para morar quando casamos,
com Heitor participando de sua construção. Guaporé.*



Nossa primeira casa em Guaporé.

Capítulo VI

O Enxoval



Era costume as mais pobres levarem seis, quatro jogos de lençóis, enquanto que as mais endinheiradas levam dúzias e dúzias.

Eu consegui levar cinco jogos de lençóis e um lençol avulso. Esse lençol avulso era amarelo, porque eu queria usar com uma colcha de crochê branca que ficava bonita com uma sombra amarela embaixo. Então, comprei o amarelo com esse objetivo específico, porque todos os outros eram brancos. Não existiam lençóis estampados. Existia lençol amarelo e branco. Não lembro de ter visto azul ou verde.

Eu bordava à noite. Um foi bordado à máquina pela Deonila, minha cunhada aqui de Passo Fundo, com aplicações em verde. O do dia do casamento foi bordado pela minha cunhada Aida. Esse eu dei para a Adriana, minha filha. Foi a Aida que deu acabamento em todos os lençóis, pois ela não trabalhava fora. Eu bordava com a bainha aberta e, depois, ela costurava. Ela trabalhava muito bem. Eu bordei dois, a minha cunhada daqui bordou dois e a de Guaporé bordou um.

Tinha um viajante que vendia roupas e coisas para o armazém. Então, eu comprei dele duas colchas de algodão: uma azulzinha e uma branca. Além dessas, eu tinha aquela de crochê que eu comprei de uma senhora que tinha um bazar. Ela atendia o bazar e fazia muito crochê. Depois ela vendia as colchas. Comprei duas dela: uma minha mãe deu para minha irmã, que ainda não havia ganho, e outra ficou para mim. Também comprei um brocado bonito rosa aqui em Passo Fundo, com o qual aquela cunhada de Guaporé fez a colcha e o bandô da cortina do quarto. Eu cortinei toda casa! Cortinas puxadinhas com babadinhos, todas feitas por essa cunhada.

No enxoval também entrou duas toalhas de banho compradas e uma dúzia de toalhas de banho feitas de saco de farinha que a gente desfiava um pouquinho, fazendo um tipo de franja. Também levei bastante panos de prato, todos feitos de saquinho de farinha, nada comprado. Todos com crochêzinhos no arremate.

Fui na Ledi , uma vizinha que fazia maravilhas em flores, em bordados, em criatividade, aprender a fazer um ponto para fazer guardanapos para sala e quarto. Tinham babadinhos em volta de organdi. Eu ficava de pé até tarde da noite para conseguir fazer tudo. A mãe me chamava: Vai dormir! Eu dizia que sim, mas continuava. Então, minha mãe ia lá na frente, porque nós tínhamos um puxado de sala e cozinha, e jogava pedra no telhado de zinco. Eu me assustava e ia dormir. Naquele tempo, onze e meia, meia-noite era taaarde! E no outro dia tinha que trabalhar... Eu levantava de manhã queimada e tinha que estar às oito horas no armazém. Daí a mãe, coitada, me aprontava a xícara de café para eu tomar bebido porque nunca fui de comer de manhã.

O meu vestido foi feito de cetim branco. Calcinha bonitinha não tinha! Camisola também não. Só tinha aqueles camisolão de manga comprida de malha e aquelas calçolas de malha. Então, eu comprei uma cambraia estampadinha para fazer a camisola e a calcinha igual. Foi a mesma costureira que fez tudo, Dona Ermínia, nossa vizinha lá de Guaporé. A camisola do dia do casamento era de pele de pêssigo, um cetim fininho, comprida, justa e com bordado em ponto sombra, um bordado em alto relevo. Acompanhava uma maianita do mesmo tecido, que era um tipo de casaquinho, soltinho e meio godê, com manga larga, e a calcinha igual. Tanto a camisola, quanto a maianita, eram contornadas com renda aplicada a mão em ponto turco. E o primeiro soutien que eu comprei, comprei para casar. Era branco, feito de fita franzida e aí ficava volumoso. (risos) Esse eu comprei pronto.

Também levei um chambre comprido de lã e outro de frufu estampado. Além disso, tinha que levar uns dois vestidos novos para colocar depois de casada.

Tudo foi pago com o meu salário, apesar de ser costume o noivo dar o vestido, mas como o Heitor estava curto de dinheiro...Eu ainda levei trezentos reais na poupança! Tinha uns cofrezinhos e eu guardava.

Sempre fui de economizar muito! Eu não comprava roupa para mim, não comprava nada! Eu guardava o dinheiro e, depois, com a compra do enxoval, eu ia pegando esse dinheiro. E sobrou trezentos reais! Apesar de eu ter paixão por um chambre de cetim, e aqui em Passo Fundo tinha o cetim, não comprei porque eu ia gastar os meus trezentos pila e fiquei pensando que poderia precisar depois de casada, como precisei para comprar o colchãozinho e o cobertor do Beto, nosso primeiro filho. Não tinha colchão pronto. Então, mandei fazer o colchão de metade crina, metade lã e a cobertinha de lã e algodão.

Capítulo VII

O Dia do Casamento



Esse dia foi muito esperado. Eu imaginava que seria um dia de sol, um dia gostoso de primavera, mas foi um pouco turbulento.

Naquele tempo, por incrível que pareça, quando os noivos saíam da igreja, ao invés de irem para o banquete, primeiro levavam os convidados para conhecer a casa. Eu já tinha preparado toda casa, do jeito que eu achava que estava bem, mas na sexta-feira deu um toró de chuva e entrou água. Eu tinha deixado as janelas um pouco abertas e molhou todo assoalho. Lá fui eu na sexta-feira enxugar o chão porque estava escorrendo água por tudo. Sequei, ajeitei. No sábado o Heitor foi abrir um pouco a casa para sair aquela umidade, pois tinha amanhecido um dia bem mais bonito, mas, de repente, deu outra pancada de chuva! Entrou água de novo e de novo fui eu secar. Ainda bem que não foi tanta chuva dessa vez. À tarde saiu um sol e ficou um dia lindo. Então, fui me preparar.

Eu não sabia se costumavam arrumar cabelo, se maquiar... O que eu fazia para me enfeitar era lavar o cabelo e bater bem para ele ficar crespo. Me maquiei, do jeito que eu sempre me maquiava, e eu mesma me arrumei. Ninguém foi lá me ajudar. Tinha um espelho no quarto da mãe, daqueles que deforma a gente toda: uma hora deixa gorda, outra hora deixa alta...(risos)E ali eu me ajeitei para o casamento, sozinha!

A gente ouvia novela no rádio e eu gostava muito de escutar a marcha nupcial, apesar de nunca ter visto ao vivo e a cores. Lá em Guaporé só tinha uma freira do colégio que tocava um órgão mara-

vilhoso, moderno que tinha vindo há pouco tempo. A minha cunhada Aida, que me ajudou muito no enxoval, morava em frente ao colégio e se dava bem com as irmãs, pois elas costumavam buscar água para tomar em um poço que tinha na casa dessa minha cunhada. Então, pedi para a Aida perguntar para a irmã se ela aceitaria tocar a marcha nupcial para mim. Ai...me emocionou ainda hoje...Ela me disse que a irmã estava viajando. Pensei: Bom, paciência...Qual foi a minha surpresa quando eu cheguei na porta da igreja e começou a marcha nupcial! Eu não vi ninguém, eu não vi nada... Eu fui flutuando até o altar. Foi uma coisa muito linda que minha cunhada preparou! Ela foi mãe, amiga, irmã...tudo! Está com 93 anos, mas ainda borda, pinta em tecido...é uma artista! Faz maravilhas!

A cerimônia religiosa foi realizada na Igreja Matriz de Santo Antônio de Guaporé, que era muito linda e hoje está ainda mais bonita, às seis da tarde. Os meus padrinhos foram o meu pai, como era costume, e minha melhor amiga. Quando ele foi assinar, o padre Corso disse: Essa é a última promissória que você vai assinar? (risos)

Lá pelos meus oito, nove anos eu ia na casa de uma senhora passar pano, limpar a casa e ela tinha fotos dos filhos que casaram. Eles eram relojoeiros em Cruz Alta e eu achava coisa mais linda aquelas fotos com o padre abençoando, colocando a estola em cima das mãos deles, mas o padre de Guaporé não permitia tirar fotos na igreja. Como era primavera, os dias escureciam mais cedo. Além disso, tinha dado uma enchente muito grande que levou embora a usina da cidade. Então a luz era muito fraquinha por tudo, tanto que eu não tenho fotos do casamento. Veja só: depois que os convidados se retiraram, quando fomos mostrar a casa para eles, ficamos tirando as fotos ali, mas, como tinha pouca claridade, as fotos saíram feias, desbotadas, tanto que nem mandei fazer. Fiquei apenas com as amostras. Tinha muita gente que ia tirar foto, depois do casamento, no atelier do fotógrafo, só que eu achei que depois não tinha mais graça e não fui.

Naquela época não havia galinha para comprar, tinha galinha quem criava. Então, quando matavam uma galinha, era uma galinha só. Lá em casa, por exemplo, cada um tinha o seu pedaço: o pescoço era do meu pai e a sambiquira era da minha mãe. Então, eu nunca tinha

comido sambiquira porque era o pedaço da minha mãe. E a gente respeitava! Quando a minha irmã casou, ela passou a comer sambiquira na casa dela. Se eu fosse comer lá, a sambiquira era dela. Ia na casa da minha cunhada e era a mesma coisa. Então, aí vem a outra surpresa: a janta do nosso casamento foi no Clube União de Guaporé e, quando o Heitor foi me servir, ele não derrubou duas sambiquiras no meu prato? (risos) Uma travessa enorme, cheia de pedaços de galinha assados... Eu fiquei olhando para o meu prato e não sabia se eu ria ou se eu chorava! O que aquilo queria dizer? Logo duas sambiquiras no meu prato! E inclusive a sambiquira assada não é muito fácil de comer, é difícil de cortar! Aquilo foi um choque para mim! (risos)

O jantar era, assim, tipo italiano, com massas, galetto assado, saladas e uma sobremesa. Não tinha bolo. Foi bem simples e com poucas pessoas, trinta ou um pouco mais. O pai do noivo pagava os convidados da noiva e o noivo pagava os seus convidados.

Após o jantar, fomos para nossa casa nova de táxi, pois ninguém tinha carro. Quando lá chegamos, ai meu Deus... Eu fiquei muito insegura, não fiquei feliz, não! Por incrível que pareça, eu tinha medo, medo de tudo! Tanto que quando eu fui trocar de roupa no quarto, e o Heitor foi trocar a sua também, não deixei ele trocar de roupa no mesmo quarto. Eu tinha tanto receio, medo, insegurança, porque me parecia que, quando a mulher perdia a virgindade, ela não valia mais nada, tamanha era a repressão. Além disso, meu pai sempre dizia: Crie juízo porque aqui em casa só tem uma porta, a da saída!

A empregada da Aida engomou os lençóis do casamento e, como minha camisola era sem manga, eu raspei os dois ombros no lençol de baixo, me virando de um lado para outro. Noiva ralada! (risos) Eu não deixava o Heitor chegar perto de mim. Foram uns três dias para consumir a lua de mel. Aí eu me achei a última das mulheres: Agora eu não presto mais para nada! Veja só...

O Heitor ficou em casa na segunda e na terça-feira e na quarta já voltou a trabalhar na fábrica junto com o irmão. Ficamos com a casa toda fechada porque me parecia que todos os vizinhos iam ver o que estava acontecendo. (risos) Vergonha, vergonha! Nessa época, o

Malfatti, padraço do Heitor, já estava muito doente e acabou falecendo dois meses depois do nosso casamento.

No dia seguinte do casamento, meu pai fez na sua casa um churrasco para os vizinhos mais íntimos da gente, três ou quatro famílias, e que não haviam ido na festa. Ele criava cabritos, porcos, galinhas... A mesa era arrumada embaixo de umas parreiras, mas o Heitor e eu não fomos de vergonha. Não tinha acontecido nada, mas nós não fomos. Eu já avisei para os meus pais que eu não iria lá. (risos) Então, meus sobrinhos foram levar para nós, um pouco antes do meio-dia, uma cesta com saladas, frutas e carne assada.

O Heitor teve muita paciência. Ele era muito querido, muito carinhoso. Ele soube conduzir. Eu me senti uma noiva, uma esposa privilegiada por ter a minha casa, porque não era qualquer uma que tinha a sua própria casa com todos os móveis! Ele tinha feito a sala; a varanda, que era a sala de jantar com cristaleira, mesa e cadeiras estofadas; a copa, que era mais uma cristaleira e uma mesa de abrir com as cadeiras laqueadas na cor verde; e a cozinha. O quarto de hóspedes não tinha nada, apenas a máquina de costura e o meu baú com o enxoval, baú também feito pelo Heitor, grande, bonito. Acho que tinha um metro e meio de comprimento, uns sessenta, setenta de largura e altura. Ele rodou conosco a vida inteira. Todas as mudanças que fizemos, ele foi junto. Ele acabou na nossa fábrica aqui de Passo Fundo. O Heitor colocou duas varas compridas, tirou a tampa e servia para carregar até um caminhão a serragem, os retalhos de madeira, quando fazíamos limpeza. O fim dele foi esse.

Nesse tempo as mulheres casadas não trabalhavam fora, apenas as funcionárias ou que tivessem algum cargo elevado é que faziam isso. As demais tinham que cuidar da casa. Por isso, para casar a mulher tinha que saber cozinhar, lavar roupa, fazer pão... administrar toda casa. Porém, uma semana depois de casada, chegou uma prima na minha casa. Ela tinha um menininho que estava com meses de vida e queria reformar umas roupas: calças do marido que do joelho para baixo estavam boas e queria aproveitar para fazer macacão para o menino e outras coisas assim. Perguntou se eu faria e, apesar de eu não saber costurar, tanto que precisei mandar fazer todas as minhas calcinhas do

enxoval, eu fiz tudo para ela. A minha mãe, como também não sabia costurar, me deu a sua máquina na condição de que eu costurasse todas as coisas que precisasse para a casa, mas eu não sabia costurar! Mesmo assim, eu fui fazendo. Foi aí que comecei a trabalhar para fora.

Quando faleceu o Seu Malfatti, pai da Enólia , da Lurdes, do Clóvis e do Cláudio, e padrasto do Heitor, ele deixou um rádio, porque, como era doente, costumava passar o tempo ouvindo o rádio. Naquele tempo não existia televisão. Nós tínhamos um rádio velho que dava descarga e quase não se escutava direito, mas o meu pai deu o rádio e nós ficamos bem felizes da vida. Meu pai comprou outro e deu o velho para nós. Naquele tempo tinha novela às três horas da tarde na rádio Gaúcha e tinha também na rádio Farroupilha. As novelas eram à tarde. E, quando morreu o Malfatti, um irmão do Heitor, que já era casado, foi lá e pegou o rádio. Ele disse: Agora vocês estão de luto e não podem escutar o rádio. Ele levou também uma bolsinha cheia de moedas de patacão e de prata que o Malfatti tinha, porque ele disse que ia guardar. Não se sabe, mas o Heitor dizia que eram moedas antigas que o Malfatti guardava. As moedas nunca mais voltaram e o rádio nem sei dizer se voltou ou não, mas, como a Enólia gostava muito de escutar novelas, ela ficou muito sentida porque não tinha mais o rádio para acompanhar. Daí elas iam lá em casa para ouvir as tais novelas. Eu sempre estava costurando, bordando e aí a Enólia se interessou em aprender a bordar . Ela tinha dozes anos na época. Ela sempre diz que aprendeu a bordar comigo. E eu, como sempre trabalhava fora, deixava a porta aberta para ela entrar e ver a novela, para ela não perder o capítulo da novela (risos).



Casamento Heitor e Maria, 1953.



*Heitor e Maria com os filhos
Adalberto e Adriana
na frente da casa da Aida
e Ernesto, em Guaporé.*



Adalberto, filho.



Adriana, filha.



Adroaldo, filho.

Capítulo VIII

A Necessidade Faz Acontecer



Quando a minha prima levou as roupas para eu reformar, ela me levou um modelo e eu fui cortando. Fiz um molde no jornal. Tudo pela minha cabeça! Comecei a costurar pequenas coisas, reformar casacão para ela, que tinha as mangas largas e ela queria estreitar, colocar punho... E, assim, comecei a fazer essas coisinhas.

Uma irmã do Heitor, que casou antes de nós e estava grávida, pediu para eu fazer os casaquinhos de tricô e crochê, pois eu já sabia tricotar. Foram as primeiras coisas de nenê que eu fiz.

Acho que uns quatro meses depois do casamento eu engravidei do Adalberto. Dia 26 de setembro eu fiz um ano de casada e dia 25 de outubro o Adalberto nasceu. Então, quando comecei a fazer o enxoval dele, eu ia em uma casa, chamada Casa Moda, onde tinha de tudo um pouco. Eu ia comprar as linhas para bordar, alguma renda, e a mulher me perguntou o que eu estava fazendo. Respondi que estava fazendo o enxoval para o meu filho. Ela quis saber se eu fazia para fora e pediu para ver meus trabalhos. Eu levei umas camisetinhas de cambraia que eu bordava no fio da cambraia: contava os fios, três por três, para fazer o ponto cruz, para fazer a bainha aberta... Tudo isso aprendi com a Aida, apesar de muita coisa, depois, ser invenção minha. Ela ficou encantada e disse: Você não quer fazer para nós? Eu concordei e fiz algumas coisas antes de ganhar o Adalberto, mas continuei a fazer após o seu nascimento também. Naquele tempo não existiam roupinhas boas de nenê para comprar. Tudo era feito em casa. Fazia conjunto de lençol para berço, vira mantilha, babero, camisetinhas...

Ainda enquanto eu estava esperando o Adalberto, eu queria uma bolsa para colocar as coisas dele dentro, colocar as mamadeiras, como todas as mães querem, né? E fui em uma sapataria em Guaporé, a sapataria do Faccio. Tinha uma bolsa bem bonita lá, mas era 150 reais. Meu Deus! Para mim, 150 reais era tão difícil quanto hoje seriam 1.500 reais. Então, eu olhei bem a bolsa, medi com a palma da mão, tanto de altura, tanto de largura... Fui comprar em uma loja, chamada Camini, uma lonita xadrez com fundo verde e uma tirinhas marrom, vermelho, branco... Lembro sempre que comprei 35 centímetros. Ela tinha 90 de largura. Só existia tecido de 90, de 70 e de 80. Depois tinham os tecidos para lençol. Só a lã em metro era que tinha um metro e meio de largura. Os tecidos mais inferiores eram de 70, 80.

Como o Heitor trabalhava na fábrica com estofamento, pedi para ele trazer uns retalhinhos de plástico vermelho, se tivesse, ou branco. Disse para ele trazer umas tiras compridas. E ele me trouxe tiras vermelhas. Fiz a dita sacola. Eu fiz com tiras de pé vermelhas e o contorno, em cima, com plástico. O Heitor foi em um senhor, que trabalhava como seleiro de cavalo, e ele colocou uns ilhoses nessa parte de cima que eu havia contornado, como eu tinha visto na sapataria. Fiz um cordão torcido de linhas grossas para passar nos ilhoses e amarrar. Tinha uma alça, também de plástico com lonita, porque só plástico ficaria fraca, não teria resistência.

Eu fazia para essa loja que falei das roupinhas. Eu levava para casa peças de cambraia e fazia vira-mantilha, muitos diziam babita, bordada; jogos de lençolzinho com fronha, só de cima, de baixo não; camisetinhas; manguito, como diziam, que era um tipo de uma camisetinha, sem manga, que se colocava por baixo e amarrava com uma fita a fraldinha por dentro, ajudando a segurar. Um dia fui levar essas peças, depois que ganhei o Adalberto, na sacola que eu havia feito, e a dona da loja me disse: Mas que sacola linda! Onde você comprou? E eu disse que eu é que havia feito. Ela não quis acreditar e disse: Então tu vai fazer pra mim! Pedi para ela ir no Camini comprar a lonita. Ela comprou uma xadrez com azul marinho, branco, vermelho e verde. Eu fiz e coloquei um plástico branco. Ela ficou encantada com a bolsa e já comecei a fazer para vender na loja as ditas bolsas. Nunca tinha visto fazer! Só

tinha visto naquela loja e feito as medidas com as mãos porque eu não podia mostrar para o homem que eu estava tirando as medidas da bolsa.

A Deonila, minha cunhada aqui de Passo Fundo, ganhou sua última filha, a Elisabeth. Então, apesar de eu já estar grávida, minha irmã disse para eu vir ficar com ela, pois meu irmão viajava e eu ainda não tinha filhos. Ela disse que faria comida para o Heitor. Eu vim e fiquei uns dias com as meninas, que eram três, até que ela foi para o hospital, já que não tinha ninguém da sua família aqui. Aí aproveitei para ir até a loja Kieling, que tinha em frente à praça Marechal Floriano, e comprei bastante lonitas diferentes. As de Guaporé não dava mais pra repetir. Voltei para casa e mais tarde vim de novo, com o Beto já grandinho, para ajudar, novamente, com as meninas, pois minha cunhada estava doente. Mais uma vez fiz compras. E a mulher do Kieling disse: O que tu faz com tanta lonita? Eu respondi: Eu faço essas bolsas aqui. Tu mora onde? Eu sou de Guaporé. Mas tu vai fazer para nós também! Veja que pobreza era naquele tempo! Não tinha quem fizesse isso! Não existia bolsa! Existiam aquelas carteiras de couro ou aquelas bolsas chiques de couro, mas sacolas, coisas assim de mão como tem hoje, não tinha! E comecei a fazer para a loja Kieling. Eles me mandavam pelo ônibus as lonitas e eu mandava, também pelo ônibus, as bolsas prontas. Nessa época eu, praticamente, sustentei a casa, pois o Heitor não conseguia receber nada da firma em que trabalhava.

Também não existiam fraldas prontas. A gente tinha que comprar. Ou era algodão ou morim ou pelúcia. As de pelúcia se fazia para enrolar à noite no inverno, porque ela era mais grossa e absorvia melhor. Não tinha plástico, não tinha nada. Mais tarde começou a vir alguma calcinha plástica, mas elas vinham com um elástico muito duro que machucava a perninha do nenê. E era um plástico vagabundo que dava só para duas, três vezes. Eram muito caras. Então, a gente colocava só quando saía de casa para poupar e não judiar. Em casa se usava só fralda de pano. A fralda de morim era mais macia e se colocava no meio das pernas. A de algodão, mais grossa, vinha por fora. Depois a gente tinha que quarar elas. Nunca esqueço que eu coloquei na grama e deixei fora uma noite, apanhando sereno. Diziam que apanhar sereno amaciava o algodão que era duro. (risos) Tudo para fazer o melhor pe-

las crianças. Não eram muitas fraldas, não! Era uma dúzia de fralda das grossas, das grandes que se passava em volta do bebê. Ah, e eu enfaixei todos eles! Minha sogra que me deu as faixas, inclusive as do batizado do Heitor. Eu passei para a Adriana e tem uma foto da Elisa enfaixada, mas ela enfaixou e deixou todas as pernas de fora. (risos)

Eu enfaixava o Adalberto à noite para ele ficar quietinho e quente. Não se trocava nenê à noite. Existia o mijão que se colocava em cima do colchão. Era feito de pena de galinha, bem fofo, que absorvia o xixi. Depois se estendia no sol para secar. Láááá de vez em quando era lavado, mas o tempo tinha que estar bom porque levava três, quatro dias para secar. Eu colocava também forros, colcha velha que a mãe me deu. Eu tinha feito um colchão novo, bonito e não queria que passasse xixi para o colchão.

Eu costurava toda a roupa da família, tudo para economizar. O Heitor, quando era solteiro, tinha uma capa de lã preta que era moda naquele tempo. Não haviam muitas opções. Só existia a capa de gaúcho, feita de lã para o inverno, e um sobretudo de gabardine para usar quando chovia. Malhas, roupas quentes... só haviam algumas coisas prontas ou de tricô, se alguém da família soubesse tricotar.

Naquele tempo era muito mais frio do que agora. Então, passei a mão na capa preta e estendi-a no assoalho. Eu já tinha feito os moldes da japona. Assim, coloquei em cima da capa estendida e deu certinho. Fui cortando e saiu uma bela japona. Coloquei forro bonito e o Beto foi todo bonito e feliz em uma festa de aniversário de um colega de aula. Devia estar com uns dezessete anos. Foi muito elogiado e até fizeram ele “desfilar”, pois tinha ficado linda, mesmo!

Quando chegou a moda do modelo safari, fiz para ele uma calça e uma jaqueta de bolsos com lapelas com pregas e cintura marcada com cintinho dourado. Também fez sucesso e ele se sentiu bem vestido. Não tirava nunca!

Eu tive muito sorte, pois, quando morei em Marau, minha vizinha, Dona Delma, costurava roupa para homens e, vendo ela fazer, comecei a fazer para o Heitor também.

Já aqui em Passo Fundo, aprendi muito com minha vizinha, Dona Julieta Zir, uma costureira fina. Costurava para as grandes damas

da sociedade. Era uma pessoa boníssima e muito, muito habilidosa, chegava a ser perfeccionista na sua profissão. Ela também me ensinou muito e foi minha grande amiga, minha mestra e conselheira. Com ela fiz muitas roupas lindas: vestidos longos e curtos bordados com pedrarias. Ela me ensinou a fazer todo tipo de roupa. Assim, a Adriana sempre se apresentava bem vestida, pois minha mestra Julieta fazia milagres com retalhos: saiam peças muito bonitas! Ela dava um jeito em tudo, reformando e deixando a peça perfeita e linda! Gratidão, sempre, Dona Julieta!



*Casaco e touca feitos em tricô para a bisneta Sabina,
agora herdado pela neta Linda.*



Bordado a mão feito por mim para o enxoval do nascimento dos filhos.



Trabalhos atuais em crochê.



Bordados a mão feitos por mim para o meu enxoval de casamento.



Bordados feitos por mim a mão e à máquina para o enxoval de casamento.



Costura - lençóis feitos para o enxoval dos bisnetos.



Toalha em crochê feito com a ajuda da cunhada Aida.



*Maria costurou três vestidos iguais para filha Adriana,
neta Elisa e bisneta Sabina.*



Bisneto Tomás usando a mesma roupa que o bisneto Mateo usou anteriormente.



Roupinhas feitas pelas mãos da avó e bisavó Maria para o neto Heitor e para o bisneto Mateo.

Capítulo IX

Situação Desesperadora



Nunca tínhamos dinheiro, nem para extrema necessidade, e, enquanto isso, o gerente da fábrica, onde o Heitor trabalhava, e sua esposa, iam duas, três vezes por semana no cinema. Não tinha cinema todas as noites durante a semana, mas, quando tinha, eles iam. Nos finais de semana iam também.

Às vezes o Heitor ia trabalhar à noite, porque tinha uma encomenda que precisava entregar, e eu ia lá na minha sogra para o Adalberto se entreter e eu adiantar o meu serviço. Ela tinha uma cozinha bem grande. Ficávamos com a filhinha desse gerente, que era mais velha que o Adalberto, porque os pais tinham ido ao cinema. Muitas vezes o Heitor chegava de tarde em casa e precisávamos de um pão ou alguma outra coisa do mercado e não tínhamos dinheiro. Comprávamos sem dinheiro. Aí, quando ia lá à noite e sabia que tinham ido ao cinema, isso doía muito na gente! O Heitor trabalhando para entregar os móveis e esse gerente nunca ia trabalhar à noite. O Heitor sempre ia. Às vezes até encordoava a semana inteira.

Aconteceu que meu pai veio a Passo Fundo porque o meu irmão mais velho, Genuíno, tinha comprado uma granja em sociedade com outro senhor. Compraram uma área de terra grande. O cara que vendeu essa granja para eles contou uma história para o meu irmão e o meu irmão contou para o meu pai: Sabe, pai, aqui tem uma boa oportunidade para quem quiser se fazer. O cara dá o trato e tudo e ele só tira o dinheiro do trato e o resto é dividido meio a meio com quem vai lá cuidar dos porcos. Será que lá em Guaporé o senhor não conseguiria alguém para

vir aqui tomar conta daquela granja? Já têm os chiqueiros, tem água encanada...tem tudo pronto. É só ir lá e trabalhar para ganhar dinheiro, administrando a criação de porcos.

Na volta, o pai contou isso para o Heitor, querendo saber se ele sabia de alguém que pudesse se interessar, e o Heitor na hora disse: Eu vou assumir isso aí! Eu estou cansado aqui. Eu vejo que não tenho futuro se continuar assim. E aí ele veio para cá com meu pai para conhecer a dita granja. Falaram com o homem, mas não fizeram contrato, não fizeram nada.

Capítulo X

Mudar É Preciso



Então, fizemos a mudança. Tínhamos todos os móveis da nossa casa que o Heitor havia feito. A saída foi distribuir: a sala de jantar ficou na casa da minha mãe, o sofá foi para a casa de uma prima do Heitor que era recém-casada...e assim a gente foi distribuindo as coisas. Trouxemos pouca coisa porque a casinha daqui era muito pequena. Quando eu vim, já vim com a mudança. Imagina só: sair da cidade, deixar minha casa pronta lá alugada, que foi feita com tanto sacrifício pelo Heitor e que eu cuidava tanto...Eu tinha um jardim na frente, uma horta na parte de trás... Tinha até um fechado com umas galinhas! Deixei tudo e viemos embora.

Eu trouxe junto o nosso quarto, uma copinha que se dizia, que era uma cristaleira com a mesa da sala, e uma cama de casal, porque o meu pai veio um tempo trabalhar com o Heitor para ajudar no início. Ele veio de graça. Já era aposentado. Ele ficou uns três, quatro meses com a gente aqui para nos dar uma mão. Esse lugar ficava fora de Passo Fundo. Levava uns 18km para chegar lá. Não tinha luz, não tinha água encanada, não tinha nada!

Para poder aumentar um pouco a sala e entrar aquela cristaleira que nós tínhamos trazido, nós fechamos uma sacadinha que tinha na casa com umas tábuas lá do chiqueirão que eram todas sujas do cocô dos porcos. Então, o Heitor raspava com a enxada para tirar o mais grosso e eu lavava com água e vassoura antes de pregar para fechar a sacada. Assim foi nossa vida lá.

Em uma oportunidade, a Genuína, minha irmã; o Valmir, meu cunhado; a Enólia, irmã do Heitor; a Dona Carolina, minha sogra; e o Clóvis, irmão mais novo do Heitor, foram, de jipe, nos visitar na granja. Ficaram apavorados com a situação em que nos encontramos, tanto que, um tempo depois, a Genuína mandou um punhado de bicos para o Adalberto. Eu não queria que ele chupasse mais, mas ela disse: Coitadinho, naquele fim de mundo e sem bico?

O Heitor começou a cuidar dos porcos. Tinham porcas para fora que o Heitor precisou juntar com carrinho de mão, porque elas estavam machucadas, fracas, com aquela artrose que dá nos bichos também, e foi ajeitando. Até que passados uns sete, oito meses foi vendida a primeira chiqueirada de porcos para um frigorífico aqui de Passo Fundo. O primeiro dinheiro o sócio quis ficar porque ele disse que precisava, combinando que a outra parte, que venceria em trinta dias, ficaria conosco. Só que quando o Heitor foi retirar o dinheiro, o homem já tinha sacado. Daí o Heitor se desesperou e eu mais ainda. Meu Deus, será de novo? Isso já tinham se passado nove meses.

Capítulo XI

Uma Nova Mudança



Decidimos ir embora. Aí o Heitor foi para Chapecó, onde tinha uma irmã, Quintina, que poderia dar uma ajuda para nós. Esse cunhado disse: Tu não pode ficar lá! Vai para casa e vai de muda para Passo Fundo. E foi o que nós fizemos. Na volta já passamos em Passo Fundo. Não tinha ônibus, não tinha nada. Era o meu irmão Genuíno, que morava aqui, que nos levava. Ele queria muito agradecer o outro. Não era tanto por nós, como ele queria mais ajudar o outro porque ele já sabia o que o outro era. O que o outro era? Aquele outro empinou nele também. Ele tinha muitas terras de herança, ele e um irmão dele. E ele quis que o meu irmão comprasse as terras do irmão dele, mas com a condição de que metade ele compraria: Eu vou te dar todas as terras boas para cultivo e as que não prestam, que são para criação de gado, eu fico. Só que ele fez ao contrário! As terras boas para cultivo ficaram para ele e deu para o meu irmão aquelas cheias de caraguatá que mostra que é terra ruim. Ele não sabia disso, ficou sabendo depois.

Na volta de Chapecó, o meu irmão disse: A minha sogra tem uma casa aqui em Passo Fundo e a parte de cima tá desalugada. Nós fomos lá ver. Era um dia que tinha um desfile da corrida dos Bertão. Eles tinham ganhado não sei o quê. Fizeram uma passeata com desfile de carros e tudo. Então, no sábado dormimos na casa da minha cunhada e de manhã fomos ver o desfile. Quatro primas ficaram tomando conta do Beto durante toda manhã. À tarde foram brincar na praça Tochetto. Tinha balanço. Nós fomos na praça e elas disseram: Tia, O Beto tá ali no balanço! Aí pensamos: Já que estamos aqui, vamos ver a casa.

Quando chegamos na casa, começamos a olhar e eu disse: Meu Deus! O Beto ficou no balaço! Daí subimos correndo e, quando chegamos na praça, perguntamos se não tinham visto um menino que estava lá. Nos falaram que um homem havia saído com um menino chorando, dizendo que iria levá-lo na rádio. Fomos até a rádio, que ficava em frente à Praça Marechal Floriano, e já vimos, pelo vidro, o Beto no colo de um homem. Meu Deus...ter um filho e esquecer na praça?! (risos) Só estavam esperando terminar uma música para anunciar a criança perdida.

Gostei da casa porque era um ponto bom, bem no centro, logo abaixo do Centro de Saúde. Meu irmão disse que estava vindo um caminhão carregado de adubo lá para a granja onde ele já estava morando. Vocês poderiam pegar o caminhão para vir de volta. Mas é claro! Vamos, sim! Já fui para casa, encaixotei tudo de qualquer jeito e viemos embora. Pouca coisa também tínhamos.

Já era bem tarde quando chegamos aqui. Tinha pouco sol ainda. E o cara do caminhão tinha pressa porque ele precisava ir a Porto Alegre ainda. Criatura do céu: chegamos e já tinha gente morando! Como assim? Porque naquele tempo não existia imobiliária. Eles alugavam para os conhecidos. O pai tinha alugado para nós e o filho tinha alugado para outro. Eles não tinham se conversado. Ao chegar aqui com a mudança em cima do caminhão, meu Deus do céu! Fazer o quê? O Adalberto estava com uns três anos. Aquela mulher, que estava na parte de cima da casa, disse: Olha, essa aqui de baixo ganhou nenê. Ela está na casa da mãe dela e vai sair daqui. Ela já tem outra casa onde vai morar. Mas, então, tu me faz um favor: me ensina onde ela mora! Daí ela explicou bem onde era. O Heitor foi até lá. Era perto de onde morava essa minha cunhada. Veio a mulher e a mãe dela e, com muita boa vontade, desocuparam uma peça para colocarmos nossas coisas. No fundo tinha um galpãozinho, que era para guardar coisas que não se ocupavam, e ali colocamos o resto que não coube naquele quarto, mas não tinha lugar para nós dormirmos.

Minha cunhada já estava morando na granja, não morava mais aqui, mas eu tinha conhecido duas sobrinhas dela que moravam onde é hoje a Prontoclínica. Então, fomos até lá. Batemos na porta, mas a vizinha disse que elas não estavam em casa. Elas estão em Itapuca, na casa

do irmão. Estão veraneando lá. Meu Deus! E agora? A vizinha disse que vinha um homem dormir todas as noites na casa. Então, eu vou pedir para ele deixar nós colocarmos o colchão para dentro, colchão que deixamos no caminhão para ele descarregar na casa dessa sobrinha. Ele não vai dizer que não. Sentamos na área da casa, o Heitor, eu e o Adalberto, pequeno, com fome, chorando...Tinha um armazém ali perto e o Heitor foi até lá e comprou uma lata de sardinha, pão e um litro de leite para o Adalberto. Daí eu fiz a mamadeira para ele com leite puro e ele tomou, e nós comemos pão com sardinha. O rapaz chegou e deixou, prontamente, nós entrarmos. Dormimos os três no colchão e de manhã cedo o Heitor levantou e saiu procurar serviço.

Ele conseguiu tanto na Casa Carioca, que era a maior fábrica de móveis da região, na época, quanto na Santa Terezinha, que também era uma fábrica grande de móveis. A Casa Carioca ficava onde é hoje a Prontoclínica, e a Santa Terezinha ficava na Presidente Vargas, onde hoje tem um mercadão. Ele ficou na Carioca por ser mais perto da casa que tínhamos alugado. Na segunda-feira ele já começou a trabalhar.

Esse casa, como já falei, estava ocupada na parte de cima e a parte de baixo uma moça cedeu para nós morarmos. Quando fomos dormir na primeira noite, que era sexta-feira, não conseguimos, pois ouvíamos em cima de nós muita bagunça, risada, música alta, pessoas dançando... No sábado e no domingo também não conseguimos descansar. Era uma zona! Então, descobrimos que a inquilina da parte de cima era uma cafetina que recebia moças, daqui de Passo Fundo mesmo, para ir à noite lá fazer programa. A parte de cima era grande. Haviam três dormitórios. Então, ali ela faturava!

O Heitor saiu para trabalhar na segunda-feira e eu tinha terminado de colocar os guardanapos nos móveis. Estava passando cera, lembro como se fosse hoje. Eu já tinha feito o almoço, quando chega o Heitor: Pode parar! Eu já arranjei outra casa! (risos) Eu disse: Ma tu tá louco? Sim, eu já arranjei outra casa bem pertinho do serviço. E, de fato, a casa não dava nem cinquenta metros da Casa Carioca. Ficava na Bento Gonçalves. Já tratamos de ir lá. Era uma casinha simples. O dono da casa era um senhor viúvo e eu lembro sempre que a vizinha, chamada Deonir, e que era filha do dono, se prontificou em esquentar

água quente na casa dela para nós limparmos um pouco as paredes, pois a casa não tinha pintura por dentro e a cozinha estava cheia de banha. A filha dela, Marlene, que devia ter uns doze, treze anos, foi me ajudar a limpar a casa.

Naquele tempo o Heitor trabalhava por empreitada e eles tinham pressa porque tinham encomendas do interior, de outras cidades. Sempre pagaram a cada trabalho entregue. Eles queriam muito bem o Heitor porque ele sempre foi acostumado a trabalhar com o máximo de capricho, por baixo, por cima, por tudo! Os donos Jaime e Jacó Bakalchuk iam lá e batiam nas costas dele: Pandolfo, não fica fazendo por baixo onde o freguês não vê! Não fica caprichando, porque nós precisamos vender mais, senão não vamos vender nunca!

Então, no Natal, o único funcionário, entre sessenta e setenta, que ganhava cesta de Natal era ele. Jantava e voltava a trabalhar até dez, onze horas. Chegava, tomava banho para deitar e de manhã, quando eu me acordava, ele não estava mais. Levantava às quatro para aprontar tudo na hora! Ele dizia: É só hoje que eu tenho que entregar, é só amanhã que eu tenho que entregar...Ele era assim: perfeccionista!

Ele tinha muita responsabilidade, sempre teve, mas eles também sempre foram muito bons. Ele ganhava muito bem na época. Ele contava que o primeiro trabalho que ele pegou, ele ganhou muito pouco, pouco mais de um salário no mês. Depois que ele aprendeu a falar, ele ganhava como cinco, seis salários às vezes.

Ele ficou cinco anos na Casa Carioca. Moramos na mesma casa durante todo esse tempo. Fiz amizades. Eram pessoas boas, pois era um terreno grande de um dono só. Então, suas duas filhas e seu filho construíram suas casas ali também. Era um terreno de esquina, de frente para a Bento Gonçalves e atrás era a rua Arthur Leite.

Foi no período desses cinco anos que nasceu a Adriana, e eu continuava a fazer sacolas e sapatilhas. Passei a fazer sacolas só de courvin. No começo não existia o courvin. Era um plástico sem forro. Então, eu fazia elas de lonita, enfeitadas com couro. Nem as alças eu podia fazer com aquele plástico, pois, apesar de ser grossinho, não tinha forro. Mas, depois que eu comecei a fazer de courvin, era só de courvin. Aqui eu tinha facilidade em conseguir. Não tinha “buraco” em

que eu não entrasse para comprar retalhos. Pegava na Casa Carioca, em uma estofaria grande descendo a General Osório, perto do antigo Moinho Menegaz... Comprava tudo em retalhos. Fazia a sacola, às vezes em degradê, e, se não tinha tudo de uma cor só, colocava um pouco de preto junto. Assim eu ia fazendo. As pessoas vinham até mim para encomendar, mas eu também vendia em Espumoso, pois um dos meus sobrinhos tinha loja em Itapuca e em Marau. Tinha um polaco lá que me comprava muito.

Como as colonas viviam de pés descalços, sofriam ao colocar sapatos, pois eram muito duros. Então, elas gostavam das minhas sapatilhas porque eram macias. Elas se moldavam nos pés.

Eu tinha vendedoras. Tinha uma tal de Dona Nora que tinha um parente que morava não sei onde e, cada vez que ia até lá, levava uma dúzia de bolsas e voltava com o dinheiro. Isso que ela cobrava a mais para sobrar para ela também. As minhas bolsas tinham uma carteirinha: eu fazia uma tirinha do plástico e prendia por dentro, junto com a costura dos enfeites, uma carteirinha com fechinho para colocar dinheiro.

Quando eu fiquei grávida da Adriana, nem lembro como foi que encontrei a Angelina. Eu a conheci em Guaporé, mas eu não tinha muita amizade com ela. Eu só conhecia de vista. Ela trabalhava em uma casa e vinha fazer compras no mercado em que eu trabalhava. Ela casou e veio morar em Passo Fundo. O marido dela era amigo do meu irmão e foram morar juntos em uma época que meu irmão veio trabalhar aqui. Eles tinham uma mecânica ali na Morom. Esse homem, chamado Pedro, era contador. Quando ela chegou aqui, eles foram morar ali na Lavapés e acabamos fazendo uma amizade bonita. Eu fiquei grávida e ela também ficou grávida na mesma época. Fazíamos o enxoval juntas.

Eu tinha pouca coisa porque eu tinha tudo do Adalberto. A gente guardava e não se fazia tudo o que se faz hoje. O marido da Angelina queria muito que fosse uma menina, porque ele dizia que a primeira que vinha era muito bajulada e ele achava que isso não era bom para um homem. (risos) Ela esperava um mês depois de mim. Eu ganhei a Adriana no dia sete de agosto e ela ganhou a Mara no dia dez de agosto. Então, eu mexia com ela que ela ficou com medo de que tivesse nascido a menina para mim e ela foi para casa e começou a fazer força até “ex-

pulsar” a Mara. (risos) Ela ganhou a Mara, dois anos depois a Mariesi e o Marcos veio mais tarde. Somos padrinhos dele. Ele é um afilhado muito querido. Até hoje vem me visitar. Ligou quando o Heitor faleceu. Mande o livro do Heitor para ele e ele disse que em um dia quis ler o livro inteiro. A esposa dele também é um amor!

A casa que tinha ao lado também era do mesmo dono. A vizinha, chamada Bernardete, era pernambucana. Ela dizia: Eu sou pernambucana da gema! Era um dizer deles. Ela era muito legal. O marido dela, Seu Jessé Silva, era telefonista de avião, mas um raio tirou a audição de um ouvido dele. Então, ele se aposentou muito cedo. Ele tocava violão divinamente!

Ainda quando estávamos nessa casa, começaram a surgir granjas em Passo Fundo. Naquela época começou a despertar nos granjeiros a ideia de plantar soja, e tinha aqui o Jutifício Passofundense, que produziam sacos de estopa, de juta, mas a demanda era muita e eles não davam conta. Não era como hoje que colocam nos containers e, depois, levam o soja solto nos caminhões. Eles já ensacavam e costuravam o soja na própria colheitadeira. Meu irmão Genuíno tinha granja e viu que iam faltar sacos, mas ele não podia parar de colher! Então, chegou lá em casa com quatro fardos de estopa: Tu vai fazer tudo isso de sacos para mim! E eu disse: Ma tu tá louco? Sim, tu faz. Eu vou te dar a medida e tu costura. Só tem que costurar bem para ficar forte.

Só que a juta solta um fiapeiro que Deusolivre! Então, o que nós fizemos? O Heitor, querido, colocava, à noite, nossa mesa pequena de comer lá fora. Tratou de puxar uma lâmpada e cortava os sacos para mim. Ele media e cortava. À noite o Heitor cortava a estopa lá fora. Eu também ajudava, e, de dia, eu colocava a máquina lá fora para costurar. Era um metro e vinte e o resto ela tinha de comprimento na altura da estopa. Depois eu costurava, com uma linha mais grossa, duplo para ficar bem forte. Eu costurava só dos lados. Em cima eles costuravam depois que estava cheio. A Adriana devia ter uns seis meses. Ela estava engatinhando. Eu lembro como se fosse hoje! Eu comprei uma pelúcia vermelha e fiz dois macacõezinhos para ela com pezinho e tudo. Não tinha nem tip top naquele tempo! Casaquinho, blusinha a gente fazia de tricô porque não tinha onde comprar.

Tinha uma areazinha nos fundos. Eu recolhia todos os sacos e colocava ali para proteger, caso chovesse. No outro dia eu levava para fora e costurava tudo lá fora. Então, eu enchia o pátio de sacos de estopa e a Adriana engatinhava por cima. Coitadinha...Ela chorava, queria mamá, queria sei lá...Ela parecia que tinha um bigode de tanto fiapo no rosto. Meus filhos nunca ganharam colo, eu não tinha tempo para dar colo... Pensa: roupa, casa, comida, filhos e trabalhar para fora! Eu fazia toda roupa deles! Nunca comprei roupa! Até casar, a Adriana nunca soube o que era comprar uma roupa pronta. O Beto também só mais tarde, quando ele se formou e foi para o Rio de Janeiro, que começou a se comprar roupa. Senão eu fazia tudo.

Acho que em uns quinze dias eu fiz todos os sacos porque o meu irmão, apesar de ter sacos ainda em estoque, não conseguia entrar na fila para comprar. Nesse tempo, o Beto já ia na aula. Ele começou a ir na aula com seis anos lá no Círculo Operário, na época administrado pelas irmãs do Bom Conselho. O meu irmão Genuíno, que morava na granja, tinha três meninas. Todas também já estudavam, só a menor que ainda não. No primeiro ano ele colocou elas no internato dessas irmãs do Bom Conselho, mas era muito caro e, no ano seguinte, ele não conseguiu mais pagar porque tinha ido muito mal. As granjas davam muito pouco, não havia a tecnologia que tem hoje. Daí o que ele fez? Ele colocou uma filha na casa de uma conhecida; outra filha na casa do sócio dele, pois era ela que atendia a casa deles; e a Edna, que devia ter uns doze, treze anos, ficou uns dois ou três anos comigo. Ela tem muito carinho por mim até hoje e eu também tenho por ela. Foi a primeira sobrinha que nasceu. Mais tarde, meu irmão e minha cunhada voltaram a morar na cidade por causa das filhas. Eles tinham a casa lá fora, mas alugaram outra aqui lá perto do Bom Conselho. Assim, reuniram as filhas e elas voltaram a estudar.

Capítulo XII

Grande Decepção



O Heitor sempre teve empresa em sociedade. Então, ele não se conformava de trabalhar só de empregado, apesar que ele ganhava muito bem. Haviam meses em que ele chegava a ganhar três vezes mais que os outros porque ele fazia por empreitada. Ele fazia os móveis mais finos da Casa Carioca. Eram chamados de Luís XV: varandas Luís XV e quartos Luís XV. Ele trabalhava muito fora de hora. Às vezes ele ia à noite trabalhar e, quando eu via de manhã cedo, ele já não estava mais na cama. Ele pegava seis varandas, que seriam hoje salas de jantar, e outras vezes seis quartos. Então, quando ele estava por terminar, ele queria acabar de uma vez e, por isso, trabalhava muito. Ele ganhava muito bem e era muito valorizado pelos chefes dele, que eram os Bacaltchuck. Eles dominavam toda a região daqui.

Naquele tempo o Postal tinha colocado aqui uma fábrica de malas. Eram malas com cantos arredondados. Então, exigia um terciado, como se chamava. Era uma madeira fininha, feita de lâminas, que se moldava no formato da mala. Depois eram revestidas de plástico, courvin, mas ele não encontrava alguém para fazer isso. Parece que ele foi na Carioca pedir para eles fazerem isso, mas, como dava muito trabalho, a Carioca não quis fazer. E, com isso, ele se empolgou: Sabe, eu vou colocar uma fábrica de compensado. Aqui em Passo Fundo não tem!

Ele foi no César Santos, que era dono da metade do quarteirão, onde tem hoje o Hotel Vergueiro, e perguntou se ele alugaria aquele terreno. O César Santos respondeu que sim e que não queria nada de aluguel, apenas que pagasse o imposto. Eles não se conheciam, mas acho

que ele viu toda bondade do Heitor. Também pediu que ele fizesse um pavilhão de madeira, pois, se um dia quisesse sair dali, poderia retirar a madeira e construir em outro lugar.

Fomos a Guaporé e comentamos sobre isso. Aí o pessoal disse que não era para colocar em Passo Fundo, mas sim em Marau. Sugeriram colocar uma coisa maior, uma serraria. Dois dos meus irmãos fizeram a proposta de entrar junto. Aí meu pai disse para colocar outro irmão junto que estava em Medianeira, trabalhando no frigorífico, onde ganhava muito bem. Assim começou a dita sociedade. A gente tinha dois terrenos na Vila Vergueiro, que compramos com a venda da casa de Guaporé, e vendemos para comprar em Marau. Colocamos um “x” igual aos outros três.

Conseguimos uma casa grande, bonita e muito boa em Marau. O proprietário dela tinha vindo morar em Passo Fundo e alugou para nós.

Compramos um terreno, uma serraria e fizemos um pavilhão enorme tipo um “L”. A parte da frente, que era a mais comprida, era a serraria. As duas construções tinham dois pisos. O terreno era em uma caída: a serraria era no nível da terra, onde entravam as toras para serem cortadas, e a parte de trás era a fábrica de compensado. Ela ficava no porão, embaixo do primeiro piso. Depois começaram a fazer móveis na parte de cima. Estava indo muito bem. O meu cunhado, vendo isso, quis entrar junto. Vieram morar para cá. Ele era marceneiro e trabalhava fazendo os móveis.

Começamos devagarinho, inclusive o pavilhão que foi construído nem foi todo fechado para não gastarmos em tábuas, pois depois nós íamos fazer serraria e íamos fazer as tábuas. Só colocamos apenas o necessário nos cantos para segurar de pé o telhado.

Nesse meio tempo, como tinha muito trabalho, o Heitor ia, nos domingos, para o mato, ver a madeira que ofereciam para ele, pois ele tinha primeiro que ver para depois fazer o preço e se acertarem. Essa madeira era para a serraria. A gente aproveitava tudo que sobrava de madeira, as tábuas que saíam meio ruins, que refileavam, como se dizia, para fazer compensado. Nós tínhamos a matéria bruta. Só comprávamos as lâminas.

Tinha um senhor que morava perto e tinha um caminhão. Ele fazia os fretes da madeira, trazia as toras de madeira.

O Heitor tinha muitas tarefas: ele ia comprar madeira, atendia os clientes, fazia o trabalho de banco e coisa e tal. A escrita era feita por outro escritório de lá. Às vezes faltava material e eles tinham que ir no centro da cidade a pé, porque não tinha carro, não tinha nada. Era longinho. Hoje é tudo cidade, mas, naquele tempo, era para fora. Dava uns 2km , talvez nem isso.

Quando o Heitor trabalhava na Carioca, ele tinha um colega que era solteiro, com quem o Heitor gostava muito de conversar. Até quando ele casou, o Heitor emprestou dinheiro para o casamento. Ele se chamava Amâncio e, mais tarde, ele entrou no sindicato como presidente e ficou muito mal visto em Passo Fundo. Ele metia bronca mesmo. Já tinha ido para os Estados Unidos para se aprimorar. Um dia ele perdeu o emprego. Não sei o que aconteceu, nem onde ele trabalhava. Ele estava sem emprego. O Armando, irmão do Amâncio, tinha escritório de contabilidade. Até ele tinha feito escrita, no início, para o Heitor, pois o Heitor não conhecia ninguém de Marau.

Um dia ele foi levar para o Heitor uns papéis que tinham ficado e foi, junto com sua mãe, fazer uma visita. Eles foram lá fora na laminadora e a mãe dele ficou ali comigo conversando. Daí ela disse: Será que o Seu Pandolfo não daria um emprego para o Amâncio? Ele não tá conseguindo emprego em Passo Fundo. Ele tem três meninas, pagando aluguel e estão passando fome. Eu sei os pratos de comida que eu passo por baixo da cerca sem o Armando ver. Eu estou praticamente alimentando, matando a fome das meninas. Ele já não estava mais no sindicato. Quando eles saíram eu falei para o Heitor e ele ficou louco: Mas claro que eu quero que ele venha me ajudar!

Em menos de quinze dias o Amâncio já estava morando lá. Tinha uma casa, acima da nossa, e o dono era o mesmo da que em nós morávamos. Então, o proprietário alugou para ele. Ele começou a trabalhar e, aparentemente, trabalhava bem. Porém, em meio a tudo isso, surgiu uma fofoca em Guaporé e, ao invés do Heitor ir, ele mandou o Amâncio que colocou mais lenha na fogueira. Ele voltou com uma

procuração para o Heitor ficar como empregado e entregar a gerência para ele.

O Heitor ficou trabalhando no porão, fazendo compensado. Um dia chegou um freguês, dizendo que queria falar com o Pandolfo. Aí disseram que o Pandolfo não era mais nada ali, e o Heitor ouvindo embaixo... Então, ele decidiu não ficar mais ali e foi falar com um amigo de Guaporé, Erzelino Bordin. Ele era contador e trabalhava no curtume de Marau. Ele disse que aquela procuração não valia nada e que o Heitor poderia reassumir o cargo de chefe quando quisesse. O Heitor tinha muito crédito e, por isso, muita gente de Marau queria bem o Heitor.

Não sei como foi a história, mas dois desses amigos, o Foresti, que era médico, e o Borges, que era dentista, disseram para o Heitor, depois que souberam o que estava acontecendo: Compra a parte deles que nós te emprestamos o dinheiro. Então, o Heitor falou que assim não aguentava mais e propôs para eles, e para os de Guaporé também: Ou vocês compram a minha parte ou vendem a de vocês para mim. Eles disseram que iam comprar porque a parte deles era a maior.

Enfim, o Heitor foi para Marau para montar uma sociedade com familiares e um conhecido e também não deu certo, porque o Heitor, com toda sua bondade, sempre saía prejudicado. E, para não brigar, ele deixou tudo e veio embora de volta.

Em meio a tudo isso, a Aida, minha cunhada, me disse: Tu não vai mais trabalhar, fazendo bolsas para fora. Agora cuida da tua casa. Tu não vai te colocar como uma que precisa trabalhar! (risos) Mas eu logo vi que precisava, porque a empresa estava pequena. Quando a firma parecia que estava bem, o que o Heitor fazia? Ele tirava pouco do seu salário, só o necessário, para pagar as contas da firma, para a firma ir bem. Sabe como é: empresa sempre tem muita despesa. Eram os empregados, impostos... Mas outro sócio, que vendeu sua casa para entrar na empresa, tirava o seu salário.

Eu fazia para as colonas a sacola com a carteirinha dentro e grudava com uma tira de plástico. Também fazia as sapatilhas, pois essas pessoas de fora têm os pés judiados. Então, elas adoravam porque as sapatilhas não apertavam. Eu fazia em troca de galinha, de banha, de sabão, de batata doce, de farinha de milho...O que vinha, vinha bem, né?

Também tinha a loja Posser lá, na época que vieram as bolsas Pata Pata. Foi quando surgiu a cantora Míriam Makeba que cantava Pata Pata. Aquilo pegou no mundo inteiro. Lançaram a moda Pata Pata. A bolsa Pata Pata era meio arredondada com duas argolas grandes, todas trabalhadas, para colocar no braço ou carregar na mão.

Um dia fui nessa loja comprar linha ou outra coisa e a mulher me disse: Que bolsa bonita! Diferente, né? Onde tu comprou? Aqui em Marau? Ai, quando disse que era eu que fazia, ela disse: Ah, mais tu vai fazer pra nós! E eu fiz umas quantas bolsas para a loja. A minha fama de fazer bolsas foi tão grande, que eu comecei a ir no curtume dos Fuga comprar retalhos de couro mesmo. E, como eu ia seguido, eles me perguntaram o que eu fazia com tanto couro. Eu disse que fazia bolsas. Lá me facilitava porque para comprar courvin eu tinha que vir a Passo Fundo. De vez em quando eu vinha e comprava uma remessa, mas, depois, quando precisava de mais e eu ia no curtume. As pessoas gostavam das bolsas de couro. Me perguntaram que tipo de bolsa eu fazia, e eu mostrei: Essa aqui. Mas tu não gostaria de fazer bolsas pra nós? Só que nós queremos do couro que tem o pelinho porque na Argentina e no Paraguai ou no Uruguai, não me lembro bem, pedem muito desse couro para bolsa. Vendemos muito esse couro para bolsas, e se tu fizer as bolsas, vamos vender nós as bolsas lá. Bolsas de viagem, bolsas grandes...

Eles me deram dois couros de boi. Eram macios, curtidos diferente para poder costurar. Faça tudo o que tu achar que pode fazer com esses couros de boi. Bolsas de viagem, de passeio... Levei os couros e fui cortando. Eles tinham até pensado em alugar uma peça perto da minha casa. Tinha um salão de beleza a uns cinquenta metros da minha casa. A mulher morava em cima. Depois ela foi mais para o centro e ficou lá. Então, ficou a parte de baixo sem alugar. Eles queriam que eu produzisse bastante para eles e já pensaram em reservar essa peça. Mas eu não consegui... Tinha alergia ao couro de boi: irritação no nariz, coceira nos olhos... Parecia que ia me sufocar! Infelizmente não pude fazer...

Capítulo XIII

Um Feliz Encontro



Quando fui matricular a Adriana na primeira série, conheci a Irmã Guiomar. Fizemos amizade e, conversando, ficamos sabendo que um tio dela era também tio do Heitor: era tio dela por ser irmão do seu pai, e era tio do Heitor por sua esposa ser irmã da avó Carolina.

Logo no primeiro contato, pedi para ela se não poderia fazer um abatimento no valor da escola, pois estávamos com dificuldades financeiras. Ela perguntou no que eu trabalhava, e eu disse que fazia bolsas, sacolas para colégio... Então tu vai me fazer as capas para a máquina de escrever, para o mimeógrafo... Aí eu vim a Passo Fundo, comprei o plástico e fiz todas as capas para as máquinas dela.

O colégio era católico e preparava as crianças para a Primeira Eucaristia. Na época, a Adriana tinha só seis anos. Durante todo o tempo em que ficamos lá, ela estudou nessa escola. Eram irmãs franciscanas. Aqui elas não têm colégio, mas lá em Marau até hoje elas têm. Essa irmã Guiomar montou até uma banda com latinhas de massa de tomate, com cascas de côco... Precisava ver! As crianças pequenininhas. Colocavam um disco para tocar e elas cantavam junto e batiam os instrumentos. Enfiavam as tampinhas de garrafa para fazer aquele barulhinho.

Mais tarde eu vim de muda para Passo Fundo, o que vou contar no próximo capítulo. Um dia fui na missa na Igreja Santa Teresinha e me dou de cara com a Irmã Guiomar. Perguntei como que ela estava aqui, e ela disse que havia sido transferida para cá. Contou que estava morando lá na Santa Marta, que havia vindo para cá e que começou a

lecionar em um colégio lá da Santa Marta, pois havia visto que aquele povo era muito carente e que precisava de alguém lá. Ela alugou o quarto de uma família e assim morava. Nesse quarto ela dormia e, durante o dia, comia onde dava.

Quando ela se deu conta do quanto as pessoas precisavam de ajuda, ela começou a pedir que mais irmãs viessem para cá. Então, veio a Irmã Ilda, que era enfermeira, e, depois, a Irmã Cristina, uma irmã bem novinha. Fizeram sua casa. Dentro da igreja antiga tinha a sacristia atrás. Elas recuaram o altar, puxaram mais para frente e, assim, aumentaram a sacristia, conseguindo fazer a casa atrás.

Elas dormiam em camas patentes, que são camas de madeira e têm nas laterais uns canos que vêm para cima, tanto na cabeceira, quanto nos pés. O lastro era todo de pneu, de borracha grossa. Não sei como faziam aquelas tiras! O colchão era de crina. Nessa peça elas tinham o seu quarto, a cozinha e uma parte reservada para a Irmã Ilda fazer curativos, aplicar injeções... Lá ela tinha os remédios e a maca. Só que chovia dentro da sacristia. A igreja era muito antiga. Então, elas compraram no Mundo dos Plásticos aquele plástico grosso, transparente e, quando viam que ia chover, elas amarravam esse plástico naqueles canos que tinham nos cantos da cama. Um dia fui lá e tinha tanta água empoçada que parecia uma bacia! Assim elas dormiam, embaixo do tic tac da água, mas ao menos não chovia mais nelas.

Naquele tempo as geladeiras vinham embaladas em madeira. Então, elas ajeitaram na parte de cima, que estava sem tampa, um pau de vassoura e ali penduravam suas roupas. Esse era o armário delas.

Com a história da chuva, foram pedir dinheiro na Alemanha para construir a igreja. E a Alemanha mandou! Só que elas tinham que sair de lá. Então, como vamos fazer? Não sei quem indicou para elas comprar um galpão grande que estava abandonado. Era dos padres redentoristas que ainda hoje têm a Escola Menino Deus. Eles querem um milhão, ela disse. Fizemos campanhas e conseguimos juntar um milhão, mas, no dia em que ela foi lá fechar o negócio, eles pediram cinco. Como nós íamos lá todos os dias, ou ao meio-dia ou à noite, para ver o andamento das coisas, encontramos as três chorando, pois não ti-

nham condições de pagar cinco milhões. Aí fomos falar com o Zanatta, um amigo nosso, e contamos tudo para ele, já que ele tinha emprestado muito dinheiro para os padres. O Zanatta se disponibilizou a ir conversar com eles e acabaram deixando por dois milhões: um milhão elas dariam de entrada e o outro quando pudessem.

Já começamos a desmanchar o galpão e a fazer a casa delas. Só que as madeiras do galpão eram todas carunchadas de cupim. Meu Deus! Como o terreno era em uma baixada, a parte de trás da casa ficou na altura de um andar, mas na frente, como já era plano, ficou de dois andares, o que já foi feito proposital para elas guardarem as coisas embaixo. O Heitor deu todas as madeiras compensadas e um senhor fez, bem barato para elas, todos os guarda-roupas embutidos. Ele se chamava Canal. Tinha fábrica de móveis e já é falecido.

Nesse meio tempo eu consegui camas novas para elas no asilo, porque eram camas diferentes e eles não iam usar. Então, deram duas camas bem bonitas para a Ilda e para a Cristina e, para a Irmã Guiomar, eu dei a cama que era da Adriana. Ela morreu, querida, praticamente dormindo nessa cama. Eu sei que elas ficaram muito bem instaladas, cada uma com seu armário de duas portas. Ficou bem bonito! Mas aí faltava a cozinha! Elas só tinham o fogão. Faltavam os móveis. Daí ela disse: Eu tenho esse casaco de pele que veio lá dos Estados Unidos. Elas recebiam muitas roupas para um brechó que montaram. E eu sugeri fazer uma rifa do tal casaco. A Irmã Guiomar respondeu: Olha, faça o que tu achar melhor porque nós precisamos de dinheiro para fazer os banquinhos, a mesa, a pia e o armário da cozinha. E lá fui eu! Fui falar com a Dilma e o Sílvio que tinham uma gráfica: Dilma, eu preciso de cem bloquinhos com dez números. Eu distribuí para todas as minhas amigas: Se você não der jeito de vender, você paga! Fui em uma por uma e distribuí tudo. O casaco de pele preto quem ganhou foi um funcionário nosso. Me davam renda e coisas bonitas que vinham da Europa para vender e ajudá-las.

Assim, foi feita a mesa de fórmica bem grande, os banquinhos todos de fórmica também, o armário para as panelas e uma pia bem bonita. Aí surgiu outra rifa: a Irmã Guiomar, no tempo em que fez faculdade aqui em Passo Fundo, tinha uma colega que era noiva e o noivo

morreu. Então, ela deu o seu anel de brilhante de noivado para a Irmã Guiomar e outra rifa foi organizada.

Dessa vez fiz mais números e vendemos todos, apenas uma se atrasou em me devolver o talão. Foi me levar lá em casa. A Irmã Guiomar me telefonou: Maria, tu ficou com um talão, né? Você conseguiu vender esse talão? E eu disse que tinham dois, três números que faltavam vender. E não é que o anel caiu lá? Aí ficou para ela de novo. Decidimos reformar o anel com um ourives de Chapecó que hoje é falecido. Ele era casado com uma irmã do Heitor. A esposa faleceu bem nova e foi minha sogra que conseguiu essa moça para casar com ele. Ela era solteira e ia visitar uma prima dela em Chapecó que era sobrinha da minha sogra. Assim, o casamento foi arrumado. Essa moça era muito amiga da Irmã Guiomar no tempo em que ela morou em Sertão. Veio de Sertão para Marau e de Marau para Passo Fundo. Pedimos para o Dorval dar um jeito no anel para fazermos outra rifa e ninguém desconfiar que era o mesmo anel. Passado um tempo, fizemos, novamente, a rifa e aí, enfim, o anel saiu.

A minha tia de Erechim, Dona Generosa, tinha um hotel e tinha dois brincos de brilhante enormes. Ela resolveu doar, mas eu disse: Tia, não doa os dois. Doa um para um lugar e outro para outra entidade. Então, ela deixou um comigo e outro ela levou. Naquele tempo ela já tinha feito um almoço no hotel para seiscentos presos. Tudo beneficente. E deu um desses brincos para uma pessoa do presídio também fazer uma rifa.

Nem fiquei sabendo o que a Irmã Guiomar fez com o brinco, porque naquele tempo o negócio já estava tão grande que não estávamos mais tão ligados. Foi crescendo tanto tudo aquilo lá... Elas estavam morando dentro da igreja, mas tinham conseguido construir a creche. Elas morando na igreja, chovendo em cima e, mesmo assim, construíram a creche. Tiveram a preocupação primeiro com o abrigo das crianças para, depois, pensar na casa delas. Ela ganhou todas as aberturas, portas, janelas do colégio delas de Sertão. O colégio foi modificado e mandaram para cá. Os tijolos ela conseguiu desmanchando fornos, muros, recebendo de pessoas que não queriam mais e levavam até lá. Eu com elas às voltas nas olarias, de uma em uma, pedindo quantos poderiam doar,

depois que contávamos toda a história. Também íamos nas casas de pessoas ricas, que nem conhecíamos, pedir ajuda. Em uma dessas visitas, chegamos na casa de uma viúva muito rica. Diziam que ela precisava abrir o cofre com cuidado para não cair dinheiro no chão de tanto que tinha no tal cofre. Ela prontamente aceitou nos auxiliar e nos deu trezentos mil. Era um pacote grande. A Guio colocou na bolsa e só foi conferir no dia seguinte. Então, veio a surpresa: ao invés de trezentos mil, ela havia nos dado três milhões. A Guio me ligou toda apavorada: O que vamos fazer? Fomos devolver, na esperança que ela deixasse para nossas obras, mas não foi o que aconteceu. Ela, simplesmente, disse: Ah, eu nem tinha notado! Pegou aquilo tudo como se fosse pegar um monte de um papel qualquer. Saímos bem frustradas! (risos)

Aí uma gente da Santa Marta começou a trabalhar, voluntariamente, nos finais de semana, limpando o terreno, fazendo a fundação. Esse terreno era muito grande, tanto que serviu para a construção da creche; da casa delas; de um pavilhão de dois pisos, sendo o andar de baixo para dar cursos para as mocinhas de biscuit, de tricô, crochê e costura, e o andar de cima para administração e salão para reuniões; e um outro pavilhão bem espaçoso, onde a parte de baixo era refeitório, cozinha, e a parte de cima eram salas de aula para aqueles que saíam da creche já entrar na escola. A Guio tinha convênio com a prefeitura. Então, professoras eram cedidas para lecionar ali, assim como também alunas da UPF que já estavam fazendo estágio. Ela se preocupava com os alunos da escola municipal do bairro, pois, como uns estudavam pela manhã e outros à tarde, tinham muito tempo ocioso.

Também foi construída, nesse mesmo terreno, uma casa de madeira para ensinar as mães fazer tapetes de retalhos, colchas, acolchados (eram meias de nylon velhas e já usadas, em forma de “ninhos”, que eram costuradas em um pano e, depois de prontas, eram ensacadas em uma fronha e novamente costuradas a mão). A creche foi inaugurada em um 1º de Abril, dia do aniversário da Irmã Guiomar. Sua entrada foi triunfal, carregando a Lucimar, primeira criança a fazer parte da creche e que, apesar de ter sete meses, pesava apenas 2,500kg.

A Luci, que era como chamávamos a Lucimar, tinha pavor de mamadeira. Ela não podia ver que enlouquecia. Chorava, chorava...

Sua mãe era prostituta e largava a nenê na casa de outras mulheres, mas elas não conseguiam dar mamadeira. Então, davam água com açúcar. Aí, o que decidimos fazer para a Luci tomar a tal mamadeira? Nós enrolávamos a mamadeira em uma fralda e, como ela chupava bico, nós colocávamos o bico e, assim, ela mamava. Ela tinha um cabelo queimado, espigado, meio ruivo, tamanha fraqueza do organismo. A Irmã nos convidou para batizá-la e, sem dúvida, aceitamos.

Na creche foi feito um consultório e, em três dias da semana, os estudantes de medicina atendiam lá, como forma de estágio. Inclusive minha filha Adriana estagiou lá.

Nos natais era costume dar a cada criança da creche e do maternal um pacotinho de bolacha, balas e uma roupa. Então, lá íamos nós para Marau comprar tecido na loja Posser, pois eles nos davam um desconto especial. Fazíamos para as meninas maiores vestidos e para os meninos camisa e calção e, em outras vezes, regata e calção.

Os tecidos ficavam comigo. Minha querida amiga Julieta tinha um grande coração. Ela era uma costureira fina e várias noites, na casa dela, nós duas trabalhávamos no preparo dessas roupas: ela cortando e eu separando os conjuntos de calção e de camisa e os vestidos pelo tamanho devido à cada idade.

Nesse mesmo terreno também foi construída uma casa de material, onde havia a serralheria, para os meninos que já estudavam de manhã, entre doze, treze anos; e um forno para as meninas aprenderem a trabalhar com pintura em porcelana.

A Irmã Guiomar ainda conseguiu, com muitas doações, construir o pavilhão grande da Santa Marta, onde eram organizados jogos, apresentações, assembleias... Tinha cadeiras de plástico e foi inaugurado com uma grande festa, quando todos os que contribuíram foram homenageados. Toda a história da construção do pavilhão foi apresentada em um telão. O nome SOCREBE, Sociedade Cultural Recreativa Beneficente São João Bosco, engloba todo esse complexo, que chegou a ter 570 crianças, e existe até hoje.

E para dar uma fatia de pão, como lanche, para tantas crianças? Usávamos 25kg de farinha por dia. Às vezes pediam mais uma fatia,

mas não podíamos dar porque, senão, faltaria para o lanche da tarde. Nas segundas-feiras, quando retornavam, estavam famintos e comiam tanto que acabavam deitando e dormindo ali mesmo no chão. Só iam para a sala de aula depois que acordavam.

Próximo da SOCREBE foi construído, pela Diocese, um prédio de dois andares para acolher moças grávidas de famílias abastadas, inclusive de outras cidades, para que tivessem seus filhos longe e os deixassem para adoção, pois consideravam isso, naquele tempo, uma enorme vergonha, uma desmoralização para as famílias. Esse prédio chamava-se Casa Lar.

Uma noite bate a Irmã Guiomar em nossa casa, deixando uma mãe conosco que havia tido bebê. Porém, a família que o adotou ainda não havia lhe dado dinheiro, pois as famílias que adotavam as crianças costumavam dar um valor para as mães se sustentarem por um tempo, para comprarem a passagem de volta para casa e coisas assim. Ela acabou ficando uns quatro, cinco dias em nossa casa, sem que tivéssemos a menor ideia de quem era.

Depois do nascimento, os bebês eram levados para a creche para adoção. Então, alguns familiares ou amigos de casais que queriam filhos e não podiam ter, iam até lá e deixavam o endereço desse casal para a Guio, como era chamada a Irmã Guiomar, pedindo que, quando nascesse um bebê, colocasse na porta da casa deles. Assim, tão logo nascia um nenê, a Guio e eu íamos, durante o dia, localizar o endereço e à noite deixávamos o pequeno em uma caixa de papelão bem arrumada com mamadeira, dizendo qual leite a criança tomava, uma muda de roupa e uma cartinha linda, como se fosse o bebê falando. Era de cortar o coração ler o pedido do nenê.

À noite a Guio e a Irmã Ilda iam de carro lá em casa. Esperávamos até perto da meia-noite e íamos, em dois carros, fazer a entrega do bebê. O Heitor e eu íamos no nosso carro e a Guio e a Irmã Ilda iam no delas. Colocávamos barro nas placas dos carros para que não fossem reconhecidos. Passávamos na frente da casa para ver como estava o movimento e, quando estava tudo escuro e calmo, eu descia do carro, pegava a caixa que estava no carro delas, com todo cuidado, colocava na porta da casa, batia forte ou, se tivesse campainha, tocava e saía cor-

rendo. Em uma dessas vezes, a casa tinha um portão de ferro baixinho. Fiquei com medo de que ele ragesse e resolvi pôr a caixa para dentro, já que o muro era baixinho, apesar de ter uma grade de ferro, também baixa. Assim, foi fácil para eu pular. Porém, na correria da volta, minha calça ficou enroscada na cerquinha e saí tropeçando até o carro. (risos)

Ficávamos dando uma volta nos arredores para conferir se tinham recolhido o bebê. Caso isso acontecesse, dávamos mais uma volta e, se estivesse tudo calmo, retornávamos para casa. Em uma das vezes, justamente na noite em que minha calça ficou presa na cerca, já encontramos o casal indo na vizinha mostrar o “presente”.

Uma vizinha de frente de um casal que não podia ter filhos nos indicou o nome deles, já que o marido era caminhoneiro e sua esposa ficava muito tempo sozinha. Assim fizemos. Fomos em uma noite muito fria que até precisei colocar um lenço na cabeça. Quando chegamos na casa, a luz não apagava nunca. Lá pelas duas da manhã a luz apagou. Demos mais uma volta e, como estava tudo quieto, eu desci com a caixa e apertei a campainha. Saímos rápido, mas, para nossa surpresa, ao passarmos várias vezes em frente à casa, lá continuava a caixa. Então, começamos a chamar pelo nome da mulher, dizendo: Abre a porta! Teu bebê chegou! Chamamos, chamamos e nada! Que sufoco! Levou mais de uma hora para ela recolher a criança. Como teve toda essa confusão, no dia seguinte, de manhã bem cedo, fomos na casa da vizinha saber como estava a situação. Ela, muito chateada, nos disse que a tal mulher não quis o bebê e que iria entregá-lo na polícia ou no juiz.

Veja como é a vida... Ao lado da casa dessa vizinha havia uma estudante que estava no seu último dia de aula da faculdade de férias. Ela morava em Casca, era casada e já tinha uma filhinha de cinco, seis anos, mas não poderia ter mais filhos. Porém, seu marido, que havia sido adotado por uma família, queria muito adotar uma criança para retribuir todo o bem que fizeram por ele. Como a história repercutiu por toda rua, ela ficou sabendo e disse, sem pestanejar: Eu vou para casa à noite e vou levar o bebê. Chegando em Casca, pegou um táxi para ir para casa. Enrolou o bebê no seu casacão e, quando o marido abriu a porta, ela entregou o casacão, dizendo: Leva com cuidado, porque tem coisa que quebra, e coloca em cima da cama. Quando abriram e

encontraram o “pacotinho”, acordaram a menina que já estava dormindo e ficaram toda noite admirando o nenê. Que alegria, deles e nossa também! Depois, comentando o ocorrido em casa, o Heitor falou: Mas eu conheço! É meu cliente de compra de compensado, pois ele é marceneiro e fabrica móveis. A vida e suas “coincidências”...

Outra história que marcou muito foi a do Nei. Sua mãe morava no interior, na roça. Ela foi para a cidade para estudar e trabalhar. Um ano depois ela chegou em casa com uma criança nos braços que é esse Nei. Ela deixou a criança sendo criada pelos avós, pois todos já haviam casado e não estavam mais em casa. Quando ele estava com um ano e meio, a mãe voltou para a casa dos pais com uma menina recém-nascida no colo. O pai ficou furioso! Expulsou a filha com a nenê e foi entregar o menino para o juiz. Não quis mais nem o menino, por mais que a avó quisesse ficar com ele. Aí, onde foi parar o Volnei? Lá na creche! Na creche ele não se adaptou com as crianças durante o dia porque ele foi criado só com a avó. Então, levaram o Nei para a casa delas, onde ficava a Irmã Inês por ser responsável pela limpeza da casa. Ele estava sempre às voltas da Irmã Inês e a chamava de vó. Um menino bem bonitinho ele era, bem fortinho, a gente via que era uma criança bem nutrida. Foi passando o tempo e lá continuava ele, ninguém o queria, pois as pessoas preferem um recém nascido. Falamos para todos os casais que estavam na lista de espera, mas nenhum quis ele. Eu ia lá, e lá continuava o Nei. Bem naquela época surgiu uma lei que quem tivesse uma empresa e que quisesse colaborar com um projeto, depositado um tanto, que não lembro exatamente do que se tratava, poderia descontar no imposto de renda. Nós tínhamos um funcionário que não tinha filhos, e já era um casal bem maduro. Diziam que se desentendiam porque ela tinha criado três sobrinhos, mas como eles cresceram, casaram e foram embora, ela estava sempre muito deprimida e acabam brigando. Soube que ela queria muito uma criança. E nós, sabendo desse projeto, pegamos o menino em uma noite e fomos na casa deles. Só que não estava nem ela, nem ele, porque eles haviam ido ao pronto-socorro porque ela tinha tido não sei o quê. Na casa só estava uma irmã solteira, Alba, que morava com ela e o irmão casado que morava na frente da casa deles e tinha duas moças. Quando o irmão viu o menino, ele ficou louco! Se a minha irmã não ficar com o menino, eu vou ficar com o menino! Eu

disse: Bem, então fizemos assim. Vocês já conheceram o menino, falem para o Adelmo e a Fife, que era turca, e amanhã vocês decidem. No outro dia ao meio-dia o casal foi lá conhecer o menino, se apaixonaram e acabaram adotando. Ela dizia para mim: Olha só! Coitadinho, esse dinheiro que ele recebe chega a me queimar nas mãos porque já pensou: tão pequenininho e já se sustentando e ainda sobrando dinheiro! Ela e a irmã dela, que tinha um salão de beleza no porão da casa, onde fizeram uma peça bonita, criaram essa criança com todo mimo, carinho e amor!

Acredito que, como as pessoas sabiam desse nosso trabalho de encaminhar as crianças para adoção, pois a irmã Guiomar tinha autorização para desempenhar essa atividade, uma madrugada toca o telefone lá de casa. A voz era de um homem que dizia querer falar com seu pai. Eu perguntei: Mas quem é o teu pai? É o Heitor Pandolfo! Eu disse: Mas como??? Nós temos três filhos, mas ele continuava insistindo. Até que, lá pelas tantas, eu disse: Para com isso e vai dormir! Nunca mais retornou a ligar. Nós pressupomos que fosse um rapaz adotado e muito revoltado em busca de seu pai verdadeiro. Ele devia saber que fazíamos a colocação das crianças nas casas e que, então, poderia ser filho do Heitor. Depois disso, desapareceu.

Uma coisa interessante é que onde foi construído o pavilhão havia uma horta. As mães das crianças da creche eram convidadas para trabalhar nessa horta e, depois, podiam levar para casa as verduras. Naquele tempo era chamado de corredor da Santa Marta porque media, mais ou menos, oitocentos mil metros. Era de má fama porque a maioria dos moradores não era de boa índole, sendo que uma dos grandes ladrões da época, chamado Batatinha, residia lá. Chamava a atenção que, ao lado de cada rancho, tinha um canteirinho, onde plantavam as mudas que a Irmã Guiomar dava. Ela foi a incentivadora para cada rancho ter seu próprio canteirinho, pois, antes, não havia nada disso.

Conseguimos também da prefeitura uma área de terra na Santa Marta que ficava nos fundos da CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica). Ali foram construídas casas de costaneira para assistidos da conferência de vicentinos, grupo que participei por mais de oito anos. Durante um tempo fizemos chás todos os meses com umas quarenta pessoas, e um chá anual com trezentas pessoas, esse tinha desfile de roupas, calçados...

Éramos em dez e nos reuníamos todas segundas-feiras, quando saíamos para distribuir os mantimentos arrecadados para as três, quatro famílias assistidas por nós. Porém, variava muito o número de famílias.

Fizemos mais casas de costaneira na São Cristovão, nos fundos do centro administrativo do Grazziotin. Essas casas era muito bem feitas pelo Seu Pedro Arnol. Até boliches ele fazia nas casas.

Quando a Beata Madre Maria Bernarda, fundadora da primeira província de irmãs franciscanas no Brasil, foi declarada santa, novamente a Guio sugeriu construirmos um oratório para a Santa Maria Bernarda. Então, fizemos jantares. Os convidados não pagavam pelo jantar, mas, depois que ela explicava, com sua boa e convincente oratória, esse seu objetivo, caía dinheiro grosso na caixinha que passava. Fizemos mais promoções, além de um brechó onde vendíamos roupas que vinham da Europa. Assim, foi construído o primeiro oratório do Brasil em homenagem à Madre Maria Bernarda.

A Irmã Guiomar foi homenageada com o troféu Ana Terra, o qual é entregue a mulheres gaúchas que se destacam por sua atuação. Ainda foi a representante religiosa escolhida para receber a benção e um mimo do Papa João Paulo II, quando ele veio ao Brasil. Também recebeu do governo, como empreendedora destaque, uma linda caminhonete tipo van, mas, em função de ser de muito valor, o seguro ficaria muito alto e resolveu vendê-la.

Outro fato interessante, foi quando a Adriana conheceu muitos colegas na faculdade e dois deles perguntaram se ela sabia de algum lugar para que pudessem morar. Casualmente, uma casinha nos fundos da casa da Dona Julieta, que era nossa vizinha, estava por alugar. Eles foram conhecer a casa e gostaram muito. Um deles era de Santa Cruz e outro de Porto Alegre. Se conheceram na faculdade e vieram morar juntos nessa casa, onde ficaram até a formatura.

A mãe do de Porto Alegre vinha visitá-lo e acabou fazendo amizade com a Dona Julieta. Era uma pessoa carismática, maravilhosa, muito querida. Chamava-se Eva e, em meio à uma conversa sobre a vida com a Dona Julieta, contou que havia sido adotada por um casal de Porto Alegre, mas sabia que sua mãe biológica era de uma família

tradicional de Veranópolis. Então, como a Dona Julieta havia morado um tempo em Veranópolis, ela tinha amizade com famílias de posse de lá. De conversa em conversa, chegaram à conclusão que sua mãe seria filha de uma dessas famílias, pois haviam comentários na cidade de que uma das filhas deles havia ido para Porto Alegre ter sua filha lá, já que, na época, algo assim tratava-se de uma desonra para a família. Assim, a Dona Julieta proporcionou um encontro entre as famílias.

Como a Eva havia sido muito amada pelo casal que a adotou, demonstrou desejo em adotar uma criança. Ficaram sabendo, através da justiça, que um casal, ele alcóolatra e ela prostituta, tinham dois filhos: uma menina de dois anos e um bebê de meses. Essas crianças eram muito sofridas, pois o pai bebia e dormia e a mãe saía para se prostituir. Ficavam com fraldas sujas, vencidas... Tinham feridas no bumbum. Então, a justiça recolheu as crianças. A menina ficou na SOCREBE para adoção e o bebê ficou hospitalizado com feridas profundas que acabaram infeccionando e tirando sua vida.

A Eva já havia comentado com a Irmã Guiomar que, caso aparecesse uma criança grandinha, ela gostaria de adotar. E foi o que aconteceu: a menina judiada pelos pais curou as feridas e, em uma das vindas da Eva, a Guiomar arrumou bem a menina e levou lá em casa. Aí chamei a Dona Julieta e a Eva para conhecerem a menina. Ela era muito linda e acabou, felizmente, sendo adotada. Hoje já é mãe, formada em enfermagem.

No dia em que a Irmã Guiomar faleceu, o Heitor e eu estávamos indo a Porto Alegre para fazermos os passaportes, pois tínhamos viagem marcada, com nossa filha Adriana, para os Estados Unidos. Conseguimos ficar um pouco no velório e acabou sendo eu a dar entrevista para a rádio Planalto sobre a vida da Irmã Guiomar, pois, entre todos que estavam lá, era eu quem melhor a conhecia.

Capítulo XIV

Retorno a Passo Fundo



Voltamos a Passo Fundo com todas as promissórias assinadas de que nos pagaríamos tanto por mês. Só que eles queriam modificar a firma e, para isso, teriam que ter quitado tudo com o Heitor. Então, pediram para o Heitor se ele daria uma assinatura de quitação. Até essa altura já haviam pago quase a metade. Inclusive eles haviam mudado de endereço. Eles venderam lá onde era a firma. Venderam terreno, barracão, tudo para outra madeireira e alugaram lá em cima onde tinha a piscina de Marau. Tinha uma construção boa e foram para lá. E, depois de tudo que aconteceu, o Heitor ainda assinou! Aí não pagaram mais nada, não deram nem mais um tostão.

Nós tínhamos dois terrenos na Vila Vergueiro, bem na subida, entre a Fagundes e a Lava Pés, os quais compramos com a venda da casa de Guaporé. Um nós vendemos para ir para Marau e o outro a gente vendeu para começar aqui porque não tínhamos dinheiro. A gente ficou sem chão, sabe? Porque nós estávamos certos de que eles queriam vender, mas, com o que aconteceu, a gente se perdeu!

O Heitor foi para o Paraná para tentar conseguir alguma coisa. Pegou o ônibus, foi até Cascavel, pousou uma noite no hotel e voltou para casa. Vai fazer o que sozinho, sem conhecer ninguém... Mas ele estava tão desatinado que quis fazer isso.

Na volta de Cascavel ele parou aqui e ficou sabendo que tinha uma fábrica de compensado fechada e falida. Ele foi ver e, quando voltou para casa, eu disse: Heitor, vamos arriscar! Fazer o quê? Vamos comprar. Não tem nenhuma fábrica pequena de compensado por aqui.

Têm as grandes fábricas de compensado, mas para os pequenos, que compram pouco, não têm. Aí ele veio e chegou em casa com a chave: Tô aqui com a chave! Feliz da vida!

Então, viemos e alugamos uma casa ali em cima perto da Igreja Santa Terezinha. Uma casa antiga dos Laiser, e também alugamos o pavilhão onde estava essa firma falida. A dona da firma era uma viúva e morava com ela uma filha, também viúva, que tinha quatro filhos. Ela dependia do aluguel daquilo ali. Nós alugamos e naquele tempo não tinha fiador, nada!

O Heitor começou a fazer limpeza, organizar e começou a aparecer freguesia, compradores. O Heitor tinha muito pedaço de compensado, muita coisa jogada e ele começou a organizar tudo. Ele comprou do dono das máquinas tudo o que tinha dentro. Era o inquilino que ainda devia estar pagando aluguel para ela porque estava tudo ocupado, né? O Heitor separou todos os pedaços de compensado. Ele ia nos domingos fazer limpeza, organizar tudo. E começou a entrar trabalho, trabalho, trabalho e ele precisou pegar mais gente para ajudar. Ele devia ter conhecimento dos empregados que estavam com esse tal de Bortolon, que era o antigo dono, e todos voltaram a trabalhar lá, cada um no seu setor.

Foi passando o tempo, a gente estava indo bem, e a dona da casa começou a dizer que precisava vender, porque o filho, que era dono do terreno do lado, queria dinheiro para investir em uma granja, onde plantava trigo e outras coisas. Daí ela dizia: Pandolfo, me compra isso aqui! Mas comprar com o quê? A gente não tinha, né? Ela começou a apertar até que um dia ela entrou, com a mala na mão, dizendo que estava indo a Porto Alegre para fazer uma avaliação do seu problema de saúde, e disse: Vou te fazer uma última proposta. Eu estava pedindo sessenta, mas eu te faço cinquenta, desde que você me dê 25 para eu repassar para o meu filho e continuo morando aqui até você quitar o resto. Se tu não comprar, o vizinho, que era o Seu Buaes, compra. Meu Deus do céu! Daí ele foi para casa bem chateado. Disse que ia tentar fazer papagaio. Não tinha empréstimo. O cara que tinha crédito e conta boa no banco conseguia. E ele foi fazendo papagaio em um banco e em outro, porque nosso movimento era bom. Ele conseguiu dezoito e seiscentos de papagaio. Ela queria vinte para dar para o filho. Então, já estava quase.

Um dia eu estava varrendo a casa. A casa lá em cima era antiga, mal cuidada , não tinha pintura por dentro, tinha as frestas do assoalho largas e juntava aqueles penungizinhos. Eu estava varrendo com o rádio ligado. Eu não ligava o rádio, mas naquele dia estava ligado, e eu escutei: Atenção você que quer comprar casa, seu carro, um terreno, aproveita a Pró Casa . Tomei nota de onde era o endereço da tal Pró Casa. Quando o Heitor chegou ao meio-dia em casa, contei para ele o que tinha ouvido e disse para ele ir lá. Ele estava se batendo para completar os vinte. Era ali em cima na Capitão Eleutério. Ele foi lá e se empolgou. Dava quinhentos reais de entrada, que eu acho que era o dinheiro que ele ganhava. Era um consórcio. Quem dava o lance maior, ganhava o empréstimo. Mas, para isso, precisava a avaliação do engenheiro de quanto valia. Ela pedia cinquenta e foi avaliada por noventa. Então, o Heitor foi para Porto Alegre com os dezoito e seiscentos para dar como segundo lance. Consegui tirar quarenta mil. Como tinham outros, que já haviam entrado antes do Heitor, mas não ganhavam porque davam pouco lance, vendiam planos de dez, de vinte. O Heitor comprava deles e dava lance de novo até que tirou não quarenta, mas setenta mil.

Eu sei que ele veio e pagou a mulher. Então, ela disse que se pagasse o filho, e se o Heitor deixasse ela morando lá, quando ele pudesse comprar, ela vendia, pois ela não tinha pressa para o dela. Mas aí a gente comprou tudo e já demos uma ajeitada na casa: pintamos por fora, por dentro... Ficamos pagando oitenta mil. Dez mil era o juro. A gente pagava por mês, mas isso, no final, representava tão pouco que o Heitor esqueceu de pagar os últimos meses. Ele só lembrou quando foi fazer as escrituras e aí pagou todo o atrasado. Veja bem: nós já pagávamos quatrocentos e cinquenta de aluguel aqui embaixo e mais cento e cinquenta lá em cima. Dava seiscentos reais de aluguel. Nós ficamos pagando, durante dez meses, oitocentos por mês e ficou pago aquilo lá. Eu sempre digo que Deus deu de presente para nós.

Um ano e pouco depois, quando nossa vida já estava muito melhor, compramos nosso primeiro carro: uma Brasília amarela! (risos)

Ele foi muito bem. Em cinco anos nós ganhamos muito dinheiro. Chovia freguês. Então, o Heitor foi pegando mais gente, e como nós tínhamos muito trabalho e estávamos indo muito bem, veio a ideia

de comprar uma chácara para colocar uma laminadora para fazer a primeira lâmina que ia no compensado. Era uma lâmina mais comum e que custava caro porque vinha de longe e tinha o frete. Apareceu uma chácara lá perto do campo do Quatorze, porque já tínhamos juntado dinheiro. Ele construiu um pavilhão grande de madeira e de dois andares. O térreo era onde tinha a laminadora e as toras, e em cima ele fez um secador, onde ele colocava todos os pedaços de lâmina, pendurados que nem em um varal de roupa, para elas enxugarem. Comprou caldeira, mas faltava energia elétrica. Tinha que puxar da avenida para dentro e era uma quadra, cem metros da avenida para dentro, porque era campo lá. Não tinha quase casa, não tinha quase nada lá. Aí ele teve que comprar transformador e puxar a luz de lá até aqui. Precisava mais dinheiro e, além disso, o trabalho começou a diminuir porque entrou esses aglomerados. As fábricas de aglomerado vendiam mais barato. Foi quando o Heitor comprou uma prensa hidráulica que produzia quatro portas a cada dez minutos. Só que não dava para fazer porque para preparar as portas com cola, com tudo arrumado, dava um trabalho...Tinha que colocar uma lâmina grossa, uma fina e mais uma para colocar os filetes todos arrumadinhos em cima, para depois cobrir de cola e colocar mais lâmina. Demorava muito, mas a prensa era potente. O trabalho dele virou em porta.

De repente começou a entrar portas de Santa Catarina, Paraná. Eles colocavam as fábricas no meio do mato e faziam as portas. Só que eles faziam só dois tamanhos de porta: 78 e 88 por 2,20. O que sobrava para nós eram as portas pequenas de banheiro, de despensa, de casa antiga que queriam reformar... Então, se tornava muito dispendioso para nós, porque cada uma era uma medida e perdia muito tempo.

Sem falar que lá fora, na laminadora, quando começou a entrar em funcionamento e tinha que cozinhar as toras, o fogo da caldeira tinha que ser mantido aceso 24 horas por dia. O cara acendia o fogo de manhã e o Heitor ficava lá, fazendo fogo a noite inteira porque não achava ninguém para ir. Precisa amolecer bem as toras para depois debulhar elas como se fosse um rolo de papel higiênico. Estava indo tudo muito bem. Sobravam os roletezinhos, não debulhava toda tora. Sobrava um pedaço do meio que dava para passar na serra para fazer filetes que iam no compensado.

Nós tínhamos um empregado muito bom lá fora, o Seu Loss, que começou a dizer para o Heitor: Vamos fazer uma serraria nós! Montou uma serraria pequena, mas precisa ver que coisa mais boa de trabalhar! Aproveitava tudo! Até quando ele comprava as madeiras para fora, que não eram grossas, faziam ripinhas. Aí, como sobravam retalhos das lâminas que não davam para aproveitar, começaram a fazer caixinhas de uva para Caxias. O Loss fez uma maquininha que precisava ver! Ela cortava no comprimento certo: de 10, 12cm por 30, 50. Elas eram separadas e empilhadas e, quando tinha uma caminhonada eles mandavam buscar. Tinham um doze meninos que estudavam de manhã e à tarde faziam esse serviço: uns separando, outros serrando, outros já empacotando... Era um aproveitamento que virava um bom lucro. Todos os sábados o Heitor pagava a gurizada. Então, eu dizia: Os teus funcionários estão todos aí! (risos)

Aconteceu em meio a tudo isso um fato inusitado. Um andari-lho, chamado Chico, vivia por ali pedindo serviço. Como ele era honesto e caprichoso, apesar de ser “deficiente de cabeça”, trabalhava todos os dias em algumas casas, capinando o lote, limpando oficinas mecânicas... Também vinha, uma vez por semana, fazer a limpeza na oficina. Na intenção de ajudá-lo, o Heitor deu um monte de ferro velho, correntes, canos em desuso...que estavam por lá e levou o Chico para vendê-los no ferro velho. Recebeu um bom valor, mas, como ele sempre falava que, quando recebia, dava uma parte para o pastor, o Heitor disse que aquele era o seu presente de Natal e, portanto, que não era para dar para ninguém o seu presente. Passado um tempo, chega uma mulher, dizendo ser esposa do Francisco e que estava grávida. Queria tratar do salário do Chico. O pastor havia lhe dito que, por ele “trabalhar todos os dias na nossa oficina”, tinha esse direito. Então, eu respondi: Minha cara, a partir de hoje o Chico não precisa mais vir trabalhar. Chegamos à conclusão de que o filho deveria ser do pastor e estava empurrando a responsabilidade para o Chico. Coitado! Às vezes, quando não conseguia nenhum trabalho, vinha no meio da tarde pedir uma “perna” para o Heitor, o que, hoje, seria um real. Nunca mais o vimos...

Outro fato interessante foi o caso de um cego que chegou um dia lá em casa com um menino de uns oito anos. Conversando com ele,

me contou a história de que havia ido na igreja Deus É Amor. Lá disseram para ele que, caso desse todo o dinheiro que tinha no bolso e doasse para Jesus, ele voltaria a enxergar e nem precisaria mais comprar remédios. E foi o que ele fez! Só que sua mulher ficou muito chateada com ele, porque antes ele já costumava dar um pouco de dinheiro, mas naquele dia ele havia dado tudo. Ela mandou ele sair para conseguir dinheiro para os remédios, senão, desse jeito, não o queria mais. A partir desse dia as visitas passaram a ser quase diárias, sempre com o menino junto. Como a mulher queria que ele saísse de casa, perguntei se não tinha nenhum familiar que pudesse acolhê-lo. Então, ele falou que tinha um irmão casado que morava na Santa Marta, hoje Vila Donária, mas não tinha quarto para ele. Era um assentamento da prefeitura em que todas as casas eram pequenas: só cozinha e um quarto. Mas o irmão dele disse que, caso ele conseguisse fazer um puxadinho, ele poderia morar lá. Estávamos afeiçoados a ele e o Heitor decidiu fazer uma meia água de dois, três metros. Fez pronta no tamanho que cabia na carroceria do caminhão. Levamos até lá e o Heitor colocou umas madeiras grossas para fazer o alicerce. Ele fez a casinha com fechadura e tudo, mas, depois disso, também nunca mais o vimos.

Aqui estava diminuindo o trabalho, lá também não tinha muito o que fazer e os funcionários começaram a incomodar. Já tinha pouco trabalho e eles não faziam uma hora a mais para entregar um trabalho pedido para depois de amanhã, vamos supor. O Heitor pagava todos os sábados. Eles trabalhavam até às dez e depois ele fazia o pagamento semanal. Só que eles não vinham trabalhar e na segunda-feira queriam o dinheiro. Então, como ele começou a se incomodar, e nesse meio tempo ele se aposentou muito bem, ele decidiu parar, alugar aquilo lá, vender as máquinas, investir: Com a aposentadoria nós vivemos!

E foi o que ele fez! Vendemos todas as máquinas e, com esse dinheiro, compramos um apartamentozinho lá perto do Notre Dame e um terreno aqui na Vila Fátima, na direção da igreja, de frente para a cidade, na quadra de baixo. Tinha uma casa que a gente ajustou, reformou e alugamos por um bom tempo. E lá embaixo a gente alugou. O primeiro inquilino colocou uma transportadora; depois veio um que trabalhava com estofamentos de carros, sofás... Nesse meio tempo apareceu outro

que queria alugar o pavilhão atrás da nossa casa, onde tinham todas as máquinas de marcenaria. O Heitor vendeu a prensa e outras máquinas, mas as de marceneiro ele ficou porque ele queria trabalhar ainda, fazer alguma coisa. E ele fez, mesmo, alguma coisa! Um dos terrenos tinha a casa na frente e o outro terreno tinha um pátio para estacionamento. Esse inquilino acabou ficando um ano e meio, dois anos lá e depois ele colocou uma oficina para ele. Aí nunca mais alugamos lá atrás. Veio um que colocou uma loja de material de construção e ficou lá dezoito anos. Aí veio esse que tem a Hidroquente e que também está lá há muitos anos.

Quando fechamos a fábrica, reformamos a casa porque ela estava muito ruim. Ela foi construída em cima de um banhado e subia muita umidade, mofo nos armários e por tudo. Ficaram só as quatro paredes de pé. Nossa intenção era subir, fazer um andar em cima e embaixo alugar porque ali é lugar de comércio, mas começamos a pensar que o apartamento teria uma escada e que ficaríamos velhos. Calcularam que seriam uns dezoito degraus. Então, decidimos não subir e arrumar só embaixo e entrar um pouco no pavilhão que ficava atrás. Foi lá que fizemos uma peça de quatro metros e meio por doze. Tinha garagem, área de serviço, churrasqueira, um banheiro e um quartinho. Reformamos toda casa, modificamos o telhado, rebaixamos, porque ela tinha quatro metros e deixamos com três metros de altura. Em cima foi feito chapa de concreto para não ficar muito quente. Ficou boa a casa. O Heitor também quis fazer uma cozinha nova para a casa porque a velha nós tínhamos instalado lá atrás. Ia ficar salão de festa e garagem, tudo junto. Ele demorou um ano para fazer aquela tal cozinha e eu fui ficando lá atrás e não fui mais lá na frente. Ficou a cozinha lá com tudo e eu não me ajeitava. Nós íamos lá dentro só para dormir. Não tínhamos instalado fogão à lenha, mas lá dentro nós tínhamos colocado um pequeno. O grande tinha ficado lá atrás no depósito e, quando veio o primeiro inverno, eu fui buscar o fogão e coloquei a chaminé dentro da churrasqueira. No segundo ano de novo dentro da churrasqueira e no terceiro ano eu disse: Eu vou instalar o fogão porque eu não vou sair daqui! (risos) E assim ficou.

A casa a gente aproveitou muito pouco. Aproveitamos lá atrás. Até as visitas que vinham queriam ir lá atrás porque era fresquinho,

gostoso. Acabamos tirando o carro de lá. Aumentamos um pouco o telhado na frente da casa e na garagem fizemos sala de TV. Os filhos já não estavam mais. O Adalberto e a Adriana já estavam casados. A Adriana morava em Medianeira e, depois, veio morar aqui. O Adroaldo também ainda estava em Medianeira porque ele tinha casado lá. Um dia fomos almoçar na Adriana e o Adalberto disse: Vocês sabem que o Lazzareti está vendendo o apartamento? Vamos lá dar uma olhada para vocês comprarem? Eu, na verdade, não gostava desse lugar aqui. Eu preferia lá na praça central, mas fomos lá olhar. O apartamento estava inteiro e aí a gente se animou. E, como recebemos da construtora, em troca do terreno que tínhamos na Vila Fátima, dois apartamentos com três suítes cada um e cinco garagens, vendemos um lá e compramos esse daqui. Mais tarde acabamos vendendo o outro para termos uma reserva para quando tivéssemos necessidade em nossa velhice.

Tinha um danado de um vizinho do terreno da Vila Fátima. Ele tinha, na esquina, um quadradinho que era só a casa dele, e o nosso terreno tinha treze metros e meio por trinta e seis de fundo. Cada pouco ele ia lá, querendo comprar o terreno. Eu dizia não, pois não precisávamos do dinheiro, mas foi, foi, foi até que acabamos vendendo o terreno para ele.



Almoço beneficente na Socrebe, fazendo galetos com massa.



*Aniversário dos sessenta anos de Religião da Irmã Guiomar.
Só estávamos Heitor e eu.*



*Almoço beneficente na Socrebe (Sociedade Cultural Recreativa e Beneficente),
fazendo, novamente, galeto com massa.
Obra idealizada pela Irmã Guiomar na Vila Santa Marta.*

Capítulo XV

Meu Porto Seguro



O Heitor e eu tivemos três filhos. Adalberto, o primeiro filho, nasceu em Guaporé treze meses depois do nosso casamento. Nós casamos no dia 26 de setembro e no dia 25 de outubro do ano seguinte nasceu o Adalberto. Éramos, totalmente, inexperientes e estávamos passando por muitas dificuldades na sociedade de Guaporé. Comecei a sentir as contrações pela manhã e, à tarde, fomos na casa dos meus pais. Eles moravam perto do hospital. Nada falei para minha mãe, pois ela havia me dito que preferia saber quando o bebê já havia nascido para não sofrer junto comigo.

Meu irmão Ernesto e minha cunhada Ainda moravam ao lado da casa dos meus pais. Então, falei para a Aida, que já tinha dois filhos, o que eu estava sentindo. Ela sugeriu que fôssemos até o hospital. Lá fomos nós. A parteira, uma freira, me examinou e disse que não passaria daquela madrugada. Já disse para eu ficar e para o Heitor ir buscar minha mala, mas eu disse: Aqui não fico! Volto mais tarde.

Acontece que quando eu era uma menina de oito, nove anos precisei ir no hospital fazer um curativo e vi uma mulher, com chambre de cetim rosa, caminhando nos corredores e gemendo de dor. Ela arrastava as sandálias. Fiquei apavorada! Alguém me disse que ela estava assim porque estava por ganhar nenê. Eu fiquei com aquilo na cabeça e pensei: Eu nunca vou ir cedo para ficar lá caminhando daquele jeito até chegar a hora!

Voltamos para casa e fomos dormir. Fiz um sono, mas acordei com contrações mais fortes. Aí fui na latrina para ver se tinha sinal de

sangue, pois, na época, diziam que esse era um sinal de que o parto estava próximo. Tomei banho e um chá e partimos a pé, o Heitor levando a mala. O hospital ficava há uns treze quarteirões ou mais. Passamos na casa da sogra, que ficava perto da nossa, e batemos na janela do seu quarto, avisando que estávamos indo. Saímos de casa às três horas da manhã. No início tudo bem, mas as contrações passaram a vir a cada cinco, seis passos. Procurava apressar o passo, mas, chegando perto do hospital, tive uma muito forte.

Parei, me contorcendo de dor, pois tinha um carro saindo da garagem. Ele vinha na minha direção, e eu, me arrastando, saí do seu caminho. Finalmente chegamos no hospital, lá pelas quatro e meia da manhã. Ele tem uma escadaria de, mais ou menos, cinquenta degraus até a sua entrada. A moça da portaria disse que precisaríamos subir mais dois lances de escada. Chegando no andar de cima, quase sem fôlego, ela me disse para sentar e aguardar. Eu disse que não aguentava mais e que iria para a sala de parto. Ela concordou e me levou. Eu nem havia separado as roupas do bebê. Às cinco e meia ele nasceu e eu não fiquei caminhando nos corredores do hospital. (risos)

O Adalberto era um bebê lindo, e eu tinha muito leite, mas, apesar disso, ele não queria mamar. Naquele tempo era costume dar chá em uma mamadeira. Ele chupava a mamadeira, mas o peito não. Tentei dar leite de vaca. A minha sogra tinha vaca de leite e nós comprávamos leite dela para dar para o Adalberto. Ele mamava tudo. Então, por total inexperiência, eu esgotava os seios e jogava o leite fora. Nunca pensei em colocar o meu próprio leite na mamadeira, pois pensava que ele não gostava. Ele vomitava muito e sempre estava com diarreia.

Levávamos ao médico que dava uma medicação, mas não resolvia. Aí trocávamos por outra, pois, como naquele tempo não haviam exames, íamos testando na “própria sorte”.

Um dia eu estava com o meu bebê muito mal. Voltei ao médico. Então, como há pouco tempo haviam descoberto a penicilina, ele sugeriu que tentássemos. Ela vinha em um frasco de uns 50ml com rolha de borracha. A seringa de vidro era fervida a cada aplicação que acontecia de quatro em quatro horas, dia e noite. Nosso vizinho de frente sabia aplicar. Assim, ele vinha aplicar de dia e, na madrugada, lá ia o Heitor,

constrangido, bater na sua janela. Foi, foi até que o Heitor aprendeu a aplicar a injeção. No local em que ela era aplicada, ficava como se fosse uma queimadura de água quente. Íamos alternando os lados.

Hoje sabemos que existem bebês que têm alergia à proteína do leite de vaca e que apresentam os mesmos efeitos colaterais que o Adalberto apresentava. Além disso, ele é alérgico à penicilina e poderia ter acontecido o pior. Sobreviveu por graça de Deus e hoje é um homem bem forte de quase um metro e noventa de altura.

Entrou na escola com seis anos no Leão XIII. Estudou aqui em Passo Fundo dois anos e terminou o primeiro grau em Marau. Por ter sido o primeiro filho, foi o mais exigido na ajuda de casa durante sua adolescência também em Marau. Estudava e trabalhava na fábrica com o pai. Durante as férias tocava direto. Aprendeu a pintar e a lusturar móveis. Quando ele entrou no segundo grau, ficou sabendo que a tenda do pátio da escola estava à venda. Foi falar com a dona que lhe propôs que daria a feira para ele, desde que comprasse os seus sonhos. Negócio fechado!

Todas semanas ia o caminhão do Gobbi de Passo Fundo com doces, bolachas e outras guloseimas. Também pegava de bicicleta, todas as manhãs, os sonhos, conforme o combinado. Deixava-os na tendinha e ia para a aula. Quando chegava a hora do recreio, lá ia ele abrir a tenda e vender os lanches. Fazia o mesmo à tarde, mas aí só ia na escola na hora do recreio. À noite o movimento era melhor, pois muitos dos que estudavam à noite saíam do trabalho e iam direto para o colégio. Passou a perceber que pediam refrigerante. Então, revestiu uma lata quadrada de isopor, onde colocava seis garrafinhas que ficavam gelando na geladeira de nossa casa até a hora de ir para o recreio. Eu também fazia um doce com duas bolachas maria e um creme bem consistente que colocava no meio. Depois passava no côco ralado. Outro doce, da mesma forma feito por mim, era com bolachas de mel, cortadas ao meio e recheadas com o mesmo creme e, igualmente, enroladas no côco ralado. Outras vezes eu fazia bolo para ele vender em pedaços. No inverno também levava café em duas garrafas térmicas e vendia cafezinho.

Assim foram três anos do ginásio. O quarto ano ele fez aqui em Passo Fundo. Essa maratona rendeu bem. Foi com a renda dela que compramos nossa primeira TV, que conseguimos pagar cada uma das prestações. O Beto também comprou um lindo faqueiro e uma maquina de espichar massa e cortar macarrão que tenho e uso até hoje.

Ele fez seu primeiro vestibular na PUC para Engenharia Civil, mas não conseguiu passar. Porém, na metade do ano repetiu. Foi o primeiro ano em que aconteceu vestibular no meio do ano e nesse ele passou. Assim, foi morar em Porto Alegre em uma pensão. Porém, como o ambiente não era dos mais favoráveis, se uniram em três amigos e alugaram um apartamento, onde ficou até se formar. No dia da formatura levei algumas coisas, preparadas por mim mesma, para comemorarmos juntos nesse apartamento. A Angelina, o Pedro e as filhas também estavam presentes. Ele fez a faculdade em quatro anos e meio, pois ia adiantando as matérias que podia. Em meio aos estudos, deu aula na Escola Técnica de Viamão. Fez estágios em construtoras e, em uma delas, fez amizade com o gerente. Falou sobre o seu interesse em fazer mestrado no Rio de Janeiro. Então, o gerente disse que tinha uma irmã que morava lá e que poderia alugar um quarto para ele. Lá foi ele em seu fusca, sozinho, sem conhecer nem a estrada, nem a mulher, irmã do gerente. Ficou hospedado em sua casa durante um mês, mas, como se sentia muito mal, encontrou amigos para dividir um apartamento. Teve experiências em algumas empresas do Rio de Janeiro, mas foi na UPF, Universidade de Passo Fundo, lecionando na área de gerenciamento, onde, verdadeiramente se encontrou e permaneceu por 27 anos. Hoje está aposentado, pois precisa armazenar bastante energia para a sua linda Linda, sua filhinha e minha neta.

Nossa segunda filha, Adriana, nasceu aqui em Passo Fundo. Eu tinha plano de ter meu bebê no hospital, mas minha amiga Angelina, que estava esperando seu primeiro filho, disse que faria o parto em casa. No finalzinho da sua gravidez me convidou para ir junto com ela fazer a revisão com a parteira que iria atendê-la em casa. Conversei com ela e disse que queria ter meu bebê no hospital. Então, ela disse que atendia no hospital também: Os recursos que tenho no hospital são os mesmos que levo nas casas, pois, caso precise de ajuda médica,

precisamos chamá-lo de qualquer forma, pois ele não fica lá. Assim, me convenceu a ganhar minha filha em casa. Foi tudo muito bem. Felizmente deu tudo certo!

A parteira foi embora e o Heitor sentou na cama ao meu lado: Agora temos que ter cuidado para não comentar nada das filhas dos outros, pois agora nós também temos uma filha!

A Adriana foi uma criança saudável, mas também não quis mamar no peito, só na mamadeira. Era tranquila, porém não dormia bem. À noite se debatia muito, choramingava... Entretanto, como já estávamos melhor treinados, foi mais tranquilo lidar com essa situação.

Ela entrou com seis anos na escola Cristo Rei em Marau. Tínhamos conseguido bolsa de estudos para ela. O restante da sua educação sempre foi em escola pública. Fez pré-vestibular e decidiu pela Medicina, a qual cursou com a ajuda do crédito educativo. A Adriana aproveitou muito a faculdade. Fez muitos amigos e todos os estágios que pôde. Sua decisão em especializar-se em Oftalmologia partiu de um estágio que fez com o Dr. Luthero Martins, seu mestre.

A Adriana também sempre foi muito habilidosa com artesanato. Fazia bijuterias de massa tingida, outras de rolinhos de revista... Também fazia cartões de felicitações, sendo que, na época, a moda entre os jovens era os cartões Amar é... Nesses cartões tinha a figurinha de um menino e de uma menina. Ela desenhava muito bem. Então, em um deles, por exemplo, ela fazia o menino com um buquê de flores nas mãos e escrevia: Amar é...dar flores para a menina!

Aí veio a moda das camisetas customizadas. Ela comprava camisetas de várias cores e pintava de acordo com o que os amigos pediam. Tudo era reciclado, reaproveitado. Poucas coisas eram compradas. Desde aquele tempo ela já era amiga do meio ambiente.

Ainda fazia pulseirinhas de macramê com missangas e, igualmente, vendia para os colegas. Assim foi até entrar na faculdade, sendo que sempre me ajudou nos afazeres da casa.

Adroaldo, nosso terceiro e último filho, nasceu em Marau. Nesse período toda a mulher grávida de oito meses podia optar por ter o filho no hospital ou em casa, mas, caso optasse por essa última, ganha-

ria, até o parto, um salário mínimo. Era preciso consultar o médico para ele confirmar a gravidez de oito meses. Então, no dia 26 de outubro vim a Passo Fundo de ônibus com nossa filha Adriana. Ela estava com cinco anos. Ficamos na casa da Angelina e do Pedro. Eu fui ao médico, enquanto que a Adriana ficou com as filhas da Angelina: a Mara nasceu três dias depois da Adriana e a Mariese tinha três anos. O médico confirmou a gravidez e falou que o parto seria no final de novembro. Lá fui eu sacar o dinheiro no banco e comprar tecidos para fazer as roupas para o Heitor e os filhos para as festas de final de ano. Eu tinha um mês pela frente e daria tempo para aprontar tudo. Apesar da Angelina querer que ficássemos mais tempo para ver sua irmã que morava em outra cidade, acabamos voltando no dia 28 à tarde para Marau.

Chegando perto da nossa residência, duas vizinhas estavam conversando no portão das suas casas. Cumprimentei-as e uma delas me perguntou: Você está grávida? Disse que sim e que estava voltando do médico, sendo que o parto seria no final de novembro.

Ao entrar em casa, tirei os pacotes, mostrei para o Heitor as compras e acabei deixando tudo jogado no sofá. Jantamos e fomos dormir, pois eu estava muito cansada. Por volta de uma hora da manhã, acordei com forte contração. Logo em seguida veio outra. Acordei o Heitor e pulei da cama. Arrumei as roupas, passei pano de joelhos na casa e, quando terminei de limpar tudo, fui tomar banho na latrina. Isso mesmo! Tinha em cima do telhado um pequeno depósito para colocar a água que seria usada no banho, dentro da latrina. Puxávamos um arame e vinha uma ducha de água. Tudo manual. Ao clarear o dia o Heitor foi chamar a parteira que eu já havia consultado e combinado tudo com ela. Ela chegou por volta das seis horas e às dez da manhã nosso filho nasceu. Se eu tivesse ficado em Passo Fundo, teria nascido aqui.

Dos três filhos foi o que dormia bem à noite e que mamou no peito até um ano e meio. Nessa idade precisei desmamar porque ele já começou a morder.

O Adroaldo foi sempre muito saudável, mas era danado: se não fizéssemos o que ele queria, sentava, pois ainda não caminhava, e batia com a cabeça no assoalho. Estava sempre com marcas das batidas na testa.

Ele sempre foi muito protegido e paparicado pelo Adalberto que já tinha dez anos e a Adriana que tinha cinco. A Adriana cuidou muito dele. Era sua babá. Ele, felizmente, não precisou trabalhar na adolescência, pois nesta época estávamos, financeiramente, bem melhor. Sempre animado, participava das feiras de ciência do colégio, sendo que em uma delas fez uma experiência com três pintinhos recém nascidos. Cada um era tratado de uma forma diferente e sobrou um deles que recebeu o nome de Dido. Era muito mansinho e ficava no colo. Após o almoço o Heitor deitava no sofá para assistir TV e o Dido, aninhado no braço do sofá, assistia TV junto com ele.

O Adroaldo sempre foi muito ativo, cheio de energia. Tinha boas amizades e gostava de andar de bicicleta. Alguns amigos permanecem ao seu lado até hoje. Porém, os brinquedos que o Beto teve durante toda infância, foram desmontados por esse irmão. Ele encheu um cesto com as peças e, a partir delas, fazia outros brinquedos. Era um professor Pardal.

Foi sempre muito estudioso e aplicado. Fez faculdade de Engenharia Civil. No vestibular de Santa Maria acertou as cinquenta questões de matemática. No ano seguinte fez, novamente, vestibular para Engenharia Mecânica com a intenção de fazer mais matérias para abrir a formatura. E não é que conseguiu?

Quem não reprova em nenhuma matéria termina a faculdade em cinco anos. Ele conseguiu terminar em quatro anos com notas excelentes em todas as disciplinas. Na sua formatura foi convidado o primeiro reitor da Universidade de Santa Maria para ser paraninfo da vigésima quinta turma de Engenharia, reitor Rodolfo Mariano da Costa. O Adroaldo foi muito cumprimentado no palco por colegas, pois ele sempre dava cola para todos do curso. Foi o último a descer, mas ficamos aguardando por ele, pois o reitor Mariano queria cumprimenta-lo e conhecer seus pais.

Todos ficaram muito impressionados com essa conquista do Adroaldo: conseguir finalizar a faculdade em quatro anos! Foi a primeira vez que isso aconteceu na Engenharia Civil da Universidade de Santa Maria. Um feito e tanto!

O que de melhor posso desejar a vocês, juntamente com quem os acompanha, é que sempre mantenham união, respeito e diálogo entre si, o que sempre valorizamos muito em nossa família. E é através dessa nova geração, que ganhou vida por intermédio de vocês, meus amados netos e bisnetos, que serei eternizada!



*Foto recente com os filhos Adalberto, Adriana e Adroaldo;
noras Luciana e Caroline; netos Heitor e Linda.*



*Adroaldo, com nove anos de idade, e seu “Dido”,
um dos pintos que ele utilizou na experiência da Feira de Ciências.*



Heitor e Maria com o filho Adroaldo na frente da casa em Passo Fundo.



Foto recente com os filhos Adalberto, Adriana e Adroaldo.



A família descontraída, em 1981.



Sabina, minha mãe, com Elisa no dia do batizado, 1986.



Batizado do bisneto Tomás em 2018. Heitor e eu fomos seus padrinhos..



Familia “frutificou” com os bisnetos Sabina, Mateo e Tomás, 2018.



Maria com a família.

Capítulo XVI

Filhos do Coração



A além dos três filhos biológicos, tivemos seis filhos, temporariamente, adotivos. Todos eram adolescentes. A Edna foi a número um. É minha primeira sobrinha e morou dois anos conosco. Ela veio para estudar e bem na época nasceu a Adriana. Então, ela foi escolhida para ser sua madrinha.

Depois veio o Mozart, também sobrinho, e, da mesma forma, sua vinda foi em função dos estudos. Morou um ano e meio em nossa casa.

A terceira foi a Marilene. Ficou sob nossa tutela por três anos e, depois, foi morar em Bento Gonçalves com seus irmãos.

O quarto foi o Juarez, um menino franzino de treze anos, mas que aparentava uns oito anos. Certa noite ele bateu na porta dos fundos de nossa casa, pedindo comida. Falei para ele entrar, mas ele disse que não podia, pois estava com a calça rasgada. Tinha as mãos nas costas. Respondi que não tinha importância. Então, ele disse que iria buscar sua caixa. Voltou, arrastando uma caixa de papelão. Fiquei curiosa e perguntei o que ele fazia com aquela caixa. E, para minha dor, ele disse que era ali que dormia todas as noites.

Entrou, jantou, tomou banho, bem faceiro, e ajeitei uma roupa limpa para ele. Disse: Hoje você dorme aqui nessa cama e amanhã conversamos. No dia seguinte, quando ele levantou, perguntei: O que está acontecendo contigo? Aí ele abriu o jogo. Seu padrasto não gostava dele. Tinha prazer em lhe judiar e sua mãe, por sua vez, também sempre

lhe batia. Não volto mais para casa. Quando chove, durmo embaixo de algum caminhão e, quando o tempo está bom, durmo dentro da caixa. Morava na Vila Sapo. Era um banhadão, onde hoje é o IOT.

Passados uns dias, fomos no Fórum e contamos a situação daquele menino. Pediram para que aguardássemos até eles encontrarem uma colocação para ele. Voltamos na semana seguinte, quando nos disseram que estavam com um projeto para engraxates. Eles ganhariam jaleco e a caixa de engraxate, mas ainda demoraria um tempo.

Então, o Juarez ficou conosco. Ficava lá pela fábrica. Um dia o Heitor disse que tinha um serviço para ele: Pega esses tijolos, quebra e preenche os buracos. Acontece que o calçamento na entrada do portão da fábrica havia cedido e, assim, formavam poças de água quando chovia. Qual não foi nossa surpresa quando chegou uma mulher, dizendo ser sua mãe e querendo saber quanto pagaríamos para ele ficar trabalhando conosco. Respondi que ele estava ali porque andava dormindo na rua. Ele vai comigo pra casa! Falei que ele estava inscrito no projeto e que viesse buscar o material na semana seguinte. Assim ele fez. Passado esse tempo, ele veio buscar o jaleco e a caixa. O restante do material nós compramos. Já haviam marcado o ponto para ele trabalhar e lá foi ele bem feliz.

Depois de uns sete ou oito anos, bate, na mesma porta, um moço bonito, bem arrumado e com uma pastinha embaixo do braço. Perguntou: Não me reconhece? Balancei a cabeça de forma negativa. Sou o Juarez. Estou em Erechim trabalhando e estudando. Que emoção e que felicidade!

O quinto foi o José, sobrinho da Irmã Fátima do Bom Conselho. Tinha doze anos e era órfão de mãe. Sua madrasta era ruim com ele e o pai era alcóolatra. A tia ficou penalizada com sua situação e ajudou para ele ficar no Patronato de Erechim de segunda à sexta, pois ela não podia ficar com ele. Então, ele vinha para nossa casa na sexta à tardinha e voltava na segunda de manhã. Assim passou um ano e meio em nossa companhia.

A sexta foi a Janaína. Ela tinha doze anos e era filha da Ana, minha ajudante. A Ana me contou que essa filha estava tendo dificuldades

na escola. Pedi para a Adriana, nossa filha, marcar uma consulta para ela que eu daria os óculos. Assim fizemos. Marquei um encontro com a Janaína em frente à ótica. Ela escolheu a armação e, com isso, ela foi se aproximando: começou ficando um final de semana conosco até que passou a ficar todos os finais de semana. Era muito inteligente, criativa, alegre e simpática. Sempre quando íamos visitar alguém, ela ia junto. Todos gostavam muito dela, tanto que até presente ganhou em algumas dessas visitas.

Eu não poderia deixar de incluir aqui dois filhos, também do coração, que conhecemos, totalmente por acaso, na primeira viagem que fizemos ao nordeste. Chamam-se Lúcia e Jorge. Nessa viagem tinha um passeio opcional para a Ilha de Itaparica. Do grupo só foram o Heitor, eu, a Íris e o Airton, ele já falecido. Era um casal maravilhoso, grandes amigos. Porém, para irmos para a Ilha de Itaparica tínhamos que pegar uma escuna e foi lá nessa escuna que reparei em um casal quietinho. Não conversamos durante o trajeto. Porém, como deu um temporal muito feio, só conseguimos ficar na estação Ferry Boat, pois chovia cântaros. Enquanto aguardávamos a volta, que demorou um bom tempo, ficamos sentados os quatro em uma mesa batendo papo, porque éramos só nós de Passo Fundo. De repente, chegam a Lúcia e o Jorge e ele, muito espontaneamente, disse: Vocês são gaúchos, né? Eles são de Vitória, Espírito Santo, e estavam viajando para comemorar o primeiro ano de casamento. Esse encontro aconteceu, exatamente, há 33 anos atrás. Ele pediu nosso endereço e eu, por educação, escrevi em um guardanapo, com sua própria caneta, mas nunca imaginei que voltariam a nos procurar.

Na volta da viagem, deixamos o pessoal da excursão seguir em frente e ficamos no Rio de Janeiro, pois o Adalberto e o Adroaldo, nossos filhos, estavam morando lá. Por coincidência, o Eduardo, filho da Íris e do Airton, também estava fazendo mestrado no Rio. Foram colegas desde a primeira série no Monte Castelo, sendo que só se separaram quando foram para a faculdade.

Quando, enfim, chegamos em casa, encontramos, para nossa total surpresa, cartas, livros e fotos da viagem enviados pela Lúcia e pelo Jorge. Depois disso, eles vieram nos visitar. Na primeira visita, estava-

mos fazendo uma grande reforma em casa e, quando toca a campanha, na primeira hora da tarde, encontramos a Lúcia com sua mãe, Dona Zélia, e o Jorge. Estavam hospedados no San Silvestre e partiriam no dia seguinte à noite para o Paraná, onde têm parentes.

No outro dia nos reunimos, com a Íris e o Airton, e fizemos um churrasco de reencontro. Porém, como chovia torrencialmente, precisamos assar o churrasco dentro da fábrica.

Nessa época eu dizia para eles que, quando fossem ao Rio de Janeiro, o que costumavam fazer com frequência, pois têm parentes lá, que fossem visitar o Adalberto que também morava lá. Até que, em certa ocasião, disse que iríamos passar uns dias no Rio de Janeiro. O Beto morava em um condomínio na Barra da Tijuca, onde as casas eram divididas em 4 moradores. A cama do Beto era curta, pois como ele é muito alto, ficava com os pés de fora. O Heitor e eu estávamos arrumando as almofadas da sua cabeceira para tentar aumentar o comprimento, pois, muitas vezes, de tão cansado que chegava, acaba desmaiando em cima das almofadas. Foi aí que ouvimos: Dona Maria! Seu Heitor! E, quando fomos ver quem era, adivinha? A Lúcia e o Jorge. Então, eles ficaram lá dois dias conosco e nos disseram que haviam ido nos buscar para nos levarmos para Vitória. E assim fizemos.

Lá eles nos levaram passear por todos os lugares, sendo que em um único dia chegamos a fazer 500km. Toda família foi mais do que receptiva conosco. Gratidão eterna!

Estávamos organizando uma excursão para os Estados Unidos e Canadá que sairia do Rio de Janeiro. Falamos para a Lúcia e o Jorge e eles, prontamente, demonstraram interesse em nos acompanhar. Nessa viagem aconteceram coisas inusitadas: fomos conhecer, nos Estados Unidos, uma igreja que tinha um espelho de água para refletir a beleza da construção. O ônibus da excursão ficou, aproximadamente, dois quarteirões afastado para, depois, vir nos buscar. Porém, o ônibus não vinha nunca. Até que o guia nos chamou e explicou que teríamos de voltar de táxi, pois o motorista do ônibus teve um “contratempo intestinal”. (risos) Assim, o ônibus ficou interditado.

Saindo de lá fizemos o restante do city tour, o qual terminou em Boston. Lá fomos conhecer sua famosa universidade e fazer um passeio

pela cidade. Começou uma chuva muito forte. Decidimos parar em um loja, a qual tinha primeiro piso e subsolo. Lá vendiam as camisetas da universidade, que era o maior interesse de todos em comprar. Porém, quando estávamos no subsolo, desce o gerente gritando: Subam todos porque o esgoto da cidade estourou! Foi um Deus nos acuda, porque, em instantes, o assoalho já estava com meio metro de sujeira. A gente só via o pessoal da loja correndo recolher as araras cheias de roupas. Em Boston ver toda essa “b...” (risos)

Assim, nos aproximamos muito. Mudamos de muitos guias, porque o atendimento, geralmente, era péssimo. Por isso, o Jorge começou a dizer: Vou fazer faculdade de turismo e, quando me aposentar, serei guia. Eu procurava animá-lo dizendo que iríamos na sua formatura. E não é que ele fez, mesmo, a faculdade? Fez com dificuldade, pois trabalhava durante o dia e à noite estudava, sendo que precisava viajar para Guarapari onde ficava a faculdade. Quando, enfim, se formou, foi uma satisfação enorme compartilhar com eles tamanha conquista e alegria.

Tive o privilégio de ser convidada pelo Jorge para entrar na festa com ele, o que muito me emocionou e me surpreendeu.

Nossa amizade é leal e eterna, sendo que, além de terem vindo nos quinze anos da Elisa, nossa neta, também vieram nas nossas bodas de ouro. Todas vezes que vinham aproveitávamos para fazer passeios com eles: Gramado, Canela, Itá, Treze Tílias, Piratuba, São Miguel das Missões, Guaporé, Chapecó, onde temos nossos familiares, e outros lugares.

Em um dos momentos mais difíceis da minha vida, não deixaram de se fazer presentes. Quando souberam da partida do Heitor, esperaram alguns dias e vieram a Passo Fundo para ficar um tempo comigo, pois, quando o Heitor faleceu, o Jorge estava internado e seu estado inspirava muitos cuidados. Continuamos a manter contato, praticamente, todos os dias. São pessoas especiais, assim como toda sua família também!



Foto com Marilene durante sua longa convivência conosco.

Capítulo XVII

Natais, ahhhh os natais...



Quando eu era jovem, meu pai começava a preparar coelho, carne de porco e de frango uns três dias antes do Natal para reunir os filhos e suas famílias. Tudo era idealizado pelo pai. A mãe apenas o ajudava. Ele fazia a tripa grossa recheada como ninguém! Então, recebemos essa herança de comemorarmos os natais em família de uma forma especial e afetiva. Até o retratista, com seu lambe-lambe, vinha para registrar o evento!

Durante dois anos ou três anos fomos passar o Natal em Guaporé na casa da minha cunhada Iracema e do meu irmão Darci. Eles têm uma cabana de pedra maravilhosa, especial para festas, com piscina e tudo de bom. Havia o momento de um foguetório daqueles e os comes eram preparados com enorme dedicação para receber a todos da melhor forma possível.

Agora, há aproximadamente cinquenta anos, passamos o Natal reunidos em Chapecó. Todos eles se esmeram, ao máximo, para organizar uma noite bem especial. São momentos únicos e divertidos! Proporcionam muito bem estar a quem está lá. Essas noites são animadas ou com amigo secreto, ou amigo-ladrão ou colocamos todos os presentes em um mesmo lugar e cada um, aleatoriamente, retira o seu. Fizemos uma brincadeira muito bonita: a dona da casa inicia falando a respeito de um dos familiares, tanto sobre suas qualidades, quanto sobre seus “defeitos”. Então, ela entrega uma caixa bem enfeitada e, infinitamente, embrulhada, para outro que repete o falatório sobre um próximo. Assim continua, sucessivamente, até chegar na última pessoa presente, a qual

recebe a caixa com um bilhete, já sabendo que terá que repartir com todos o presente que, geralmente, são bombons.

A festa continua no almoço do dia 25. Costumamos sair de Passo Fundo na véspera do Natal e retornamos no final do dia 25. Em um dos anos, a celebração do Natal foi na casa da Enólia e do Valmir. Ele tinha uma filmadora V8 e, depois do jantar, como se estivéssemos em um cinema, assistimos uma bela sessão de fotos com vários momentos da família. Foi uma gozação e uma tocação de flauta daquelas, vendo os modelitos e cabelos que usávamos há tempos atrás. (risos)



Festa de Natal em Guaporé, 1948, na casa dos pais Ricieri e Sabina: irmãos, irmãs, cunhado, cunhadas e sobrinhos. Eu estava com quinze anos.



Natal na casa do pai, 1954.



Natal em Chapecó com a família do Heitor.



*Foto do Natal em Chapecó. Momento de agradecer, por tanta vida,
orar e comemorar com muita comida deliciosa.
Cada um prepara um prato e, assim, formamos, juntos, uma bela mesa.*



Natal em Chapecó, 2004.



Almoço, no dia seguinte, às Bodas de Ouro Heitor e Maria.



Setenta anos Valmir, Chapecó.



Continuação da festa pelas Bodas de Ouro Heitor e Maria.



Sombra e água fresca no almoço de Natal em Chapecó, 1983.



Aniversário dos meus setenta anos, sempre com a vinda da família de Chapecó.



Natal em Chapecó. Sessão de fotos na casa do Valmir, com projetor Super 8.



Natal em Chapecó, 1985.



*Comemoração surpresa de nossas Bodas de Prata
com a vinda dos familiares de Chapecó.*



Em pé, da esquerda para a direita, irmãos Genuíno, já falecido; Nilson, hoje com 80 anos; Darci, atualmente com 84 anos; e Ernesto, também já falecido. Sentadas, minha irmã Genuína, igualmente falecida, e eu.



Família Mafacioli no almoço festivo dos oitenta nos do Heitor.



Adalberto, meu filho, comigo e com minha irmã Genuína.



Natal em Guaporé, 1992.



Natal em Guaporé, 2002.

Capítulo XVIII

Alegrias da Vida



Sou católica praticante. Aprendi a rezar desde criança. Na casa dos meus pais costumávamos rezar o terço todas as noites e não podíamos faltar à missa nos domingos. Assim sendo, sempre procurei cultivar a fé na minha família. Foi sempre na oração que o Heitor e eu encontramos força, esperança e, sobretudo, coragem para seguir em frente e não desistir.

Recomeçamos a vida quatro vezes, sendo que na última já tínhamos os três filhos: Adalberto, Adriana e Adroaldo, todos de joelhos no chão confiantes e esperançosos. Então, dessa vez, o bom Deus abriu as comportas do céu como uma chuva de bênçãos para nossa família.

Mostrei aos meus filhos o valor e o poder da oração. Muitas vezes fizemos novenas juntos em vários momentos da nossa vida. Eles aprenderam a confiar tanto que, quando tinham provas difíceis na faculdade, pediam para que rezássemos por eles.

Em 1979 fomos convidados, o Heitor e eu, para fazermos um retiro com o pregador Frei Filipinho de Curitiba. Foi aí que ficamos conhecendo a RCC (Renovação Carismática Católica). Achamos muito bom, pois lá aprendemos a ler a Bíblia, o valor da missa, da oração espontânea...

Iniciamos participando do grupo de oração. Na época tinham vários na cidade. Nós pertencíamos ao grupo da Santa Terezinha, sendo que os encontros aconteciam na paróquia que leva o mesmo nome.

Participávamos também da Conferência Santa Clara Vicentina. Eram grupos só de mulheres ou só de homens ou de casais. Fazíamos

uma reunião semanal com o objetivo de dar assistência direta ao pobre. Tínhamos uma caixa das contribuições que conseguíamos. Arrecadávamos alimentos, fazendo chás. Durante um bom tempo fizemos todos os meses. Cada uma das integrantes levava um tanto de salgados ou doces para trinta pessoas, sendo que combinávamos antes o que cada uma iria levar. Foi um tempo muito bom e fizemos boas amizades.

A RCC era um grupo de aprofundamento. Durante um ano hospedamos o Padre Fred. Era americano e estava no Brasil há muitos anos. Pregava, especialmente bem, além de ser muito alegre.

Conhecemos também o Frei Giriboni, bem jovem e alegre. Tocava gaita e cantava como ninguém!

O Heitor e eu participávamos do núcleo de coordenação, juntamente com a Leila e Terezinha Zanella; Joseane Magrin (Joca); Odete Grazziotin, precocemente falecida; e Lucimeri e Paulo Mendes. Começamos a fazer jantas nas casas, mas na nossa era mais seguido porque tínhamos um lugar apropriado para receber todos. Os dois sacerdotes estavam sempre presentes também.

Foi por intermédio da Irmã Guiomar que conhecemos o Padre Fred. Assistimos uma missa conduzida por ele e gostamos muito da homilia e do modo como ele conduziu a celebração. Fomos conhecendo-o melhor, sobretudo através da Joca, até que o convidamos para participar do nosso grupo.

Todas as segundas-feiras, após o grupo de oração, o Fred dava uma chegadinha lá em casa para comer algo e tomar um vinho. Nos finais de semana nos reuníamos: no inverno costumava ser sopa de caqueletti e no verão macarronada, risoto ou outras iguarias. O vinho não podia faltar! O final da janta era a hora mais esperada, pois aí começavam as anedotas e a festa com o Frei Giriboni. Ele cantava, com sua gaita, modinhas antigas muito engraçadas, entre elas a Vaquinha de Cinco Tetas:

“Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Esta vaquinha é a nossa ‘salvaçom’
Ela come bem pouquinho e dá leite de ‘monrom’
Esta vaquinha é a nossa ‘salvaçom’
Ela come bem pouquinho, mas dá leite de ‘montom’
A teta número um é pro queijo e pra coalhada
Número dois é do pai
Número três da criançada
Uma teta só pra mãe e o leite da quinta teta
Nós vendemos pro leiteiro quando a coisa fica preta
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Essa vaquinha é a nossa ‘salvaçom’
Ela come bem pouquinho, mas dá leite de ‘montom’
Já aconteceu lá em casa de aparecer visitantes
Não teve nenhum problema, nós temos leite bastante
O esquema não modifica
Só que a teta do leiteiro a gente dá pra visita
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas
Nós temos lá em casa uma vaquinha preta
Fora de série, tem cinco tetas.” (risos)

Tinha até dança. As piadas eram dramatizadas pelos dois que chamávamos de Fred e Barnei. Ríamos tanto que, no dia seguinte, doía a ponta das costelas. (risos)

Depois de alguns anos o Frei Giriboni foi transferido para a Espanha e, passado algum tempo, foi a vez do Fred ir para a Índia, mas continuamos a nos comunicar até hoje.

Agora o Padre Fred voltou para os Estados Unidos. É vigário em uma paróquia na Carolina do Norte e o Giriboni está em Rio Grande, administrando uma comunidade, fundada por ele, que acolhe pessoas vulneráveis.

Nessa época fomos convidados para um ECC (Encontro de Casais com Cristo) no colégio Bom Conselho. Começava na sexta à noite e terminava no domingo também à noite. Foi maravilhoso! Muitas brincadeiras, surpresas... Participamos durante muito tempo, principalmente nos encontros de novos casais que aconteciam todos os anos. Inclusive hospedamos, na nossa própria casa, casais que vinham da região, mas todas as refeições aconteciam no encontro.

NO ECC trabalhamos até 2005, mas nossa atividade não parou aí. Participamos por mais de vinte anos na diretoria da Catedral. Uma vez por ano tinha galetto com massa para 1.500 pessoas. Era servido no salão da Catedral, mas a maior parte preferia levar para casa. Cada cartão dava direito a meio galetto e uma porção de massa com molho. Servia duas pessoas.

Trabalhamos nesses eventos de galetto com massa tanto na Catedral, quanto na Santa Terezinha. As cozinhas eram pequenas, os fogões enormes, as painéis gigantescas...era um sufoco! Éramos em duas para cozinhar a massa. Agora a Catedral não faz mais, mas na Santa Terezinha continuam acontecendo. Reformaram a cozinha e ficou muito bom para quem continua a fazer esse trabalho e, além disso, o galetto é, mesmo, uma delícia!

Uma vez por ano fazíamos um chá para trezentas pessoas. A maior parte dos quitutes era feita por nós mesmas, mas algumas preferiam comprar. Em um desses chás tivemos, inclusive, desfile de roupas e calçados. Nosso grupo era formado pela Maria Grazziotin, Terezinha

Grazziotin, Wilma Tedesco, Arminda Oliveira, Aciles Fontana, Otília Justi, Zeli Rigo, Circe Rossini, Iolanda Sartori, Lélia Sagiorato, Angelina Viecelli, Palmira Miotto e eu.

Íamos todas as semanas visitar os assistidos e levar mantimentos. Tínhamos duas, três, quatro famílias sob nossos cuidados. Me marcou muito um casal em que a esposa teve lepra. Ela andava se arrastando pela casa e, mesmo assim, sua casa era uma limpeza que só vendo!

Sempre quando íamos distribuir as sacolas, era a Terezinha Grazziotin que vinha com sua Kombi. Nunca íamos todas, mas sempre umas quatro ou cinco iam e a Dona Otília Justi dizia: Terezinha, quando tu morrer, tu vai direto pro céu com a Kombi! Era uma gozação! (risos)

Fizemos várias casas de costaneira. O Zeferino tinha serraria e o Pedro Arnoldo até beliches fez. Também organizamos hortas.

Angelina e Pedro Vieceli são amigos de uma vida inteira. Parceiros de férias na praia, de serões na casa um do outro, o que resultou em amizade entre nossos filhos também. Essa amizade é mantida, há décadas, até hoje, pois, além do companheirismo de tanto tempo, temos afilhados de ambos os lados.

Portanto, a fé sempre esteve muito presente em nossas vidas e, por isso, fui eu que ensinei aos meus netos e bisnetos a primeira oração deles: “Anjinho me guarde, anjinho me guie toda essa noite e amanhã todo o dia.”

Em uma das férias em que meus bisnetos vieram dos Estados Unidos para passar uns dias no Brasil, ensinei a canção Mãezinha do Céu. Eles fizeram toda viagem de volta cantando a música em uma repetição sem fim. Acho que vários passageiros aprenderam também! (risos)

Há alguns meses minha neta Elisa enviou um vídeo onde a Sabina, minha bisneta, convidou-a, juntamente com os irmãos Mateo e Tomás, a fazerem uma oração. Montou no chão uma miniatura de presépio que o Heitor e eu trouxemos de Jerusalém e outra do Divino Pai Eterno, trazida de Goiás. Foi lindo ver que a sementinha que foi plantada vingou!

Hoje tenho um pequeno oratório com imagens de anjos e santos. A minha netinha Linda, filha da Luciana e do Adalberto, tem um ano e meio e ainda não fala, mas quando a gente fala em rezar para o anjinho, ela vai direto colocar água benta na mãozinha para fazer o sinal da cruz. Acende a vela e apaga no final da oração. Junta as mãozinhas e fica balançando-as, com os dedinhos entrelaçados, enquanto eu rezo. Ela ouve até o fim e, então, faz o sinal da cruz. Enquanto faço essa oração com a picorrucha da família, também peço proteção para todos os que vieram somar e trazer muitas alegrias à nossa família: netos Isabela, que mora e estuda em Cascavel; Elisa, que mora e que construiu uma bela família nos Estados Unidos; Felipe, que está residindo e trabalhando no Canadá; Heitorzinho, o segundo caçula dos netos; e bisnetos Sabina, Mateo e Tomás, todos nascidos nos Estados Unidos. Vocês fortalecem, imensamente, meus laços com a vida!

Uma pessoa que conheci há muitos anos atrás, e que me chamou a atenção por pedir que fizéssemos orações, é o Padre Darci De Carli. Ele havia sido ordenado há pouco tempo e, em um momento em que meu irmão Genuíno, o mais velho deles, estava bem mal no hospital, comecei a procurar religiosos que pudessem ir até lá orar por ele. Em meio à essa busca, liguei para o Padre Darci que, por telefone, não só prontificou-se, no ato, em ir, como ainda foi me buscar em casa para irmos juntos, sem nunca ter falado comigo pessoalmente. Assim, fomos nos conhecendo cada vez mais, pois ele foi ver esse meu irmão outras vezes. Em um aniversário do Heitor fizemos um jantar, onde muitas pessoas foram convidadas. Resolvemos chamá-lo também e ele aceitou sem pestanejar. E foi, por toda essa amizade que acabou criando com nossa família, que o escolhemos para fazer o casamento da Elisa e do Dan e o da Caroline e do Adroaldo, sendo que nas duas cerimônias ele usou o vinho que trouxemos de Canaã da Galiléia, onde Jesus fez seu primeiro milagre, transformado água em vinho. O restante desse vinho, disse para ele usar em outras celebrações à sua escolha. Também foi ele que fez o batizado do Heitorzinho e do Tomás, neto e bisneto, e da Linda, minha última netinha. Apesar de ter sido transferido, já há muitos anos, da Catedral para a igreja da Vila Fátima, nunca deixou de me chamar pelo meu nome, ou Maria, ou Pandolfo.

Também ainda falando sobre a felicidade que a fé me traz, não posso deixar de mencionar que, há mais de dez anos, o Heitor e eu conhecemos um seminarista chamado Rafael. Como a preparação para o sacerdócio tinha um custo alto, decidimos dar uma pequeninha ajuda mensal para ele, até que ele terminasse sua formação. Como ele é baiano, sua ordenação foi na Bahia, sua terra. Fomos convidados, mas não pudemos ir porque o Heitor não estava bem. Porém, outras pessoas daqui, que também contribuíram para sua ordenação, foram. Ele ficou em duas, três paróquias por lá e, depois, veio para cá, chamado pelo bispo de Frederico Westphalen, pois ele o conhecia bem, já que havia orientado ele também. Ele foi convidado para agilizar o santuário de Nonoai, onde seriam beatificados o sacerdote e o coroinha que haviam sido assassinados na época das revoluções. Se não me engano, isso aconteceu na Revolução Farroupilha. Ele deu um bom andamento no santuário, um bom início de organização e foi convidado, novamente pelo mesmo bispo, a ser pároco da Paróquia Santo Antônio de Coronel Bicaco, onde está até hoje. Lá ele fez eventos e conseguiu restaurar toda casa paróquial, além de muitas outras inovações que continua fazendo até hoje.

Então, ficamos sempre em contato com ele. Vinha nos visitar seguido, rezar missas na nossa casa... Quando eu fiz cirurgia, e recebi alta, ele veio aqui rezar uma missa; quando o Heitor esteve no hospital ele veio lhe dar os santos óleos, que trazem o conforto e a força do Espírito Santo para o doente no momento do seu sofrimento. Porém, no dia do velório, ele não pôde estar presente porque bem nesse dia tinha uma grande comemoração, com missa, na igreja onde ele é o pároco. Entretanto, uns dias antes ele veio rezar e fazer a unção dos santos óleos para o Heitor. Ele é um neto querido que Deus colocou nas nossas vidas. Somos muito amigos. Todos nossos filhos o querem muito bem. Ele é uma pessoa carismática, que se faz ser benquisto. Ele é um grande sacerdote que, onde vai, modifica, melhora, faz o negócio andar mesmo!

Já que estou falando em coisas que me trazem felicidade, tenho que falar no meu amor pelas flores. Acredito que Deus as criou para alegrar e perfumar nossas vidas.

Eu sempre gostei e cultivei flores onde morei e onde hoje moro. Gosto de mexer na terra. Agora, no apartamento, estou mais limitada

pelo pouco espaço, mas, mesmo assim, tenho orquídeas, dentro de casa, e gerânios e suculentas na sacada, pois, como tem muito vento, outro tipo de flor não resiste.

Outro momento muito feliz foram nossas Bodas de Prata e de Ouro. Fomos privilegiados pela presença constante de familiares em datas festivas. Então, quando completamos Bodas de Prata, nossos três filhos fizeram uma comemoração surpresa. Novamente nos reunimos nos meus setenta anos e nos oitenta anos do Heitor, quando também realizamos uma linda surpresa para ele com a presença de todos nossos amigos e familiares.

A confraternização das Bodas de Ouro foi inesquecível! Houve missa no salão do clube e, após, foi servido um belo jantar, seguido pela apresentação, em um telão, da nossa história. Como a Lúcia e o Jorge vieram uns dias antes, a Elsa, mãe da Luciana, minha nora, nos convidou para jantar na sua casa. Lá conhecemos um rapaz que tocava gaita muito bem, e eu gosto bastante de gaita, pois era o único instrumento que havia nos bailes em que íamos na adolescência. Então, pedi para a Elsa contratar esse sanfoneiro para tocar nas nossas bodas, mas ela disse que ele estaria viajando. Eu fiquei bem chateada! Porém, no dia da festa, quando estava por iniciar o baile, quem eu vejo? O sanfoneiro da casa da Elsa! Peguei o Heitor pelo braço e fomos para o meio do salão bailar! Os convidados também dançaram muito. Foi bem divertido e, assim, encerramos nossa festa com chave de ouro!

A confraternização dos 150 anos dos três Pandolfos, Heitor completando noventa anos; Adalberto sessenta; e Adroaldo cinquenta, também foi muito bonita. Mais uma vez amigos e familiares reunidos conosco, além da Lúcia e do Jorge, filhos do coração, que sempre nos alegrem com sua presença.

Viajar por trinta países também foi algo maravilhoso para o Heitor e para mim. Porém, de todos os países que conhecemos, alguns ficaram na lembrança de uma forma mais especial: a França e a Espanha, pela beleza das suas construções, sendo que os monumentos da Espanha, cheios de fontes, em uma país com grande escassez de água, me encantou muito. O Rio Sena, a Catedral de Notre Dame, que

tivemos a graça de ver em meio a um passeio que terminou no teatro Moulin Rouge...

A Rússia e a Suécia também encheram nossos olhos! Moscou é uma pérola e a Noruega nos leva ao passado, o qual está muito vivo e presente lá: os fiordes, vales profundos, de uma beleza deslumbrante, que conhecemos em passeios de trem e de barco com todo grupo da excursão; uma vila típica de vikings, sendo que a recepcionista estava vestida a caráter, como se vestiam as mulheres da época. Visitamos uma das casas que hoje é um museu. Nos chamou a atenção, entre outras coisas, do quanto as camas eram curtas. Dormiam sentados! Essa recepcionista nos pediu para cantarmos uma música do nosso país. Escolhemos Gaúcho de Passo Fundo. Ela gostou e se admirou porque, até então, só havia escutado brasileiros cantando Garota de Ipanema. (risos)



Paixão pelas flores.



Mãos que agradecem.



Esses são álbuns que eu costumava organizar, com muita alegria, após cada viagem que fazíamos.



Um dos chás beneficentes na Escola Monte Castelo, 1975.



Almoço no dia seguinte à formatura da filha Adriana em Medicina, na sombra das parreiras cultivadas pelo Heitor. Dona Julieta sempre presente.



Jantar com amigos. Lembrando, em especial, da saudosa amiga Lucy Zanella.



Jantar em casa com amiga, Frei Giriboni, animando o encontro com sua gaíta, e com o seminarista Marcos, contribuindo na cantoria com seu violão.



Sopa de capeletti com amigos, em nossa casa.



Jantar com amigos, sentindo a falta da saudosa amiga Julieta Zir.



Num dos jantares em casa, lembrando dos amigos Cleide e Altair Danieli.



Grupo de amigos na Chácara Zanella, com Padre Fred e Frei Giriboni.



Desfile em Tramandaí. Olimpíadas da Terceira Idade, 2004.



Com os amigos Joca e Terezinha Magrin, Lúcia, Olinda e Luiz.



Passeio na casa da acolhedora família de Lúcia e Jorge, por ocasião da formatura de Jorge em Turismo.



Viagem para o Espírito Santo, visitando Jorge e Lucia, e degustando a “Muqueca de Curuca”, a qual está no canto à direita na foto. Praia de Guarapari.



Fui madrinha de formatura do Jorge em Vitória, ES, na Faculdade de Turismo. Ele decidiu fazer essa faculdade durante uma viagem que fizemos juntos ao Canadá e Estados Unidos, pois fomos muito mal acompanhados pelos guias turísticos.



Marcelino Ramos, fevereiro de 2014, com as amigas Maria Luiza, Maria de Lourdes, Cleci e Elice.



*Veraneio de 1998, Praia da Enseada, Santa Catarina,
com os amigos Alcides e Aciles.*



Viagem a Piratuba comemorando as Bodas de Ouro dos amigos Aciles e Alcides.



Devoção pela fé.



Com o Padre Rafael, grande amigo da família.



Praia de Iracema, Fortaleza.



Com o Padre Darci que realizou várias cerimônias especiais, durante muitos anos, em nossa família.



Bodas de Ouro.



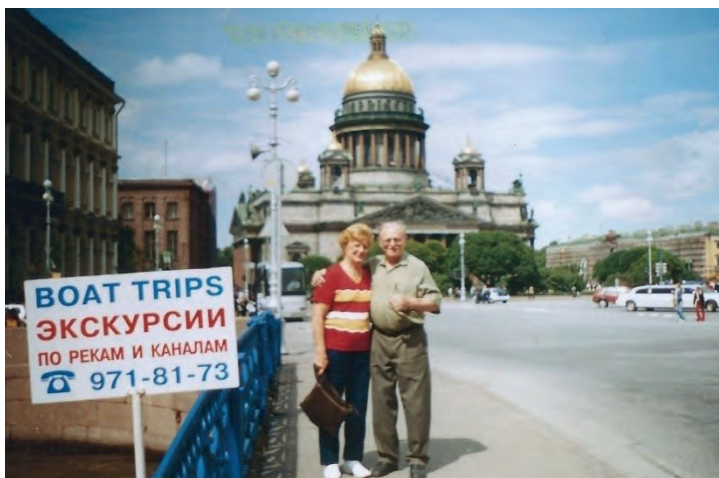
Bodas de Ouro.



*Excursão a Marcelino Ramos, em fevereiro de 2014,
em uma das muitas viagens por lá.*



Interior de uma casa Viking, na Noruega, com a recepcionista vestida a rigor.



Moscou, Rússia.



Viagem para os Estados Unidos, em 2016, para visitar a neta Elisa, seu esposo Dan, e os bisnetos Mateo e Sabina. Nessa viagem, o Heitor e eu recebemos a notícia de que a Elisa estava grávida e de que viria mais um bisneto, o Tomás!



Gruta de ciganos em Granada, Espanha, maio de 1994. Óia eu aí!



Nos fiordes da Noruega.



Aldeia Viking preservada.



Praça Vermelha, Moscou, Rússia.



Catedral de Sevilha, Espanha.



*Lugar onde Jesus transformou água em vinho.
Missa que foi lido o evangelho que fala das bodas de Caná da Galileia.*



Benção dada pelo Padre Hélio, no Rio Jordão.



Em frente ao prédio onde ocorre o Festival Internacional de Cinema em Cannes.



Viagem à França, Paris.

Capítulo XIX

Uma Difícil Despedida Temporária



De depois que nos mudamos para o apartamento, como o Heitor não tinha mais atividade, pois lá embaixo, na casa, ele ainda fazia alguma coisa: afiava serras de widea, usadas para cortar madeira, plástico ou metais; tesouras e outras ferramentas. Também soldava serras de açougue. Ele sempre gostou muito de televisão e, quando passou a não ter mais nada para fazer, se apegou ainda mais a esse lazer. Gostava de futebol, e de todos os tipos de esporte, além de programas de reforma de carros. Era o seu grande passatempo.

Ele tinha muito amor à vida e eu sempre falava: Eu preciso ir primeiro! Eu costumava dizer que não iria aguentar vê-lo no caixão por saber desse seu enorme amor pela vida.

O que me conforma é que ele não sofreu. Ele nem sequer sentiu a morte chegar.

Tudo começou com um tombo em casa, o que levou à internação, mas jamais imaginei que a evolução seria essa...

Os dias de hospitalização foram de muito sofrimento e oração para nós, familiares e amigos. Felizmente, recebi muito apoio da Mônica, enfermeira que há muito tempo o acompanhava, buscando-o em casa para exames, consultas e tudo mais. Também contamos com o apoio mais do que especial da Ivete. Ela está conosco há mais de dez anos e, enquanto ela ficava no hospital durante as tardes, eu ficava pelas manhãs.

A surpresa da sua partida foi enorme para nós... Segundo o médico, Dr César Pires, incansável nos cuidados com o Heitor, ele já po-

deria receber alta, mas, como tinha uma infecção nos dentes, a qual poderia ser a causa das suas pneumonias, e que foi diagnosticada em uma tomografia que fez no hospital, ele sugeriu que já ficasse para extrair os dentes e voltar para casa com tudo resolvido, sem necessitar de uma nova internação. Isso foi em um sábado lá pelas 13:00.

Como era sábado, eu já havia passado toda manhã com ele e o Beto estava vindo me buscar, pois o Adroaldo ficaria à tarde com ele. Ficamos os quatro conversando durante um tempo. Dei um beijo no Heitor e me despedi, dizendo que voltaria na manhã do dia seguinte. O Adroaldo ficou lendo para ele as notícias do Grenal que aconteceria no domingo.

O Heitor estava deitado de barriga para cima e o Adroaldo ouviu um ronco, mas pensou que o pai havia dormido. Porém, quando se aproximou, percebeu que seus olhos estavam abertos.

Procurou reanimá-lo e logo chamou a enfermeira do posto. Entraram no quarto e já começaram com as manobras para casos assim. O Beto e eu estávamos a recém na saída do hospital, quando o Adroaldo ligou, dizendo para voltarmos porque o pai estava passando mal. Ao chegarmos no quarto, já não nos permitiram entrar. O Dr César Pires e a Mônica, como ainda estavam no hospital, correram para lá.

Ele havia tido uma parada cardíaca. Conseguiram reverter o quadro, mas, em seguida, teve outra. Foi levado, imediatamente, para a CTI Cardiológica, onde teve outra parada. A partir daí, foi entubado e entrou em coma.

Isso se prolongou até a noite do dia trinta de abril. Íamos vê-lo, meus filhos e eu, três vezes por dia: às 07:00, às 12:30 e às 19:00. Porém, ele estava sempre igual...

Na noite em que faleceu, eu estava com ele na CTI e uma enfermeira pediu para que saísse um pouco, pois outro paciente estava passando muito mal. Assim, o horário das visitas atrasou, mas pedi para deixarem nossa filha Adriana, que estava retornando do trabalho em Marau, entrar para vê-lo. Foi a despedida de todos nós... (muita emoção)

Mal deu tempo de chegarmos em casa e logo ligaram do hospital, pedindo para falar com a Adriana. Fui eu que atendi a ligação. A Adriana havia pedido no hospital para que ligassem para o seu celular,

mas, como ele estava em sua bolsa, com volume baixo, pois havíamos chegado há pouco de lá, acabaram ligando para o número fixo.

Eu estava tomando café com a Iáscara, cuidadora que ficava a maior parte das noites com ele, tanto no hospital, como também em casa, quando precisávamos.

Apesar de eu saber da gravidade da situação, sempre tinha esperança de que ele voltaria para casa... Então, a Adriana atendeu a ligação e disse: O pai não aguentou...

Quando a Joca e a Terezinha, amigas e companheiras do grupo de oração, ficaram sabendo do falecimento do Heitor, vieram, no mesmo momento, para nossa casa e, até o momento de podermos ir para o Memorial da Paz, local onde aconteceu o velório, ficaram conosco em oração.

Não posso deixar de agradecer às inúmeras manifestações de apoio e carinho que recebemos. Isso confortou muito a mim e à toda família. Inclusive familiares que moram bem distantes, e que eu nem imaginava que viriam, compareceram. Outras tantas pessoas não tiveram como estar presentes, pois, como era feriado, primeiro de maio, estavam viajando. Porém, mais tarde se manifestaram através de várias ligações. O Heitor partiu no dia de São José, cuja profissão era a carpintaria, artesão que trabalha com a madeira, tal qual foi a atividade oficial do Heitor ao longo da vida. Ele deve ter se sentido “homenageado” pela data reservada para o seu adeus temporário, pois, além de ser devoto desse santo, também tinha José em seu nome: Heitor José Pandolfo.

As orações e cantos continuaram a ser conduzidas pela Terezinha e pela Joca até o momento da chegada do Padre Darci De Carli que conduziu uma encomendação mais do que especial, tanto que o título desse capítulo foram palavras proferidas pelo próprio Padre Darci. Ele é uma pessoa peculiar e amigo da família há muitos anos!

Outro fato que me emocionou, profundamente, foi a chegada do Josias, fisioterapeuta, e do Zé, Marinês e Wando, amigos de longa data, às quatro horas da manhã no velório.

Até esse momento estávamos apenas nós, os filhos e eu, e foi muito bom termos tido esse tempo a sós com ele. Hoje vejo que foi importante e necessário...

Como o Heitor era torcedor fervoroso do Internacional, alguns amigos tiveram a lembrança de cobrir seu caixão com a bandeira do seu time de coração, a qual foi com ele para sua morada eterna.

Quando a cerimônia religiosa terminou, voltamos para casa e minha querida neta Isabella ficou direto comigo até o domingo à noite, quando retornou pra Cascavel, cidade em que cursa Medicina. Nunca vou esquecer todo colo que recebi dela, inclusive dormindo na mesma cama comigo.

Na semana seguinte, para minha surpresa, chegou minha outra neta Elisa, acompanhada da Sabina, minha bisneta. Elas moram nos Estados Unidos e também vieram para me acarinhar nesse difícil momento. Foi muito bom tê-las comigo durante os dias em que aqui permaneceram.

Também recebi muito apoio do grupo de oração da Santa Terezinha, do qual eu faço parte, e do Camti lá do Campestre. Meu enorme agradecimento a todos vocês!

Outra querida e grande amiga, há mais de cinquenta anos, é a Aciles Fontana. Ela, às vezes, até vem dormir comigo para me fazer companhia. Sem palavras!

Foi, sem dúvida alguma, o capítulo mais doloroso para mim falar. Porém, por outro lado, serviu para reafirmar a crença de que a decisão sobre a vida ou sobre a morte cabe, única e exclusivamente, a Ele, Deus, e que o Heitor partiu cercado do maior amor e cuidados possíveis, o que muito conforta a todos nós, familiares e amigos.

Até um dia, meu querido Heitor! Recordar é viver. Eu ontem sonhei, e continuarei sonhando, com você!



Lápide do Heitor com os dizeres que havia colocado no seu livro e com sua frase habitual: Como é bom ficar velho! Falava isso para todo mundo. As videiras, uma de suas paixões, foram trazidas dos Estados Unidos pela Adriana, nossa filha.

Capítulo XX

Rememorações



Não posso deixar de mencionar o meu grande agradecimento à uma vizinha chamada Darci, pois, logo que voltamos de Marau, ela foi muito boa e querida para mim. Ela me ensinou, entre outras coisas, a costurar calça de homem. A Darci tinha marido e cinco filhos homens, razão pela qual precisou aprender a fazê-las. A Adriana e o Adroaldo se davam super bem com seus filhos. Ela era uma dona de casa e tanto! Moramos perto durante um ano e pouco, mas continuamos sempre muito amigas. Ela vinha seguido lá em casa e conversávamos muito. Levo essa convivência guardada, de forma muito especial, no meu coração!

Também quando já estávamos morando em Passo Fundo, e a fábrica do Heitor estava indo muito bem, chega na minha casa uma amiga de longa data, Aciles Fontana. Eu achava que já havia feito de tudo um pouco na minha vida, mas não é que estava enganada; Nunca pensei em trabalhar como sacoleira, vendedora ambulante, empresária, muambeira... (risos) Pois acabei fazendo tudo isso a convite dessa amiga: Vamos vender produtos de beleza; É uma marca nova e boa. Se tu entrar comigo, vamos ganhar 50% de tudo que vendermos. Podemos vender roupa também. Eu já vendo roupa há muito tempo. Aí eu sugeri vendermos semi joias de Guaporé. Lá tem várias fábricas. Ela concorreu e fomos fazer minha inscrição na empresa de produtos de beleza. Já sai de sacola em mãos.

Fomos até Guaporé de ônibus, visitamos as fábricas e compramos algumas coisas. Fizemos pedidos para buscar dias mais tarde e, já no dia seguinte, elaboramos um roteiro de pessoas conhecidas para

irmos à luta. Não é que deu certo; De manhã fazíamos a lida da casa e à tarde saíamos com nossas sacolas nos braços. Nós éramos a vitrine em pessoa e, a mulherada vendo nosso brilho todo, não se aguentava e, geralmente, queriam igual às peças que estávamos usando. Dizíamos que tínhamos em casa e que, no outro dia, faríamos a entrega. Porém, na verdade, só tínhamos aquelas que a Aciles ou eu estávamos usando. Então, se era eu que estava usando a semi joia, a Aciles voltava para fazer a entrega; e, se era ela que estava usando, eu é que retornava para entregar. (risos)

O negócio ia de vento em popa. Procurávamos ter sempre novidades. Íamos nas fábricas de Cotiporã, Erechim e Guaporé, sendo que lá estavam nossos melhores fornecedores.

Como as vendas estavam acelerando, começamos a contratar vendedoras aqui em Passo Fundo, em Sertão e em Campo do Meio. Montávamos um mostruário, com várias peças diferenciadas, dávamos 30% de comissão e ainda tínhamos o lucro do dobro do que havíamos pago.

As duas filhas da Aciles, Mara e Márcia, também revendiam, além do Júlio, noivo da Márcia. Ele era bancário e fazia isso como um extra. Da minha parte, como eu ia seguido a Medianeira, Paraná, visitar minha filha Adriana, comecei a perceber que as vendas, da mesma forma, iam muito bem por lá e, assim, tratei de colocar uma vendedora por aquelas bandas também.

Surgiu a onda da prata italiana. Tinham maravilhas e tudo era vendido muito rápido. Como tínhamos muitos mostruários, cada um diferente do outro, as sacolas eram muito pesadas. A Aciles vinha um dia de Belina e outro de Corcel. Porém, aconteceu um fato inusitado: costumávamos deixar o carro em estacionamentos de lojas enquanto andávamos pela redondeza, oferecendo nossa mercadoria. Entretanto, um dia andamos tanto, mas tanto, que ao chegarmos para pegar o carro a garagem da loja já havia fechado e o carro ficou pousando lá. Só conseguimos buscar no outro dia. (risos)

Sempre vendíamos em três vezes: uma entrada e mais duas parcelas. Fazíamos questão de vender parcelado, pois, no mês seguinte, íamos com novidades e vendíamos mais produtos.

Saíamos com roteiro traçado e, onde haviam mulheres que trabalhavam em órgãos públicos, a venda era garantida. Elas enlouqueciam e uma comprava mais do que a outra. Era onde vendíamos com fartura.

Eu só parei de vender porque a Aciles foi morar em Chapecó. Porém, hoje ela está de volta em Passo Fundo e continuamos nossa bela amizade.

Como já falei anteriormente, a Angelina e o Pedro Vieceli são amigos de uma vida inteira. A Angelina eu conheci em Guaporé, mas não tínhamos amizade, e o Pedro era amigo do meu irmão Darci.

Quando eles casaram, vieram morar em Passo Fundo. Como nessa época também estávamos morando aqui, ficaram sabendo, através do meu irmão, onde estávamos morando. Foi aí que começou nossa amizade. Nós já tínhamos o Adalberto, com quatro anos, e pensávamos em ter um segundo filho. Então, engravidei da Adriana e a Angelina, um mês depois, também engravidou.

Naquele tempo não existia ultrassom. Só após o parto é que ficávamos sabendo o sexo do bebê. Nós gostaríamos que fosse uma menina, pois já tínhamos o Adalberto. Aí, no dia 7 de agosto, dia do aniversário da cidade de Passo Fundo, nasceu a Adriana. A Angelina e o Pedro também queriam uma menina. E não é que no dia 10 de agosto nasceu a Mara; Isso só fortaleceu a nossa amizade. Dois anos depois eles tiveram a Mariese e, também após dois anos, nasceu o Marcos, nosso afilhado. O Adroaldo, nosso terceiro filho, veio após um ano da chegada do Marcos.

Naquele tempo tinha de duas a três sessões de cinema por domingo: uma das cinco às sete, outra das sete às nove e outra das nove às onze. E vejam a nossa cabeça, minha, do Heitor, da Angelina e do Pedro: o Adalberto tinha cinco anos e nós deixamos a Mara e a Adriana, apenas com meses de vida, dormindo e sendo cuidadas pelo Adalberto. Eu avisei a vizinha do lado que, caso ele precisasse de ajuda, chamaria por ela. E nós fomos ao cinema. Já pensaram; Eu não lembro se nós fomos na sessão das sete às nove ou das nove às onze, mas olhem que coisa bárbara! Deixar uma criança de cinco anos com dois bebês... Só nós mesmos! (risos)

Nossa amizade se estendeu e permanece, até hoje, entre nossos filhos também. A Adriana era sempre convidada para ir para a praia com a família Vieceli, mas, em uma dessas vezes, o carro estava lotado e não havia lugar para ela. Porém, na madrugada da viagem deles, fomos acordados pela Angelina e pelo Pedro, pois, como suas filhas Mara e Mariesi não paravam de chorar, pelo fato da Adriana não estar indo junto, decidiram ir buscá-la. Arrumamos sua bagagem às pressas e lá foram eles em uma Brasília: três adultos, Angelina, Pedro e Dorvalina, irmã do Pedro; três pré-adolescentes; uma criança e todas as malas e sacolas. (risos)

Tínhamos o hábito de fazer filó todas as semanas, expressão italiana que significa visitar a casa um do outro, e almoços nos finais de semana. Éramos uma só família. Como a Mara e a Mariese casaram no mesmo dia, a Adriana foi madrinha de uma no religioso e de outra no civil. Assim, mantemos nossa amizade há décadas, com muito companheirismo e respeito de ambos os lados.

Como também já mencionei, eu sempre gostei e cultivei flores nos lugares onde morei e onde hoje moro. Todas me encantam, mas as de cor vermelha, minha cor preferida, me fascinam ainda mais.

Amizades, flores e casualidades da vida... Ficamos conhecendo uma mulher idosa que fazia faxina para ganhar o pão de cada dia. Já estava com muitas limitações e, nessa época, havia uma lei que permitia a aposentadoria a todas as pessoas a partir dos sessenta nos, independente de terem contribuído ou não. Como o Heitor e eu ficamos muito sensibilizados com sua situação, providenciamos a documentação para sua aposentadoria e, quando ela recebeu seu primeiro salário, me trouxe, em agradecimento, um vaso de cerâmica que me acompanha até hoje. Seu nome era Carmosina.

Ela morava perto de outra idosa doente. Decidimos ir visitá-la. Tinha duas filhas adolescentes. Comentou que tinha muita fraqueza e dor no seio. Então, marcamos uma consulta, quando foi diagnosticado um câncer em estágio bem avançado. Ela foi operada e, durante sua internação, fomos vê-la. Disse que tinha muita vontade de chupar limão. Assim, fui até um mercado próximo e comprei um saco de limões, mas, como o horário de visita já havia encerrado, não me permitiram entrar.

Não me dei por vencida e, enquanto o Heitor me esperava no carro, dei um jeito de entrar pelos fundos do hospital e consegui entregar os limões para ela. (risos)

Houve uma melhora depois da cirurgia, mas, vendo seu estado e sabendo que também já tinha sessenta anos, tratamos de encaminhar sua aposentadoria, processo que foi rápido em função da sua doença. No seu primeiro recebimento, ela, com uma das filhas, trouxe uma torta para comemorarmos sua conquista. Comemos a torta juntos e, depois, o Heitor levou-as para casa com o restante da torta, pois sabíamos da sua condição bastante precária.

Os tempos eram outros e a confiança era na base do fio de bigode, tanto que acolhemos em nossa casa pessoas que não conhecíamos e nem sequer sabíamos de onde vinham, como, por exemplo, um paraguaio, um afinador de piano e harmônio e um rapaz envolvido com drogas. O paraguaio nos foi enviado pela irmãs do Notre Dame, pois ele estava aqui para acompanhar nossos encontros do RCC, já que ele participava do mesmo grupo em seu país. Dizia que lá eles comiam mandioca no café da manhã. (risos) O afinador de piano e harmônio encontramos na sacada da sacristia da Igreja Conceição. Estávamos saindo do grupo de oração e, como era uma noite muito fria, vimos que ele estava todo encolhido e o levamos para nossa casa. Ele era de São Paulo. E o rapaz, que estava enfrentando grandes dificuldades com as drogas, nos foi enviado por um clube de serviço de Medianeira, pois, como sabiam que a Adriana tinha os pais morando em Passo Fundo, solicitaram que ficássemos prestando assistência a ele durante sua internação no Bezerra de Menezes, a qual teve a duração de dois ou três meses.

E, para finalizar esse capítulo, preciso mencionar que no Natal de 2018, em Chapecó, houve um momento muito especial, além da alegria em estarmos reunidos, como costuma ser. Após o almoço do dia 25, o Heitor surpreendeu a todos com a entrega de um pacote para cada um dos que estavam presentes. Qual foi a nossa surpresa quando, ao abrimos a embalagem, nos deparamos com um livro escrito pelo Heitor, contando a história da sua vida. A reação foi de emoção muito forte, tanto que algumas pessoas chegaram às lágrimas. O contentamento foi geral, pois trata-se de um registro único para todos.

Apesar da dificuldade que ele já apresentava em movimentar as mãos, conseguiu autografar todos os livros. Depois desse momento inusitado, começaram a surgir comentários sobre fatos do passado, onde muitas recordações afloraram.

O Marcos Vieceli, nosso afilhado, que mora em Sorriso, Mato Grosso, disse: Madrinha, li tudo em um único dia! Isso demonstra não só o interesse dos jovens em saber sobre acontecimentos que não viveram, quanto também o enorme presente que representou para familiares e amigos.

E agora, também para minha total surpresa, sou eu que estou lançando o meu livro, relatando episódios da minha vida, a convite que me foi feito e que, apesar de ter sido um desafio e tanto, aceitei com muita satisfação. Valeu todo enorme empenho que me exigiu!

É claro que, com a pandemia, não sei como será a comemoração do Natal desse ano, mas, independente do contexto, acredito que a repercussão será igual ou parecida à que aconteceu no lançamento do livro do Heitor. Somos a Zélia Gattai e o Jorge Amado dos pampas gaúchos! (risos)



Livro escrito por Heitor José Pandolfo



Vaso de cerâmica que uma pessoa muito humilde, mas de enorme coração, me presenteou por tê-la ajudado.

Capítulo XXI

A Vida Merece Generosidade



Atualmente participo do Camti (Campestre Terceira Idade) do Clube Caixeiral. Faço duas vezes por semana hidroginástica lá e, geralmente, vou acompanhada do meu irmão Nilson. Agora, em função da pandemia, não tenho ido, mas, assim que as coisas normalizarem, vou voltar imediatamente.

Tenho um grande grupo de amigos. Em uma de nossas confraternizações, o Heitor recebeu a homenagem de pai do ano. Nossos três filhos estavam presentes, o que muito nos alegrou.

Eu, por minha vez, fui surpreendida, no ano passado, no chá em comemoração ao Dia da Mulher, dia em que também faço aniversário, com uma emocionante homenagem de todo grupo. Fui chamada para o meio do salão e cantaram parabéns para mim. Foi inesquecível!

Graças a Deus sempre fui uma pessoa saudável. Quando entrei na idade do com dor (risos), comecei a sofrer de desgaste, o que não considero doença. É da idade! Tenho prótese nos dois joelhos e nos dois quadris; pinos nos dois ombros; retirada de catarata nos dois olhos, com implante de lentes; cirurgias de retirada de apêndice, vesícula e duas de bexiga; nódulo no seio; varizes; mioma no útero...e, agora, fiquei sabendo de uma hérnia que, felizmente, não precisarei retirar. Porém não considero tudo isso doença, mas sim, quilometragem de vida!

Nesse período das cirurgias, contei com a ajuda essencial da fisioterapeuta Juliana Martinelli. Seu auxílio foi fundamental na minha reabilitação. Apesar dela acompanhar também o Heitor, seus atendi-

mentos aconteciam de forma mais intensa comigo , pois, naquele momento, eu é que estava necessitando bem mais.

Minhas atividades com a pandemia pararam todas: fazia duas vezes por semana academia no Rafael Tonet e duas vezes por semana hidroginástica no Campestre. Porém, apesar de todas as mudanças da vida, continuo com minha rede de apoio: a Ivete Martins, que assume a organização da minha casa com tanto carinho como se fosse sua própria; a Monica Menezes Matte, que me oferece todo um qualificado suporte médico para que eu siga com a saúde que, graças a Deus, até hoje me acompanha; a minha querida personal Fabiana Mocelim, profissional com excelência no preparo físico e que tanto contribui para que eu mantenha minha autonomia em meus passos e movimentos; o Josias Gauze que, com suas “mãos mágicas” alivia as inevitáveis dores que vêm surgindo ao longo desses 87 anos de idade; e a Elaine Badzinski que me oferece todo apoio emocional em momentos deliciados e difíceis que todos nós vivenciamos, em maior ou menor intensidade. Preciso reforçar que, através da Elaine, recebi o incentivo e ajuda em fazer algo que eu nunca poderia imaginar, e que foi através do “vai em frente”, que recebi dos meus filhos, que tive a possibilidade de executar essa obra tão especial para mim! Esse livro servirá de elo entre o meu passado e a minha permanência na memória de meus netos e bisnetos. Gratidão e muitas bênçãos a todos vocês!

Porém, como já disse, quando vier o sinal verde volto para a hidro, pois sinto muita falta das minhas queridas amigas, pois, além de nos encontrarmos nas aulas, costumávamos nos reunir em algum shopping para lancharmos e batermos aquele bate papo! Essas conversas rendiam muito... (risos)

Também quero retornar ao grupo de oração na Santa Tereziinha que costumava acontecer nas segundas-feiras. Tenho amigas muito especiais lá e sinto muitas saudades de todas: Terezinha, Leila, Joca, Maria Helena, Oraide, Vanda, Carolina, Ana e Edith. Formamos uma forte corrente na caminhada da fé que, sem dúvida alguma, contribui para dias mais ensolarados em minha vida!

Sinto que, apesar dos 87 anos estarem aí, procuro usufruir o máximo de cada dia. Morrer é da vida, mas, enquanto estiver por aqui, tão

bem quanto estou, graças a Deus, não vou deixar passar nada daquelas coisas, pequenas ou grandes, pouco importa, que me trazem felicidade e um novo sopro de vida. “Na plenitude da felicidade, cada dia é uma vida inteira.” Johann Goethe

Maria Mafaciolli Pandolfo continua na área! (risos)



Os amigos são muito importantes para mim. Nessa foto estou com a Maria Mugnon, no Caixeiral Campestre, como a representante de uma legião de amigos que tenho a felicidade de ter.



Passeio na “Estação Gastronômica da Gare” com minha filha Adriana, nora Luciana e neta Linda.



Passeio no Quintino com a filha Adriana e os netos Felipe e Isabella.



Com a personal, amiga, e, quase filha, Fabiana Mocelin.



Atividade física feita com a supervisão da personal Fabiane Mocelin.

Formato: 14,8 cm x 21 cm
Tipologia: Projeto Passo Fundo
Corpo: 12 pt
Fontes Títulos: Magnolia Script
Fontes Texto: Times New Roman
Papel Pólen



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

projetopassofundo@gmail.com
projetopassofundo.com.br

Maria, juntamente com seu esposo Heitor José, conduziu sua família com amor, segurança, apoio e compreensão, espelhando-se na “Família de Nazaré”.

Esta é, para mim, a maior lição desse relato, um hino de afirmação do amor e testemunho da capacidade de superar-se sempre.

Espero que a leitura desta autobiografia e o exemplo de Maria tragam inspiração e coragem para que nós também possamos enfrentar os desafios de nossa vida com força e determinação.

Boa leitura e um grande abraço!

Leila Maria de Macedo Zanella



Maria é uma mulher movida pela vida e sempre esteve à frente do seu tempo. Do trabalho rude nas entranhas de terras longínquas, à sutileza do ofício com joias e costura, fez-se Maria: leal com sua verdade e que honra, ao pé da letra, com seus princípios. Soube, e continua sabendo, fazer de cada possibilidade, uma nova oportunidade!



Quando eu lembro daquela menina lá de trás que, a muito custo, chegou até a metade da terceira série, e, apesar disso, conseguiu conquistar tantas coisas, mal posso acreditar...

Sei que a presença amorosa do meu Heitor, durante 66 anos, juntamente com o apoio incondicional dos meus filhos, netos, bisnetos, muitos familiares e grandes amigos, foram fundamentais nessa minha feliz caminhada. E é graças a tudo isso que procuro, apesar de todas as dificuldades e desafios diários, fazer valer cada novo dia com que Ele me presenteia!

Maria Mafaciolli Pandolfo
De Braços Abertos Para a Vida



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

